

Textos

Odilon Garcez Ayres

Coleção de textos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados em redes sociais, jornais, revistas e livros diversos, disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 07/08/2007

Título : 1ª Carreta do Agasalho

Categoria: Artigos

Descrição: “Aqueça seu coração antes do inverno”, é o slogan da campanha que se desenvolve em Passo Fundo, coletando roupas para serem distribuídas à população carente.

Odilon Garcez Ayres (*)

“Aqueça seu coração antes do inverno”, é o slogan da campanha que se desenvolve em Passo Fundo, coletando roupas para serem distribuídas à população carente. A iniciativa nasceu nos quadros sociais do CTG Lalau Miranda, sob a patronagem de Eluyr José Reschke, com o apoio dos órgãos da imprensa locais e da Prefeitura.

Tudo começou em 1984. A Comissão Coordenadora fez visitas às autoridades, para obter apoio.

Foram feitas explanações nos órgãos de comunicação social e as autoridades, como o comandante do 3º RPMon, ten.-cel. Jair Santos, o bispo diocesano, Dom Urbano Algayer, que aderiu à campanha; de ambos também, juntamente com o

Diretor de Assistência Social e Hermes Longhi, representando a Passotur, na visita ao Major Costa e Silva, Comandante da Unidade do Exército Nacional, que se engajou na campanha cedendo duas viaturas para o transporte das doações.

A Comissão Coordenadora, tendo à frente o Patrão do CTG Lalau Miranda, Eluyr José Reschke, e os companheiros Odilon Garcez Ayres, Dirceu Gonçalves e Hermes Longhi, foram recebidos pelo Gerente da TV Umbu e Rádio Atlântida FM, Milton Marcucci, pelo Vice-Reitor Acadêmico da Universidade de Passo Fundo, professor Agostinho Both, e pela Secretária da Reitoria, Professora. Dóris Azambuja; na 7a. DE, pelas professoras Iara e Neusa; no Colégio Instituto Educacional pela professora Cenira Barbisan e na EENAV, pela professora Angela Lângaro, que dispensaram as melhores das atenções e se prontificaram a empregar seus esforços para o mais absoluto sucesso da 1ª Carreta do Agasalho.

Enquanto a TV Umbu fazia tomadas mostrando a realidade dos mais necessitados, as rádios martelavam a mesma notícia, os jornais esmiuçavam o acontecimento, os Escoteiros batiam de porta em porta, a Invernada de Danças do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda participou da missa dominical na Catedral Nossa Senhora Aparecida e após seu término, distribuiu folhetos aos que haviam participado do ato religioso.

No dia 29 de abril de 1984, o CTG Lalau Miranda, realizou a “1ª Carreta do Agasalho”, juntamente com as seguintes entidades: S. C. Gaúcho, Diretoria de Assistência

Social, Secretaria Municipal de Turismo, Desporto e Cultura, jornais Diário da Manhã e O Nacional, emissoras de rádio – Rádio Planalto, Rádio Passo Fundo e Rádio Uirapuru, Atlântida FM, Diário da Manhã FM e Planalto FM, RBS e TV Umbu e a Coordenadoria da 7ª Região do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Participaram e apoiaram o Grupo de Escoteiros Guaranis e Cariris, 3º R C Mec do Exército Nacional, CPA-3 e 3º RPMont, da Brigada Militar, Corpo de Bombeiros e Secretaria de Serviços Urbanos. A guarnição do Exército Nacional e a Brigada Militar colocaram à disposição veículos para arrecadação nas vilas, com o concurso de 30 escoteiros dos grupos mencionados. Participou do evento, também, a 1ª Prenda da 7ª Região do MTG, Eliane Carpes.

O recolhimento das doações desenvolveu-se durante todo o dia 29 de abril de 1984, na Praça Marechal Floriano, parte fronteira à Catedral Nossa Senhora Aparecida, das 9 às 19 horas.

O evento foi coroado de êxito, pois em seis pontos especiais de arrecadação, exatas 444 pessoas fizeram donativos de roupas para adultos e crianças, além de utensílios de cama, mesa e banho, totalizando 3.325 peças e mais 62 cobertores novos, adquiridos com o numerário doado e depositado na Caixa Econômica Estadual, que totalizou Cr\$ 289.000,00.

Depois de meses de trabalho das abnegadas esposas dos membros da patronagem foram aquinhoadas as seguintes entidades: Confraria Vicentina Sta. Terezinha, Santa Clara, Lucas Araújo e Nossa Sra. Aparecida; Cebem – Centro de Bem Estar do Menor; Creche Criança Feliz Rua Manoel Portela; Cebem – Núcleo Dona Júlia, Creche Santa Izabel, Creche Vicentina Vila Fátima, Colégio Valinhos; Assistência Diocesana Leão XIII; Cebem – Núcleo Centro; Creche Santa Izabel; Lar Emiliano Lopes; Albergue Pe. Roque, Escola Sebastião Rocha

(Valinhos), Escola Antonino Xavier Oliveira, da Vila Jardim, Escola Georgina Rosado, Escola Dileta Barroso Marinho, Escola Pe. Luiz Serraglio, Escola Lucile Fragoso Albuquerque, Escola Etelvina Rocha Duro, Diretoria da Assistência Social DAS, Sami - Sociedade Auxílio Maternidade e Infância e Ambulatório da Vila Entre Rios.

O evento prosseguiu sua trajetória brilhante e desprendida, e neste ano do Sesquicentenário de Passo Fundo, o CTG. Lalau Miranda, repartiu as honras pioneiras, e juntamente com a Prefeitura Municipal, a Semcas, Sesc-rs e 7ª Região Tradicionalista, realizaram uma carreta que arrecadou milhares de peças de roupa e algumas toneladas de alimentos.

“Daí de graça o que de graça recebeis” (Lucas 9 e Matheus 10.6).

Data : 07/08/2007

Título : 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha

Categoria: Artigos

Descrição: Em 1984, o CTG Lalau Miranda já havia adquirido 7,5 hectares de terras na Roselândia, por 60 milhões de cruzeiros, a troco de 120 Títulos Patrimoniais, aceitos no negócio, pelo Sr. Irady Laimer.

Odilon Garcez Ayres (*)

Em 1984, o CTG Lalau Miranda já havia adquirido 7,5 hectares de terras na Roselândia, por 60 milhões de cruzeiros, a troco de 120 Títulos Patrimoniais, aceitos no negócio, pelo Sr. Irady Laimer.

Com o propósito do prefeito Fernando Machado Carrion de alocar recursos e realizar todos os anos uma edição do rodeio a patronagem do CTG. Lalau Miranda, capitaneada pelo Dr. Eluyr José Reschke, avocou a si a realização do 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha.

Depois de várias reuniões aglutinando forças, pois esse empreendimento era um desafio para os passo-fundenses, instalou-se o QG. Do 1º Rodeio, nos altos da antiga Câmara de Vereadores, hoje Teatro Municipal Múcio de Castro.

Instalada a Secretaria Geral, iniciou-se estruturação das diversas Comissões e a agilização dos patrocínios para a feitura de cartazes, folders, livretos e regulamentos e convites, os quais foram remetidos em número de 1.500 para todos os CTGs do RS, SC, PR, SP, MS e RJ, confirmando a data de sua realização de 14 a 17 de novembro de 1985.

Apesar da data imprópria para os campeiros, a receptividade esteve acima do esperado, com o trabalho pertinaz de Oscar Pinto Vieira e Plínio Mena Barreto, que conseguiram graciosamente 300 bois para laçar.

Quase 20% das 728 entidades filiadas ao MTG participaram, inclusive de outros estados.

Os Concursos de Mais Prendada Prenda, Chula Adulto, Chula Mirim, Danças, Adulto, Danças Mirim, Canções Conjunto, Gaita Ponto, Gaita Ponto Livre, Gaita Tecla, Violão, Declamação de Piá, Declamação de Prendinha, Declamação de Peão, Declamação de Prenda, Bandoneon, Trovadores, Laço Duplas, Nacional de Patrões, Laço Guri Duplas, Nacional de Rédeas, Rédeas Guri e Nacional de Gineteadas, contaram com representantes das 132 entidades presentes, recebendo um total de Cr\$ 36.450,000 de prêmios.

Um anel de brilhante foi oferecido pela Joalheria Hexsel a Márcia Vieira, eleita a Mais Prendada Prenda do Rodeio, representando o Terra Pampeana de Passo Fundo e um óculos solar para Taniamar Helena Reschke, eleita Primeira Prenda do Rodeio, juntamente com Patrícia Fagundes, 2ª Prenda e Débora Biazus Nicolini, eleita Prenda Simpatia do 1º Rodeio.

A Comissão Central Executiva, lembrada em placa de bronze e abençoada pelo Padre Paulo Aripe que oficiou a Missa Crioula, estava assim constituída: Dr. Flávio Benvegnú (Presidente); Nilo Fernandez (1º Vice-Presidente); Adão Nascimento (2º Vice-Presidente); Dr. Eluyr José Reschke (Coordenador); e Odilon Garcez Ayres (Secretário Geral), todos satisfeitos com a afluência dos convidados.

Passo Fundo, não tão receptiva nos primeiros dias de Rodeio, rendeu-se ao sucesso do evento quando os motores dos aviões da Esquadrilha Brasileira da Fumaça roncaram sobre o céu da Capital do Planalto e encantaram os presentes com suas arrojadas acrobacias aéreas.

Uma caravana de automóveis jamais vista tomou conta dos seus acessos empoeirados, para apreciar de perto o espetáculo e sentiram a magnitude do 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, que já está em sua 13ª edição.

Hoje, 2007, o acesso ao Rodeio no Parque Turístico da Roselândia está totalmente asfaltado, a infraestrutura é perfeita e dos dez mil visitantes em 1985, foram 55.000 pessoas que participaram do evento, para assistir e aplaudir 56 municípios gaúchos que se fizeram representar e mais 11 de Santa Catarina, dois do Paraná, dois de São Paulo, um da Bahia, um de Rondônia, um do Distrito Federal, um de Goiás e um do Mato Grosso, perfazendo 2.515 competidores nas lides campeiras, e entre elas, 430 duplas de laçadores, que bateram laço arduamente em 819 reses para levar um automóvel zero como brinde.

Nas competições artísticas, foram 2.099 peões e prendas nos concursos de solistas, invernadas de danças, declamadores, gaiteiros, chuleadores, danças de salão, trovadores e mais 27 grupos de danças das Escolas de 1º grau, entreveradas no tablado coberto Maurício Sirotski Sobrinho.

Data : 22/06/2012

Título : A Lenda da Cobra Grande do Passo Fundo

Categoria: Contos

Descrição: Tu pensas, que me anganas, finório, com esse palavrório, rebuscado, terçando palavras adormecidas, encalacradas nos dicionários,

A Lenda da Cobra Grande do Passo Fundo

Tu pensas, que me anganas, finório, com esse palavrório, rebuscado, terçando palavras adormecidas, encalacradas nos dicionários, guardadas nos armários, por arcanos e sabujos, levando-me a crer, que o terremoto alhures, não foi tu que provocastes, se fazendo de distraído, mexendo no computador, olhando para o interior, da terra, onde se esconde no aquífero, a cobra grande, o minhocão que, de tempos em tempos, nada descontraída, sobe pelo albardão do boqueirão, dobra a direita e passa bem em frente, a praça, donde tu, com ou inconscientemente a avistastes se reboleando, e o chlep, chlep do seu extenso rabo, qual estrondo do trovão, fez tremer, como de tantas outras vezes, os altos dos mais altos da nossa urbe.

Leon, continues a rugir, você não me engana, o que adquiristes vai além da nossa compreensão, mas não da minha percepção, pois nem tudo me escapa, sempre no ser humano, há sobre-capa, que a gente esconde, e só o douto descasca.

Nunes, você não me engana, com teus poderes ocultos, no justo momento do desastre, fechastes o e-book que lias, quebrando o encanto que acontecia.

Odilon Garcez Ayres

Escritor

Membro da Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 30/06/2007

Título : A lenha

Categoria: Artigos

Descrição: Cada pau de lenha que eu coloco no fogo do meu fogão passou pelas minhas mãos. Premido pela necessidade de sol no inverno...

A lenha

ODILON GARCEZ AYRES

Cada pau de lenha que eu coloco no fogo do meu fogão passou pelas minhas mãos. Premido pela necessidade de sol no inverno, podo as árvores da minha propriedade c com cias amenizo o frio do inverno

Parece história, mas cada pau de lenha levou uma machadada, um esforço foi feito, um fácil, outro difícil, uns se tornaram uma tortura, até chegar-se à acha final.

Para rachá-la, a tora é colocada em cima de um cepo maior ou mais resistente, com nós que indicam sua dureza. Observa-se o veio existente na lora. rachaduras quase imperceptíveis, denominadas veios, nos indicam que o fio do machado mais facilmente conseguirá transpô-la. rachando-a com a maior facilidade.

A poda realizada na lua minguante indica que a água da árvore está concentrada em suas raízes, e permitirá, pela pouca umidade, que seja mais imune ao ataque do caruncho; a madeira, a tábua ou a acha manterá sua durabilidade sem o risco do ataque dos cupins. Até o fraco timbó (protetor das florestas) resistirá e se tornará um bom lenho para o fogo, cortado na minguante.

Cada acha de lenha tem a sua história para o machado e para minha memória. Muitas vezes tenho pena de colocá-las no fogo, peço desculpas e até perdão, pois a lenha, a acha, a madeira, a tábua, nada mais são do que um ser vivo que foi abatido, e agora, inerte, morto, assim como a carne, a proteína, servirá de calor, para me aquecer e para cozer meus alimentos.

Talvez agora eu não consiga explicar como gostaria, mas a árvore, a madeira, tem vida. E é com respeito e admiração por que não?- que, quando vemos queimar uma acha, com voz, com cerne, que nos avermelha o rosto, sinto amor por aquele lenho inflamado. Quando o machado, guiado por meu braço, com extrema força, às vezes, mas nunca com raiva ou ódio, passa, pela segunda, terceira, quarta ou quinta vez por minhas mãos, até chegar ao seu destino final, ao qual Deus nos permitiu, mas com respeito e com reverência, lembro da parábola sobre os vasos do oleiro, pois também se aplica a nossa irmã árvore.

Um cedro não foi feito para o fogo, mas para os palácios de Salomão e, as esculturas dos artesãos. As árvores nobres para o mobiliário e os instrumentos musicais, como o jacarandá, e assim por diante, conforme o nosso conhecimento. Trate bem a canjerana, a canela, o camboatã, o tarumã e tantas outras, coloque-as no fogo para te aquecer e assar o teu bocado, com respeito

e com admiração, com conhecimento de causa, sabendo, que cada madeira tem a sua cor, o seu cheiro, sua fragrância, sua dureza como pedra ou sua moleza como a cana, sua fumaça cheirosa ou nauseante, sua brasa viva e duradoura, seu calor ou sua inconsistência.

Deus sabe que as trato com carinho, com respeito e admiração repetitiva. Com pena de queimá-las, às vezes postergo para outro dia mais frio, porque a sua alma aquece o meu coração, a minha casa e os meus ossos.

Após pensar estarem concluídas estas assertivas, pego uma acha de lenhaseca, cujo pedaço a serra passou de leve, e eis que, naquela reenirância, acomodou-se, fez casa, uma pequena aranha!

Como vou queimar a casa e a minha irmã do reino animal, embora aracnídeo, cujo nome nunca me foi dito? Não posso, deixo-a de lado, para o outro ano. E aí me assalta a culpa de tantas outras vezes, por desconhecimento, descuido ou até conscientemente, dando pouca importância, ter lançado ao fogo, lenha repleta de carunchos, formigas brancas e novatas pretas, e outros tantos insetos e nematoides pertinentes às árvores.

Muitas perguntas nos atravessam a alma, neste momento em que paramos para refletir nesse pequeno gesto de colocar, num vupt, uma lenha inerte, mas repleta de vida em seu interior, no fogo, tal como às vezes fazemos com nosso próprio semelhante.

Creio que não encontrei a última acha, e fui-me em sua busca no galpão. No caminho, lembrei-me que os ameríndios dizem que o petróleo é o sangue da mãe-terra, e eu acrescento que se o petróleo é o sangue, enquanto o gás natural é o pum fétido da terra. Portanto, mal comparando com a lenha, vamos queimá-lo, sem remorsos.

{Odilon C. Ayres é autor do romance Oché y Sefé Tiarayú.}

Da Revista

Água da Fonte nº5

Data : 03/05/2012

Título : AOS DOUTOS E IGNORANTES DA LUA

Categoria: Artigos

Descrição: Estava eu ontem assistindo no Canal Rural uma entrevista sobre o manejo da Pupunha e da Palmeira Real, quando em determinado momento o entrevistado diz que a Pupunha cortada regularmente,...

AOS DOUTOS E IGNORANTES DA LUA

Odilon Garcez Ayres*

Estava eu ontem assistindo no Canal Rural uma entrevista sobre o manejo da Pupunha e da Palmeira Real, quando em determinado momento o entrevistado diz que a Pupunha cortada regularmente, lança novo perfilho, rebrota, tornando a sua coleta, interminável e lucrativa, e ao isto dizer, mostra uma, com quatro brotos, outra, com seis e outra com nenhuma, e aí, neste ponto, eu, me pergunto e pergunto ao entrevistado e ao Canal Rural, se o corte dessa variedade obedece as fazes da lua ou não, porque pela re-brotação, desordenada, deduzo que o corte é feito aleatoriamente, não sendo pré-estabelecido um plano lunar.

Outra questão que se me apresenta é quanto ao extrativismo de espécies exóticas, com as de “pinus”, eucalipto e outras, se elas, obedecem um plano lunar, que permita uma nova brotação e conseqüentemente ofereça um novo ou novos cortes indefinidamente, poupando os gastos com replantio.

A minha experiência em mais de trinta anos em um sítio com meia centena de espécies nativas, tem demonstrado claramente, que a poda ou desbaste, realizado na lua minguante, não deixa sequelas, e cicatriza rapidamente, bem como, se o corte, tanto de espécies exóticas como nativas, se efetuadas na lua minguante, o rebrote, o lançamento de perfilho como queiram ou uma brotação vigorosa, ocorre sempre se observarmos esse período lunar.

ACORDOS EXTRATIVISTAS

Nesta mesma linha de ação, com a febre do etanol que se avizinha, vem a faca de dois gumes: Cortar a cana a facão ou com colheitadeira mecânica?

Uma é ecologicamente incorreta, pois se tem que fazer a queima da palha gerando efeito estufa, mas propicia emprego aos Brasileiros; a outra, mecanicamente é um corte limpo e que deixa a terra protegida pela palha, preservando-a da inclemência do sol e protegendo os microrganismos, mas, gerando desemprego em massa.

Isto posto, não seria possível, via lei governamental, que os produtores de cana, usassem de meio termo, fazendo com que, os produtores, não importando o

tamanho de sua propriedade, um ano fizessemos corte com máquina, e no outro ano, usando mão de obra ?

Alguns vão argumentar que as caríssimas máquinas ficariam ociosas um ano, o que poderia ser compensado, se fossem arrendadas para outras propriedades, pertencentes ao mesmo rodízio (corte mecanizado), agilizando a tarefa e compensando o atraso das propriedades que estariam cortando a sua cana com mão de obra humana.

Quanto ao extrativismo que se prevê no Rio Grande, de eucaliptos e pinheiro americano, sugiro também aos nossos governantes que pré acordem com a Enso, Votorantim, Riocel etc., que em 50% do corte que vai ser efetuado, também seja usado a mão de obra humana, compensando o poderio das máquinas que cortam, desbastam, erguem e empilham as árvores, com apenas um operador. O corte braçal poderá ser feito, com moto serra, bem como o desbaste e o carregamento via guindaste, utilizando dois homens ou três para esta operação, minimizando o desemprego. Há que se compensar, de uma maneira ou outra, o lucro fantástico que a colheita mecânica propicia às indústrias, bem como a cedência do nosso solo e da água e da infra-estrutura colocada a disposição, sem que nem um tostão tenha sido colocado por elas, em energia elétrica, estradas, comunicações, portos e aeroportos.

De graça ofereço o conselho: Plantem na lua cheia e colham na minguante, cada árvore abatida, renascerá em outras, quatro cinco ou seis.

Explicação: Na lua minguante, a água das plantas, das árvores, estão concentradas em suas raízes, deixando folhas, troncos e galhos mais enxutos, imunes aos carunchos e cupins, e permitindo a explosão de força nos brotos com a água que lá está toda acumulada.

Vale lembrar ainda, que das mais de setenta espécies de eucaliptos que existem em nosso Estado, comprovadamente, esta espécie exótica, tolera e agrega, a maioria da flora e da fauna nativa, ao contrário do que acontece com o pinheiro norte americano.

Aproveito o ensejo para registrar aqui, que a recente invasão de besouros ocorrida em Bagé, nada mais é do que, um fenômeno cíclico, desses insetos, e nada tem a ver com os reflorestamentos existentes ou em andamento do Rio Grande do Sul, pois já na década de 60 (sessenta), na época do carnaval, milhares de testemunhas de Cachoeira do Sul, podem atestar este fenômeno, do qual poderia se fazer sabão de besouros, tantos eram nas ruas da Capital do Arroz. Nesta época, nem a Borregard existia no Rio Grande do Sul, portanto, vamos parar de inventar que tudo é culpa da monocultura. Mal comparando, existe um tipo de cigarra, que eclode da terra a cada 13 (treze) anos e nem por

isso traz algum prejuízo, a não ser o nojo que os “cola-fina” tem do inusitado, do desconhecido besourinho da metade sul.

N.B: Sou apenas um observador, que aprendeu com seus avoengos e na escola da vida a distinguir alguns caprichos da natureza.

(*) Escritor

Membro da Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 31/05/2011

Título : Artistas que fazem a história

Categoria: Artigos

Descrição: Hoje, os grupos musicais, em especial os ditos “fandango”, uns do “tchê music”, alguns de raízes, e outros meio descompromissados com a música gauchesca, sobem nos palcos, chocalhando a mondongueira, do princípio ao fim.

Artistas que fazem a história

Hoje, os grupos musicais, em especial os ditos “fandango”, uns do “tchê music”, alguns de raízes, e outros meio descompromissados com a música gauchesca, sobem nos palcos, chocalhando a mondongueira, do princípio ao fim. Esse balanço compassado ao som das músicas, essa mania que tomou conta de todos os conjuntos, foi surgir, por um dos seus membros, justamente num grupo dos mais famosos e autênticos do Rio Grande do Sul, através de um gaiteiro catarinense que veio lá do Paraná, e que por aqui se aquerenciou.

Mas, muito antes desse exímio malabarista e acordeonista, um outro surgiu nos anos 70, num dos conjuntos de baile dos mais sofisticados de Passo Fundo. Alcançou fama interestadual, pois tinha em seu arsenal, além dum instrumento chamado “solovox” (só existiam dois no país), e em suas fileiras, um “ritmista” que rolava nas mãos, com maestria, uma “maraca”. Além disso, cantava, dançava, saracoteava, se mexia e se remexia, rodopiava, gingava, e se chocalhava no palco ao som da fenomenal orquestra.

O gaiteiro macanudo a que me referi era de Maringá. Apareceu aqui no 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, em 1985, com seu jeito simples e com cara de

sério, pois usava óculos com um pouco mais de um metro e meio, e cuja gaita 180 quase o fazia sumir, apequenando-o, mas transformando-os num só, gaita e gaiteiro, nos tabladros de espetáculos ou de CTGs, e nos palcos da vida. Não tem explicação!

“Se chocalhava mais que bolacha emboca de velho! Se mexe e remexe mais que minhoca em terra quente! E por fim: Sarandoca mais que pipoca em panela de banha quente!”¹

Toca, não canta, mas é a alma incansável dos Monarcas, sem desmerecer do premiado chefe Gildinho ou de seus companheiros de voz ou instrumental.

Esse pioneirismo do músico gaúcho em constante movimento nas apresentações, salvo melhor juízo, de alguém que, porventura antes dele tenha sido o feitor dessa proeza, no meu entendimento e no meu conhecimento, esse fenomenal precursor se chama: Varguinha!”

O outro, o famoso “ritmista”, por incrível que pareça, também era do Paraná, de Curitiba, hoje é passo fundense de coração.

Aqui chegou no início da década de 60, com o famoso circo, ou melhor, com o Teatro do Biduca, e para que não parem dúvidas na minha lembrança, fui rememorar com ele os velhos tempos.

Lourival Rosa da Silva, o “Lori”, acompanhou o Teatro Biduca por todo o país, durante 14 anos, atuando como ator, cenógrafo, músico e cantor, junto com seus companheiros, Pedro, Silvio, Lori e Flávio, e só despediu-se do teatro que amava, e do inesquecível Biduca, aqui em Passo Fundo, depois de ter andado Brasil afora, e de ter-se casado em Uruguiana, com a marauense, Palmira Dal Paz, tendo dessa união duradoura duas filhas, as passo-fundenses, Izalmar e Danieli.

Para ilustrar, o Teatro do Biduca permaneceu quase um ano aqui em Passo Fundo, armado ali em frente ao antigo Pedro Timm, hoje um posto de gasolina, e o espetáculo teatral esteve lotado todos os dias e noites, e o refrão, “cherebéu”, que Biduca intercalava em suas apresentações, virou coqueluche no meio da gurizada.

Biduca, jogador inveterado, o que ganhava no teatro entregava no carteadado, pra turma do Clube Caixeiral, nas noitadas regadas a champanha.

Certa feita, em Livramento, passou uma noite e um dia jogando e enxugando champanha. Então sai ziguezagueando na sua ‘chevrolet’ conversível, e pergunta a um transeunte: “Onde é... o Teatro do Biduca?”

“Mas, o senhor é o Biduca!” “Eu sei que eu sou o Biduca! Mas onde é que está o Teatro? Que eu preciso... me apresentar!”

Nos anos 70, Biduca, considerado por todos os artistas que com ele trabalharam, como um “pai” irrepreensível, de um coração generoso e despojado, faleceu na cidade de São Leopoldo, falido, deixando as artes cênicas mais pobres, mas não no olvido dos gaúchos. Lourival Rosa da Silva, passou então a integrar como cantor e ritmista, tocando bateria, pandeiro, reco-reco e maraca, nada mais nada menos, que a Orquestra de Dino Bertoglio e seus Satélites Musicais, durante oito anos. Apresentaram-se por todo o sul brasileiro, desde Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo e Campo Grande, juntamente com os seus

companheiros, os músicos Lori, Paulo Balzan, Sérgio Reveileuax, Aldo Balzan, Odilar, Dino Bertóglgio e Alcindo Laidens.

Foi nessa Orquestra, que rivalizava na época com Baudolfi, Cassino de Sevilha e outras, que Lori mostrou e demonstrou todo o seu potencial artístico, sempre sorridente, revezando-se em todos os instrumentos de ritmo, e se movimentando por todo o palco. Daí o seu pioneirismo comportamental, levando plateias ao delírio, e recebendo convites de outros conjuntos musicais para atuar em Porto Alegre e São Paulo, sendo convidado para trabalhar na TV Catarinense.

Os Tchê de Passo Fundo, conjunto regionalista, foi um dos pioneiros no gênero. Dele fizeram parte os renomados músicos, testemunhas vivas dessa história: Jorge Trindade, Miguel Pereira, Benhur Barbosa e Marcon, todos famosos nos meios tradicionalistas daquela década, que ainda requisitavam o Lori, principalmente para atuar nas temporadas no Mato Grosso do Sul.

O nosso eclético, vivaz e serelepe ritmista, precursor, do músico em movimento, ainda encontrou forças e tempo para integrar, juntamente com seus amigos, Zé, Sarará, Dejanira, Lori, Paulista e Carrão, o Grupo de Samba Passo-Fundense “Sandália de Prata”, onde, amadoristicamente, encerrou sua carreira.

Nos dias de folga de sua vida artística, trabalhou nas Lojas Alegretti, na Reny Calçados e, atualmente, trabalha nos domingos e feriados na portaria do Centro Clínico, sem contar que, nas horas vagas, com oitenta e um (81) anos de vida bem vivida, com sua família, alegre e sorridente, trabalha com pintura... de paredes, para não passar o dia parado!

Eis mais um passo-fundense de coração, que brilhou e que abrilhantou a nossa vida social!

Nota: ¹ Regionalismos e apelidos.

(Odilon Garcez Ayres, romancista e historiador, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 27/06/2014

Título : BEM-TE-VI

Categoria: Crônicas

Descrição: Se eu fosse criar uma agremiação política, para representar a classe média brasileira, sem dúvida alguma, escolheria como ícone, como símbolo, o nosso Bem-te-vi!

BEM -TE -VI

Se eu fosse criar uma agremiação política, para representar a classe média brasileira, sem dúvida alguma, escolheria como ícone, como símbolo, o nosso Bem-te-vi!

É um pássaro de porte médio como nós, que ostenta uma série de predicados positivos, como vereis nesta reflexão.

Levantam cedo, de madrugada, fazem uma algazarra danada, saudando-se uns aos outros com Bem-te-vi pra cá e bem-te-vi pra lá, e como uma família, cada um vai colher a sua minhoca ou seu inseto de cada dia, como faz a classe média brasileira, e quase ao ponto de meio dia, tomam os ônibus dos ares, e começam a chamar-se, sentidos, amorosos e talvez pressurosos, seus e suas companheiras, com um longo...não te vi....onde estás meu bem-te-vi!?

Se reúnem ao meio dia, como fazem nos fins de tarde, em longos e alegres colóquios, cantando e rindo como foi o seu, na fábrica, na loja, no escritório, na agricultura, nos seus trabalhos de dia a dia.

Mas, um sempre fica de sentinela, talvez um tio velho aposentado, ou um viúvo solitário, pousado na copinha, nos últimos galhos do pinheiro, do camboatã ou do eucalipto, impávido, atento, e vigilante, soltando de vez em quando seu canto sentido, para dizer que está no seu posto, para os seus iguais, e para todos os pássaros da floresta, seja no campo ou na cidade.

Seus aliados, na faina de se defender e atacar os intrusos e carniceiros, são os tico-tico, (guris) as corruíras, (as gurias) os beija-flores, (crianças) os sabiás,(moças) o rabo-de-palha (que balança mas não cai), o João de barro pedreiro, o anú, o chopim e até o quero-quero, são os que dão o grito de alerta para o bem-te-vi.

Mas ai de quem se aproximar com intentos corruptos e maldosos, alertado pelos pequenos, outros se ajuntam, e até os canarinhos e as sabiás, acodem em socorro do bem-te-vi, que com seu voo veloz, bico afiado e sua coragem destemida, ataca os pássaros de grande porte, sejam eles, gaviões do sul, carcarás do nordeste, ou tucanos do centro-oeste.

Com sua licença vou fazer um adendo para ficar bem entendido:

Como você sabe, os símbolos (maçonaria, globo, nazismo, cia) identificam pessoas e agremiações, e é atrás deles que as ideias e ideais se escondem, e sem querer querendo produzem seus produtos para o bem o ou para o mal, e cito apenas dois.

O tucano é um pássaro bonito, diferente, vistoso, de bela plumagem, variada, com bico descomunal e poderoso, e que agrega junto de si, outros da

mesma espécie, desde o tucaninho até o tucano rei, mas todos eles, sem exceção, embora plantem e comam sementes, “são predadores”, comem os ovinhos dos outros pássaros, matam, destripam e comem os filhotes da passarada, sem dó, nem piedade!

Prestem atenção...não fui eu que descobri isso, foram os Bem-te-vi, quando os tucanos começaram a aportar no Rio Grande do Sul, oriundos do Pantanal.

Olha, eu não estou falando do partido (psdb) e seus aliados, ou do FH, Serra, Neves, Falcão, Ignácio, Gabeira, Genros, Dilma ou Dutra, etc., todos “farinha do mesmo saco”, pois todos eram amigos e companheiros desde as décadas 60 e 70, assim como Pedro, Paulo, e Simão Barsejus, cada um foi viver a seu modo.

Estrela Vermelha, você sabe, não existe...existe o Planeta Marte apelidado de vermelho ou Deus da Guerra...o símbolo de cinco pontas é uma criação do homem, que se diz vermelho, judeu antigo, que emigrou para a Rússia, e que acrescentou um “ov, ev , ou ói, para impressionar os ocidentais.

Fratricida, homicida de marca maior, a Estrela Vermelha (Lenin, Tolstoi, Kruchev, Putin e Molotov que les pariu) espalhou a morte e a discórdia pelo mundo...Mao...mau mesmo, na China, e dali para a Espanha, Portugal, Itália, Brasil, África, e no Caribe, encontrou um sabujo em Cuba, que semeou a discórdia na América Latina e na África, ferindo a auto determinação dos povos, através dum Argentino andarilho, e só não caiu até hoje, porque também é um Fidel Judeu!

Voltemos ao nosso mote, ao nosso bem brasileiro, o Bem-te-vi, sereno, impávido, vigilante, com seu bico portentoso, seu olhar sério, impenetrável, distinto e correto como Ruy, Osório e Joaquim, e como é a classe media brasileira, trabalhadora, que se contenta em ganhar honestamente sua vida, e vive com parcimônia , seus bens maiores, são a família, a casa modesta de sua propriedade, o carrinho de segunda mão, uma poupancinha para escapar do *sus-plício, a mesa farta e com os filhos estudados.

O nosso bem-te-vi com sua plumagem verde-amarelo, que nos identifica com seu tamanho, médio brasileiro, nunca se contentou em ser “bolsa família”, galgou com seu trabalho sem ser esmoler, tão pouco quer ser “marajá”, como Collor, Sarney, Renan seus comparsas políticos Mensaleiros, e milhares de outros tantos encastelados no Executivo, no Legislativo e no Judiciário.

Ele é o que é, um eterno vigilante e defensor, em favor dos outros pássaros menores (b, c, ou d), prontos para defender seus amigos e para afugentar da vida brasileira, os gaviões, tucanos e carcarás do nosso país.

Doravante, ao menor sinal de mazela, roubo, corrupção, desvio de conduta, safadeza, ardil, sem-vergonhice, homicídio, assassinato, malvadeza, estupro, assalto, patifarias de Decretos, Ordens de Serviços e Leis que firam a nossa dignidade, vamos usar o bico poderoso e distinto do bem-te-vi...que é a caneta, o jornal, a televisão, o panfleto, o celular, a foto, o e-mail, o face, o twitter, o amsn ou o blog, denunciando, acusando, mostrando , e pedindo justiça...seja lá o que for...dizendo:

Mal-te-vi!...Mal-te-vi! Mal-te-vi! Se possível com duas testemunhas....
Assinado: Bem-te-vi!

Nossa saudação será um mavioso assovio...te vi...te v i..bem-te-vi! Que cada um poderá reproduzir com seus lábios, com sua boca, esse nosso símbolo, nosso passarinho, o Bem-te-vi, para que as aves predadoras do nosso país saibam, que estamos atentos, vigilantes e preparados para atacar, afugentar e banir para sempre os traidores da Pátria amada, Brasil.

Oga.11,46 hr. 26.08.2013. 15,51 hrs.

Odilon Garcez Ayres

Escritor

Membro da Academia Passo-fundense de Letras

Data : 07/08/2007

Título : Câmara de Dirigentes Lojistas

Categoria: Artigos

Descrição: Foi nas dependências da Joalheria Hexsel, (Av. Brasil, 325), a seis de agosto de 1964, tendo a frente um grupo de proeminentes líderes do comércio lojista

Odilon Garcez Ayres (*)

Foi nas dependências da Joalheria Hexsel, (Av. Brasil, 325), a seis de agosto de 1964, tendo a frente um grupo de proeminentes líderes do comércio lojista, que nascia para servir aos lojistas e a comunidade Passo-Fundense, o Clube de Diretores Lojistas de Passo Fundo, tendo como metas primordiais desenvolver a aproximação entre dirigentes de lojas a varejo, criando clima propício à cooperação, à troca de idéias e informações, e dentro desse todo, criar um clima favorável para manter um departamento cadastral para cobertura de vendas a crédito, bem como, para cooperar com autoridades, associações de classe e entidades, para o bem estar da comunidade e dos Lojistas.

Conrado Augusto Hexsel (Joalheria Hexsel); Manoel Edú Reis (Lojas Floriani); Napoleão Sfoggia (Papeleria Líder); Samuel Zimmermann (Casa Sonora); Jaime Kwitko (Casa São Paulo); Giulio Césare da Casto (Casas Paris); Ruby Waldomiro Falleiro (Joalheria Falleiro); Ícaro Sfoggia (Livraria Nacional); Wilson Barnewitz (Vidraçaria Scarinci); Nahum Schwartzmann (Casa Rayon); Ademar de Oliveira Poças (Casa Genta); Luiz Formighieri (Casa Primavera); Jorge Waldir

Ortiz Cunha (Casas São Carlos); e Reny Grazziotin (Comercial Grazziotin Ltda.), foram os Lojistas fundadores.

Com sua sede localizada na época, na Rua Moron, 1605, 1º andar, sala 2 do Edifício Eleonora, os primeiros passos do CDL foram de grande sacrifício e abnegação.

Desde a 4ª Convenção Nacional do Comércio Lojista, realizada em São Paulo, em 1963, houve a presença do CDL de Passo Fundo. Foram quarenta e quatro participações com expressivas caravanas nas Convenções Nacionais, e quase outras tantas em Convenções e Seminários Estaduais.

Esta participação lhe valeu a realização em 1968, do 3º Seminário Estadual dos SPCs do RS e, em 1973, da 4ª Convenção Estadual do Comércio Lojista, do 7º Seminário Estadual de SPCs e da pioneira, 1ª Convenção Feminina Lojista do Rio Grande do Sul; em 1979 da 10ª Convenção Estadual do Comércio Lojista, do 13º Seminário Estadual dos SPCs e da 7ª Convenção Feminina Lojista, e por último, em 1990, da 21ª Convenção Estadual do Comércio Lojista, do 24º Seminário Estadual de SPCs e da 18ª Convenção Feminina Lojista.

Outros eventos se sucederam e Passo Fundo se firmou como Pólo Regional no comércio e na prestação de serviços. A CDL tem presença marcante na comunidade com o lema: “Unidos servimos melhor”.

E foi com este lema, que sua primeira Diretoria foi eleita e estava assim constituída: Presidente, Conrado Augusto Hexsel; Vice-Presidente, Jaime Kwitko; Diretor Secre tário, Aldo Bettinelli Battisti; Diretor de Relações Públicas, Ruby Waldomiro Falleiro; Diretor Tesoureiro, Giulio Césare da Casto, e Diretor Social, Manoel Edú Reis.

O Departamento de SPC é um capítulo à parte. Fundado em 15 de agosto de 1960 é o quarto do Brasil. Teve quatro Diretorias, tendo sido o seu primeiro Secretário Executivo o Sr. Paulo de Souza Nunes.

A Odilon Garcez Ayres, coube a primazia e a honra de ter sido o primeiro Secretário Executivo das duas entidades coligadas, CDL e SPC.

Sua sede própria está localizada no 4º andar do Edifício Palácio do Comércio, na Av. General Neto, 434, e de Clube de Diretores Lojistas, passou a denominar-se Câmara de Dirigentes Lojistas. Graças a mais importante das Convenções, a de 1973, que, foi possível a compra da Sede própria da CDL.

O ato de compra, firmado pelo Presidente Clélio Ênio Sciéssere e seus pares da gestão 74/75, com o empresário e Lojista da Casa São Paulo, Sr. Jaime Kwitko, foi o clímax da gestão, que teve início na 1ª Convenção Estadual do Comércio Lojista, realizada em Santa Maria, quando seu Secretário Executivo, Sr. Danton Pereira dos Santos forneceu ao Secretário Executivo da CDL e SPC de Passo Fundo, informações sobre o “modus operandis” de como se conseguir uma sede própria. E o caminho encontrado foi a 4ª Convenção trazida da 3ª Convenção realizada em Cachoeira do Sul.

Agilizado o processo, juntamente com o Dr. Gaspar Pedro Santin, Delegado da Federação das CDLs do Rio Grande do Sul junto ao Governo, quando se realizou a 4ª Convenção Estadual do Comércio Lojista, governador do Estado, Euclides Trichês, se fez representar pelo Secretário de Estado de Turismo Roberto Eduardo Xavier, como palestrante, e na abertura da Convenção pelo Secretário

de Estado da Indústria e Comércio, Dr. Edson Baptista Chaves, que mandou o “sinal verde”, que possibilitou a compra de quase um andar inteiro do Palácio do Comércio.

Em 1964 eram apenas três dezenas de Lojistas filiados, em 1973, já somavam noventa e três e em 2007, são oitenta filiados a CDL e oitocentos e cinquenta no SPC, números do sólido progresso.

Data : 31/07/2010

Título : Compadre Tamanduá

Categoria: Contos

Descrição: conto - excertos do Livro Coxilha do Céu.

Odilon Garcez Ayres , Masculino, 66, garcezyres@via-rs.net

Remessa para teste.

Compadre Tamanduá.

Para aumentar a renda da família o Padrasto colocou uma fábrica de vassouras, enchemos uma casa de palhas, e eu e o tio Pedro Velho é que *rasquiava as sementes, limpava a vassoura, depois torneava os cabos, e num torno pregava e amarrava com três voltas de arame, estava pronta, e eu saía vender na vila que era rodeada de vassouras do campo.

Ora... se fosse em Passo Fundo, tudo bem, mas em Coxilha, se compravam uma vez, durava seis meses. Cadê capital de giro...até, que faliu por falta de compradores, e eu e o Tio Pedro Velho, folgamos.

Nosso depósito de vassouras, que ficava na casa vizinha, morava anteriormente um compadre de meus pais, o seu João Tamanduá, cujo filho pequeno, diziam, tinha barriga d'água, depois morreu, e ele, foi embora não sei pra donde, assim como, o Odarzam, um guri de quase dois metros de altura, pois o carrinho de lomba dele dava três dos nossos, e igualmente, as rodas e os eixos *cardan, eram descomunsais.

Mas o compadre Tamanduá, era baixinho e todo peludo, descendente de Esaú, parecia um urso de óculos, tinha medo não, um pavor danado de cobra, e alem disso ainda era *cosquento, era só alguém gritar: Olha a cobra! Ou jogar um ramo qualquer, que ele se atirava longe.

Vai daí, que a patente dos empregados da madeireira Goelzer, era na rua dos fundos, cujos fundos da mesma se avistava da estrada geral, hoje avenida em frente a antiga Estação Ferroviária, e por ser alta, a dita latrina, se via de longe os dejetos *ploft, *ploft, se misturando com os outros, e a dita estava ocupada

pelo Tamanduá, e vai um dos colegas, sabendo das *cóscas, e do medo do gaiato, das cobras, nessa hora meditativa e silenciosa (e eu quase não consigo escrever de tanto me rir), enfiou uma ripa por debaixo daquele enorme vão, roçando as partes íntimas do Tamanduá, devagarzinho, como se uma cobra fosse.

Só se ouviu um grito apavorante, e a porta ser arrancada com tramela e tudo, e aquele vulto peludo e pelado, sair correndo e entrar no galpão, espavorido e apontando para a cobra imaginária que estava na patente.

Foi farra pra mais de semana, para uma dezena de colegas que estavam espiando de longe, que tinham urdido a brincadeira e estavam aguardando o desfecho da cena, que foi hilariante.

***** ○ *****

Excertos do Livro Coxilha do Céu a ser lançado em 2010.

Data : 30/11/2012

Título : Confrades da APL (Safra 2010)

Categoria: Poesia

Descrição: Carlos Madalosso, rima com colosso, Médico famoso, empresário, não dá troco,

Carlos Madalosso, rima com colosso,
Médico famoso, empresário, não dá troco,
Em seu consultório, em formato de poço,
Sua especialidade é tripa, intestino grosso,
Que ele corta, diminui, sutura, fim do enrosco,
O sujeito come pouco, emagrece, esbelto, fica moço!

Elmar Floss é planejador,
Estruturado, articulador,
Mestre em aveia e cultivares,
Engenheiro-agrônomo, pesquisador,
É uma sumidade,
Trabalha pela humanidade.

Diógenes Basegio é pra frente,
Gordinho, baixinho, sorridente,
Médico e Deputado coxilhense,
Pra Assembleia vai contente,
Esse medica e cura muita gente,
Já na política é diferente,
Come pelas bordas, muito competente.

Sueli Gehlen Frosi, professora,
Fã do ECA, culta escritora, é acolhedora,
Senta na mesa, faz pose de Diretora
Faz atas, imprime, é detentora
De letra linda, clara, redentora,
Passa a limpo, coloca na impressora,
Nós ficamos sabendo até da Tesoura..ria!

Marilise Lech, a primeira dama,
Eminência parda, contundente,
Sempre descontraída e contente,
Organiza, agenda, sala e café quente,
As reuniões andam, ficam pra frente,
Prepara o caminho, olha de frente,
Psicóloga, Ph.D., futura presidente.

Mauro Gaglietti, professor em Direito,
Da Imed e na Uri leva no peito,
Defende os fracos, oprimidos, com defeito,
Cientista político, perfeito,
Ô sujeito forte, decidido, foi feito,
Pra Mestre, Reitor e até Prefeito!

Odilon Ayres, batalhou, é aposentado,
Não vive apertado, tão pouco folgado,
Entrou ontem na Academia, despachado,

Cuida da tesouraria, quem diria...
Escreve do presente e do passado,
É um dos sete, está comprovado,
Não precisou nem de salmoura,
Pois é afilhado do Xico Garcia,
Cadeira 38 do Tenebro dos Santos Moura.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2013

Título : De quem é o Mate Amargo?

Categoria: Artigos

Descrição: Na década de 1980, estávamos num churrasco confraternizando, na Ervateira Dona Ana, de Dom Rômulo Antônio, ao som do bandoneon do Maestro Buri (Arne Ricardo Vuori)...

ODILON GARCEZ AYRES

Na década de 1980, estávamos num churrasco confraternizando, na Ervateira Dona Ana, de Dom Rômulo Antônio, ao som do bandoneon do Maestro Buri (Arne Ricardo Vuori), um Finlandês Argentino, que se tornou nosso guia e Cônsul dos Rodeios Internacionais de Passo Fundo, quando lá pelas tantas, para mostrar-lhe meus dotes de declamador, pedi-lhe para tocar a rancheira “Mate Amargo” sobejamente conhecida da gauchada rio-grandense, e, depois de um talagaço num copito de vino blanco, o nosso maestro fez roncar o bandoneon, sendo que, no interregno, eu meio desenxabido, disse uns versos e parei contrariado:

Mas, me desculpe Maestro. Isso que o senhor tocou não é o nosso Mate Amargo?

Respondeu-me:

Não, não é o Mate Amargo de acá, tão poco o Uruguaio, pois o Mate Amargo é Argentino!

A las putcha! Pensei eu. Que enrascada fui me meter, embora soubesse desde guri, no Coral de Canto Orfeônico no Colégio Conceição, que a aludida rancheira não era gaúcha, pois eu a copiara, e dizia assim:

Aqui estoy yo pa que me dém algún lugar,
Aunque 'hê mujer al fin yo se qu'e de cumplir,
Pues, alo gaúcho les he de cantar,
Y no se ham de arrepentir.

Na remedios já se tiene fé
(Y si es de tiro)
Oigale! Por favor!
Já se ajusta las polleras
Por que'en las rancheras
Hace pota ancha, si señor!
Tiene un lindo cuerpo...Tentador
Miren como se menea
Y se colorea
Mesmo qu'el aji.

Com essa criolla de verde
Amalaya! Quien pudiera,
Me gusta quando se rie
Por'que saca un diente ajuera

Miren la cara e la vieja
Si no e la lechuzón!
Si la vista no me engaña
Se le há prendido em la caña
Como ternero mamón!

Sem eu o saber, até hoje, eu declamara os versos, que na letra original, são realmente declamados, e que por ironia, o maestro os desconhecia, e a parte cantada, são versos que eu não sabia.

Então rapidamente, ali naquele entrevero musical, me disse que, ao contrário do que não se faz aqui no Brasil, a rancheira estava gravada e registrada, e tão logo voltasse a Oberá, me mandaria a comprovação de suas palavras.

Dito e feito, num envelope pardo, endereçado a Señor Odilón Ayres Garcés, veio um partitura do Mate Amargo argentino, gravada pelos Aires Nativos, adaptada para Canto Escolar, e que numa pesquisa mais apurada nos revela, que esta

rancheira, leva música de Carlos F. Bravo (argentino, funcionário da companhia Victor de Buenos Aires), e letra de Juvenal Fernandes e Francisco Brancatti, cantor, guitarrista, autor e compositor uruguaio oriundo de Montevideu (1890-1980), grande amigo de Carlos Garcez (Gardel), Esta rancheira foi estreada em 1928 por Libertad Lamarque e a Orquestra da RCA Victor com grande sucesso. Gravada nesse mesmo ano em 12 de setembro com registro de nº 80954. A voz de Brancatti é que aparece nos floreios da famosa interpretação de Libertad Lamarque. Mate amargo também foi cantada por crianças com uma letra escolar no Centenário da morte da Cantora, em 2008.

Na verdade, em 1957, eu havia copiado na sala de música, apenas algumas estrofes da rancheira Mate Amargo, que eu acreditava ser Uruguaia, e o é pelo seu autor, recopilada pelos gaúchos, erroneamente é dita como nossa, é dobre-chapa, mas que na verdade, está registrada como Argentina, e o Maestro Buri estava com a razão!

Pesquisas:

Rascunho do autor - Coral Orfeônico do Colégio nas. Sra. da Conceição – 1957.
maragatoassessoramento.blogspot.com.br

YouTube: Libertad Lamarque e autor - Hugo Aranguiz – solo de bandoneon.

“In memorium” de Arne Ricardo Vuori (Maestro Buri) – Helsinki – Finlândia

*1936-Oberá-Argentina + 2003.

(Odilon Garcez Ayres é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 12/10/1991

Título : DO BARRETE A MONARQUIA

Categoria: Artigos

Descrição: Às vezes fico pensando, que os políticos de um modo geral, não precisariam de remuneração, para exercerem seus cargos. Se abolida, fosse, essa prática corruptora, e imoral,...

DO BARRETE A MONARQUIA

Odilon Garcez Ayres*

Às vezes fico pensando, que os políticos de um modo geral, não precisariam de remuneração, para exercerem seus cargos. Se abolida, fosse, essa prática corruptora, e imoral, quantos males seriam evitados, a nossa nação, e qual não seria a sua situação hoje, de lisura e de progresso. Pois se pensarmos em sã consciência, começando pelo nosso Município, nossos Vereadores, exemplificando, precisam realmente de uma remuneração polpuda, para exercerem seus mandatos? Uma maioria não, alguns poucos gatos pingados, talvez. Nosso Prefeito precisa de remuneração? Também não. Oriundo de uma família tradicional, política e abastada, engenheiro formado, também não precisaria. Agora vejamos por outro ângulo, o que leva falsos políticos e falos líderes a se lançar na política, se não é a remuneração e as negociatas.

Temos aqui um médico famoso, que, se colocado frente a frente com qualquer candidato leva nítida vantagem, mas...é voz corrente de todo o nosso povo que ele não se candidata a Prefeito porque seu cargo de Diretor do Hospital lhe rende mais que o ordenado de Prefeito. Nos escalões do Estado a coisa não é muito diferente, fizeram da política uma profissão extremamente rendosa e sem riscos. Apenas na era militar, algumas poucas raposas, foram cassadas. Outras, em sua grande maioria, filhotes e netos da raposada escaparam incólumes e até se locupletaram com o poder reinante, fizeram o seu pé de meia e hoje são os salvadores da pátria.

Pergunto: Vocês já viram algum político ir mal de vida, perder o emprego, não poder pagar as prestações das “casas próprias” (a da matriz e da filial), não estar presente em todos os acontecimentos sociais, entrar em greve reivindicando aumento de salário ou se queixar da inflação? Acho que não. Entra governo e sai governo e eles estão numa boa, e nós cada vez piores.

Querem um exemplo: Há dez anos atrás, aqui mandava o PMDB, pois já passou uma administração de seis anos do PDS e estamos no final de uma do PDT, e os edis de ambos os partidos, que inclusive, não se elegeram, continuaram com polpudos cargos, extensivos aos familiares, simplesmente porque o governo federal era situação e o estadual, oposição, se não conseguiam mamar na teta da direita, continuavam mamando na teta da esquerda.

Eu me propunha a fazer um extenso comentário sobre esse assunto, mas enfada, enoja, tanta miséria moral e malandragem em nosso país, mas digo mais alguma coisa para desabafar. Na área federal, temos dois deputados que até agora, a única coisa que a imprensa diz que fizeram foi se acusarem mutuamente de “nepotismo”, ou seja, de um e de outro, tão somente empregar a família.

Pergunto a um amigo que sofreu uma melindrosa intervenção cirúrgica no coração, como ia o seu Deputado Federal, pois em tempo de campanha política havia subido em postes e barrancos pintando o seu nome, distribuindo panfleto de porta em porta, trabalhando de verdade, dia e noite, e eu imaginei que o

referido tinha lhe prestado as melhores das considerações nessa hora aflitiva e de extrema gravidade, pois afinal de contas, ainda por cima era funcionário do tal Deputado a vinte e dois anos. Respondeu-me o interpelado safenado: Nunca mais movo uma palha, pois me prometeu ajudar nos custos da cirurgia, prometeu, pois nunca mais se manifestou. Além disso, meu amigo, sabes, quanto é o básico dos gerentes de suas empresas? Quarenta e seis mil. Caí do cavalo e o conceito do político também.

Isto são apenas óbices de somenos importância, porque as mazelas, as negociatas e todos os adjetivos da malandragem da política brasileira estão escancaradas todos os dias nos meios de comunicação, são de tal envergadura, uma maior do que a outra, que até já há uma aceitação inconsciente, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo e que isso esteja acontecendo em toda a parte do globo, quando isso não é verdade, pois basta lembrarmos que Nixon, Presidente dos States do primeiro mundo, caiu de quatro, foi sepultado politicamente por ter usado a máquina administrativa para fins eleitorais; o Primeiro Ministro Japonês retratou-se publicamente, pela televisão, que havia recebido propina de empresários e desapareceu do cenário. Aqui, estamos letargiados, hipnotizados e alienados de tal forma, que esquecemos rapidamente os casos mais escandalosos e escabrosos.

Lembram do Abi-Hakel ? Dias atrás, o vi, numa convenção partidária, alegre e sorridente. Sabem... aquele Presidente do BNCC, daquele banco que tinha ali na Rua Capitão Eleuthério, que era Ministro, sabem... que eu não sei mais o nome dele, nem se o escândalo foi de dinheiro público ou se de pedras preciosas?

Como estou descambiando para divagações, volto a afirmar que temos que recomeçar politicamente, com ética, com lisura, com idoneidade, com honra, com palavra, com fio de bigode, com real interesse pelo povo e pela nação, colocando cada um, sua inteligência e seu tempo em benefício dos mesmos, gratuitamente, sem subterfúgios e interesses mesquinhos.

Para que isso aconteça é necessário que as pessoas de bem, cultas, abastadas ou não, interessadas em ajudar o povo e a nação, coloquem, seus nomes e serviços a disposição da nação, gratuitamente, pelo simples prazer de servir e de realizar. Que seja seu galardão, sua recompensa, seus honorários, como no tempo dos caudilhos, que colocavam seus peões, suas estâncias e seu dinheiro a serviço de uma causa, de um Partido ou de uma Revolução, e que, ao final da jornada eram agraciados com o título de Coronel ou de General Honorário do Exército ou até então voltando a Monarquia, agraciados apenas com Brasões de Armas e títulos de Conde, de Barão, comendas e medalhas de ordens, pelos seus inestimáveis serviços prestados à Pátria.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras

Obs: Escrito em 12 de outubro de 1991..

Data : 23/05/2008

Título : DO QUERO-QUERO AO PICA CHAN CHAN

Categoria: Artigos

Descrição: Aqui no meu reino particular, encravado na urbe que ruge quase sem parar, já vi, já presenciei, fatos, e aparições de outro mundo, não fantasmagóricas, ...

DO QUERO-QUERO AO PICA CHAN-CHAN

Odilon Garcez Ayres*

Aqui no meu reino particular, encravado na urbe que ruge quase sem parar, já vi, já presenciei, fatos, e aparições de outro mundo, não fantasmagóricas, mas transformações, e aparições que ao longo dos anos foram se sucedendo, invertendo a ordem dos fatores, ou seja, literalmente o campo está se mudando para as cidades. Ontem foram os colonos para as vilas, e destas para as cidades, e das cidades para as metrópoles, e estes se foram à lua, e agora vão a Marte, mas eu não me importo onde eles irão, me importo com os que estão chegando de mansinho, aqui, no reino encantado desta pequena floresta nativa, meia dúzia de árvores, que resistem a tudo, e a todos, porem são de um simbolismo ímpar, pois eretas, buscando o sol, altaneiras, dissociadas da grande floresta que ainda resta do Major Lucas, segue impávida, acolhendo os meus amigos, os alados, desde o gavião pombo até o humilde, e arisco "sebinho", que de tão pequeno, ínfimo, e medroso, acanhado, vive na copa das árvores, raramente chilreia, preocupado sempre em não ser notado, visto ou lembrado, pois guarda no fundo da sua memória, os *bodocaços, dos *piás a procura da fama de melhor atirador, matar um inofensivo sebinho era a maior glória, só sobrepujada pela do de um beija flor em pleno vôo.

Se vou falar de cobras, formigas e lagartixas, de uma paca, ouriços e de meia centena de raposas, que aqui apareceram, dos papagaios e até duma saracura que por anos a fio nos visitou, ou dos tucanos que começaram a vir no inverno de 2002, talvez perca tempo narrando o óbvio, portanto, lhes digo:

Comecei a ouvir o estranho grito de alerta, de pica-paus, advindo de mais ou menos uns duzentos metros de distancia da minha humilde mata, lá nuns pés de eucaliptos que agora foram cortados e com eles estas aves também sumiram , mas eu ouvia só seus gritos, não acreditava, nunca as via, só escutava, mas não é que numa bela tarde de feira na gare, ouço-os gritar cantando novamente, e não acredito, o seu alarido vinha dos cinamomos dali da frente, procuro com o olhar a distancia é regular não os avisto, volto pra casa, porém, no outro dia, fazendo o mesmo trajeto, debaixo dos cinamomos da antiga gare, no chão, *pastejando, catando insetos, estão, dois ricos e dourados *pica-chan-chan, (como os chamam os gaúchos), despreocupados, como se fossem de longa data, donos do terreiro, aquerenciados, pensavam que estavam em casa, mas pra mim não estavam, pois eles, premidos pelas necessidades que nos atormentam na infância, e na juventude, e muitas vezes vida afora, vieram , saíram lá das orlas dos matos, dos palanques de cercas onde caçavam os *corós, e faziam seus ninhos, vieram atrás de mim, vieram de Coxilha para Passo Fundo. É verdade.

Como se isso não bastasse, outra ave quebra todos os paradigmas de sua existência, num piscar de olhos, numa manhã, gritam, e gritam, esvoaçam, revoam, dão rasantes, voam e pousam de novo, quem sabe porque o tempo está se armando lá pras banda da capital, pois moro na zona sul e daqui se avista o negrume que vem lá da Banda Oriental, trazendo tormentas, e aguaceiros sem igual, pois sim, não é nada, disso, talvez estejam namorando, talvez dois machos terçando esporões por território, ou, por uma, quero-quero, das pernas mais vermelhas, mas, será que é no gramado da vizinha da frente, tão pequeno, mas é um bichinho territorial ocupa até o Olímpico e choca no Gigante seus filhotes, quem sabe, por ali tem ninho, mas não, não pode ser, quero-quero não senta em árvore, não senta em fio de arame, tão pouco em cerca, será possível, o mundo deles também está virando do avesso, os dois namorados, os dois quero-quero estão de namorico na copa de uma árvore, não, não, na copa, na *cunheira, na cumeeira, da casa de dois pisos, do meu vizinho da frente, e eu, corro, de volta, pego a maquina comum e registro, porque é outro fato inédito, quero-quero sentado em riba de casa, e por cima ainda, namorando.

Oga 23.05.2008. 17,35 hrs. Para o Gilberto Pacheco e à Zelir Garcez Schleder da Silveira no seu aniversário, do Odilon do Centro de Letras Futuras de Coxilha.

(*) Escritor

Membro da Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 24/09/2014

Título : FARROUPILHAS, ONTEM, HOJE E SEMPRE!

Categoria: Artigos

Descrição: Primeiro...assim como existe pera água, existe a ferro, e esta somos nós gaúchos, a outra...Pereira...você sabe quem são!

FARROUPILHAS, ONTEM, HOJE E SEMPRE!

Primeiro...assim como existe pera d'água, existe a ferro, e esta somos nós gaúchos, a outra...Pereira...você sabe quem são!

Nesta época do ano, aparecem como guaxuma nossos famosos historiadores deitando o verbo e esnobando sabedoria, mas sempre com o ranço de esquerda, dizendo que os Farroupilhas eram uns trastes estancieiros...que os Imperiais é que eram os tais...logo adiante, que os Maragatos é que eram os valentões, e que os Chimangos eram uns pica-paus pelegos do Estado; e que os gaúchos perderam a guerra de quase dez anos; algum escritor alemão, até admite um empate, como se ele fosse juiz da história, com o argumento de que os farrapos eram apenas 6.000 e os imperiais beirando a vinte mil, como se quantidade fosse qualidade.

Pergunto: E desde quando que os irmãos do resto do Brasil, são mais guerreiros que nós?

Enquanto se refestelavam nas praias, os gaúchos, enfrentaram várias guerras e batalhas, contra, a Espanha, o Uruguay, a Argentina e o Paraguay.

Isso sem contar, que apenas um ano depois de assinada a Paz, proposta pelo Império, os gaúchos foram enfrentar os paraguaios,(10.353 em 1864), e contribuíram com o maior aporte em homens, armas e cavalos...ao fim da guerra, visto isso...você acredita que nos venceriam?

Será que um Estado que forneceu milhares de soldados e de uma só tacada, lá pelo meio da guerra, e 20.000 cavalos, não teria forças para continuar fazendo frente ao Império...?

Osório, patrono da Cavalaria Brasileira, e uma centena de gaúchos fizeram nome nessa guerra, e assim como debocham de Osório e Dom Pedro, só fazem os historiadores contarem da queda da espada no gabinete do Imperador, os republicanos, só fizeram detratar o Império apagando seus feitos da memória dos Brasileiros...como fazem agora....para agradar a patuléia no poder, denigrem nossa gente e nossa história, com essa pseudo democracia socialista.

Você conhece a história do Cel. Chananeco ali do Cerrito do Ouro de São Sepé, que com 56 gaúchos, enfrentou 600 paraguaios?

Do que São Paulo tem para se orgulhar de 1932? Conheceram o facão dos Pés no Chão!!

Do que...os cariocas vendo os gaúchos amarrando os cavalos no obelisco do Catete?

Em 1926 os gaúchos de Passo Fundo, formaram um grupo de Danças e encantaram a todos no Clube União Comercial, dançando o pezinho, o maçanico e o pericon!

Paixão, Lessa e outros tantos, não inventaram a tradição, ela já existia desde os primórdios.

Nos anos 50 o Rádio ajudou a disseminar nosso canto e nossas danças.

Hoje existe a televisão, a RBS e alguns tabacudos batem nela, porque a mesma se esmera em reproduzir as facetas das nossas tradições, da nossa história, construída a suor, sangue e ferro em quase 300 anos de existência (1757), talvez por desconhecerem que foi um cidadão, oriundo de um povo milenar, que cultua suas tradições, que par y passo, visualizou a glória do povo gaúcho, pois também era um, calcado nas suas manifestações, ditas folclóricas, não por interesse, mas porque gostava e admirava os gaúchos, ao ponto de conviver e festejar as promessas daqueles tempos, desde o Garoto de Ouro e Teixeira aqui em Passo Fundo, até criar a sua TV Piratini e encher o Rio Grande da dita grossura, contra a qual alguns imberbes se levantam.

Maurício Sirotski Sobrinho, faz jus, e é o guardião do Acampamento Farroupilha!

No acampamento, todos os gaúchos, agem como se fazendeiros fossem, já os cultos, taxaram de favela, deixando claro seu socialismo barato, nivelando o povo por baixo, tal qual, são!

Odilon Garcez Ayres

Escritor

Membro da Academia Passo-fundense de Letras

7,45 hrs. 21.09.2013.

Data : 03/05/2012

Título : I RODEIO NACIONAL DE INTEGRAÇÃO GAÚCHA.

Categoria: Artigos

Descrição: No ano de 1984, o CTG Lalau Miranda já havia adquirido 7,5 hectares de terras na Roselândia, por 60 milhões de cruzeiros, a troco de

1º RODEIO NACIONAL DE INTEGRAÇÃO GAÚCHA.

Odilon Garcez Ayres*

No ano de 1984, o CTG Lalau Miranda já havia adquirido 7,5 hectares de terras na Roselândia, por 60 milhões de cruzeiros, a troco de 120 Título Patrimoniais, generosamente aceitos no negócio, pelo Sr. Irady Laimer, o qual também cedeu, na mesma época, em forma de ações, outros tantos hectares, para a recém formada Expositur S/^a - Feiras e Empreendimentos Turísticos de Passo Fundo..

Com o firme propósito do Prefeito Fernando Machado Carrion de alocar recursos e de se comprometer a realizar todos os anos uma edição do Rodeio, bem como de solicitar a sua oficialização a Câmara Municipal de Vereadores, a Patronagem do CTG. Lalau Miranda, capitaneada pelo Dr. Eluyr José Reschke, avocou a si a realização do 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, no que foi seguido pela Expositur S/A e pela Passotur – Secretaria de Turismo, Desporto e Cultura de Passo Fundo.

Depois de várias Reuniões, aglutinando forças, pois esse empreendimento era um desafio para os Passo-Fundenses, calejados que estavam de ouvir o mote, de que aqui era a terra dos primeiros e únicos eventos, como o 1º Festival Gaúcho do Cimo da Serra, 1ª Carreta da Canção Nativista e outras festas campeiras de menor expressão, instalou-se o QG. Do 1º Rodeio, nos altos da antiga Câmara de Vereadores, hoje Teatro Municipal Múcio de Castro.

Instalada a Secretaria Geral, deu-se início a tarefa de estruturar as diversas Comissões, bem como de agilizar os patrocínios para a feitura de cartazes, folders, livretos e regulamentos com os respectivos convites, os quais foram remetidos em número de 1.500 para todos os CTGs do RS, SC, PR, SP, MS e RJ, confirmando a data de sua realização de 14 a 17 de novembro de 1985.

Apesar da data imprópria para os campeiros, envolvidos com a agricultura e uma seca que grassava neste final de ano, a receptividade esteve acima do esperado, com o trabalho pertinaz dos Srs. Oscar Pinto Vieira e Plínio Mena Barreto, que conseguiram graciosamente 300 bois para laçar, junto aos baluartes do 1º Rodeio, Quadros de Laçadores Os Teatinos, Rincão Campeiro e Os Nativos e dos Srs. Cláudio Bastos, João Norberto Jacques Rodrigues, José Bier, José Tadeu Pereira da Veiga, Norberto Wentz, Osvaldo Carneiro, Luiz Verardi, Paulo Fernandes, Norberto Ilha, Lindolfo Freitas Diehl, Domingos Gusmão Rivarola, Olimpio Suzim e Renato Fauth.

Das 728 entidades tradicionalistas filiadas ao MTG, divididas em 27 Regiões, 14 se fizeram representar com 60 CTGs, 54 Quadros de Laçadores e 18 Grupos Folclóricos, perfazendo 132 entidades participantes, o que corresponde a quase 20% do total. Inclusos aqui, os CTGs de Lages e Sombrio de SC e os CTGs, de Medianeira, Maringá e Guarapuava do PR e ainda, a distinção da presença do Sr. Onésimo Carneiro Duarte, Presidente do MTG.

Os Concursos de Mais Prendada Prenda *(20), Chula Adulto (22), Chula Mirim (16), Danças, Adulto (09), Danças Mirim (07), Canções Conjunto (12), Gaita Ponto (12), Gaita Ponto Livre (12), Gaita Tecla (22), Violão (09), Declamação de Piá (14), Declamação de Prendinha (14), Declamação de Peão (29), Declamação de Prenda (18), Bandoneon (05), Trovadores (20), Laço Duplas (96), Nacional de Patrões (76), Laço Guri Duplas (10), Nacional de Rédeas (25), Rédeas Guri (8) e Nacional de Gineteadas (35). Os 132 * participantes* receberam C\$ 36.450,000 de premiação.

Um anel de brilhante foi oferecido pela Joalheria Hexsel a Srta. Márcia Vieira, eleita a Mais Prendada Prenda do Rodeio, representando o GF. Terra Pampeana e um óculo solar para a Srta. Taniamar Helena Reschke, eleita Primeira Prenda do Rodeio, juntamente com a Srta. Patrícia Fagundes, 2ª Prenda e Srta. Débora Biazus Nicolini, eleita Prenda Simpatia do 1º Rodeio.

A Comissão Central Executiva, lembrada em placa de bronze e abençoada pelo Padre Paulo Aripe que oficiou a Missa Crioula, estava assim constituída: Dr. Flávio Benvegnú (Presidente); Nilo Fernandez (1º Vice-Presidente); Adão Nascimento (2º Vice-Presidente); Dr. Eluyr José Reschke (Coordenador); e Odilon Garcez Ayres (Secretário Geral), estavam satisfeitos com a afluência dos convidados, embora a cidade de Passo Fundo, não tão receptiva nos primeiros dias de Rodeio, rendeu-se ao sucesso do evento, quando os motores dos aviões da Esquadrilha Brasileira da Fumaça, roncaram sobre o céu da Capital do Planalto e encantaram os presentes com suas arrojadas acrobacias aéreas.

Uma caravana de automóveis jamais vista, apinhada de jovens e crianças acorreram ao antigo Parque da Expositur, tomando conta dos seus acessos empoeirados, para apreciar de perto o espetáculo e ao mesmo tempo sentiram a magnitude do 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, que não ficou no primeiro e último, estando hoje consolidado e famoso, graças à continuidade dada pelos Prefeitos, Engº Airton Dipp, na 5ª e 6ª edição, Osvaldo Gomes na 7ª e 8ª edição, do Dr. Julio Teixeira, na 9ª e 10ª edição, idem Osvaldo Gomes na 11ª e 12ª edição e novamente o atual Sr. Prefeito Engº Airton Dipp, na realização em janeiro deste ano do 13º Rodeio Internacional de Integração Gaúcha no ano do Sesquicentenário de Passo Fundo, numa clara demonstração, de que, em se falando de Rodeio, Maragatos e Chimangos, irmanados, esqueceram 1893.

Hoje 2007, o acesso ao Rodeio no Parque Turístico da Roselândia está totalmente asfaltado, a infra estrutura é perfeita e de dez mil visitantes em 1985, hoje foram 55.000 pessoas que participaram do evento, para assistir e aplaudir 56 municípios gaúchos que se fizeram representar e mais 11 de Santa Catarina, 02 do Paraná, 02 de São Paulo, 01 da Bahia, 01 de Rondônia, 01 do Distrito Federal, 01 de Goiás e 01 do Mato Grosso, perfazendo 2.515 competidores nas lides campeiras, e entre elas, 430 duplas de laçadores, que bateram laço arduamente em 819 reses para levar um automóvel zero como brinde.

Nas competições artísticas, foram 2.099, peões e prendas, nos concursos de solistas (71), invernadas de danças (60), declamadores (96), gaiteiros (33), chuleadores (36), danças de salão (23), trovadores (68) e mais 27 grupos de danças das Escolas de 1º grau, entreveradas, no tablado coberto, Maurício Sirotski Sobrinho.

Esta foto registra apenas um punhado dos demais de uma centena de abnegados, que até hoje, largam tudo, para participarem do Rodeio Internacional de Passo Fundo.

Foto: Da esquerda para a direita. De pé: 1 - ?. 2 – Alceno Busch. 3 – Ivo Braga. 4 – Nelson Petry. 5 – Alaor Rossal. 6 – Leandro Quadros. 7 – Ruy Kampitz. 8 – Fernando Carrion. 9 0- Antônio Serena. 10 – Flávio Benvegnú. 11 – Adão Nascimento. 12 – Antônio Dutra Martins. 13 – Nilo Fernandez. 14 – Daniel Busch.

Agachados: 15 – Volmir de Paula. 16 - ?. 17 - ?. 18 - ?. 19 – Nelson Quadros. 20 – Eluyr Reschke. 21 - ? (guri) – 22 - Romeu Machado. 23 – Odilon Garcez Ayres. 24 – Fidêncio Franciosi. 25 – Serpinha.

(*) Escritor, Romancista, Historiador

Membro da Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 31/05/2011

Título : Judeus de Coxilha a Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Até aí nada de mais, pois nascem e morrem judeus todos os dias, mas este era um judeu especial...

Judeus de coxilha a Passo Fundo

ODILON GARCEZ AYRES

Deparo-me, no jornal da capital do dia 18 de agosto de 1991, com um convite para a "Descoberta de Matzeiva" einauguração do túmulo de Abraão Birmaim, no Cemitériolsraelita.

Até aí nada de mais, pois nascem e morrem judeus todos os dias, mas este era um judeu especial, na minha opinião, apesar de eu nunca o ter visto, mais gordo ou mais magro.

Daqui a pouco, vos conto por quê! Com o seu Salomão Zeltzer, (tio paterno do Daniel Winick. Empresário e desportista) que tinha um bar em Coxilha, trabalhei por bala, puxando cerveja do porão, enquanto o Brasil perdia para o Uruguai naquele dia trágico de1950. Era só gente pagando a conta, encostando o taco na mesa de snooker e todos se mandando para casa, com a cara mais triste deste mundo.

Outro judeu, meu amigo de infância, foi o seu Abraão Jovelovitch. Nas manhãs de inverno, neve acumulada na soleira da porta, me levantava de madrugada e ia a sua residência, fazer fogo no fogão, para aquecer um chá com bolacha, a fim de que o mesmo cumprisse com os preceitos de sua religião. A partir do aparecimento da estrela dalva, ele não fazia mais nada, eu era o seu "mandalete", como se dizia naquele tempo. Hoje é office-boy. Conversávamos animadamente sobre tudo e eu já lia O Cruzeiro. Falava muito de um tal Odilon Braga. Senador ou Deputado daquela época, em quem eu devia me espelhar, segundo ele. Meu primeiro terno, reformado, é claro, foi o seu Abraão que me deu, além de me pagar religiosamente pelos serviços prestados, e até sem precisar me empregava de "gladiador" de caibros em sua madeireira, que ficava em frente a minha casa. Eu soube agora, que fora noivo de uma das filhas do Sr. Napoleão Ferreira, que tinha um irmão gêmeo, e um outro que conheci, formado em medicina, mas que infelizmente ficou louco. Acho que de tanto estudar. Nunca mais os vi, pois vim de Coxilha para Passo Fundo, logo que mataram o Getúlio. Sei que morava em Erechim, que escreveu um livro, faleceu faz pouco.

Mas, e o Abraão Binnami?

Bom, este só conheci de nome, pois na caixa água,de uma das tantas madeireiras que existiam em Coxilha, estava escrito em letras de imprensa: Sirotski, Birmann & Cia.Ltda. (SIBISA), e eu olhava e ficava pensando, defronte ao açougue do Adão Leite, como e com que foram escritas, e grudadas naquelas alturas, as tais palavras.

Não sei quem inventou o dístico e a brincadeira, mas todos os coxilhenses o conhecem. Quando alguém estava contando algum caso ou fato interessante, o ouvinte fazia que entendia, dizendo: Aaaaa! Brahão Birmann & Cia.Ltda.

Por tradição, conservo ainda essa brincadeira com meus familiares e amigos.

Soube eu também de um outro dado interessante que, além do mesmo ser um dos pioneiros da industrialização da madeira, foi um dos pioneiros de Passo Fundo na construção civil, juntamente com o Scussel, o Giongo e o Morandi, pois deles o Edifício Eleonora e a Farmácia Drogabir, na Rua Moron, 1599, onde hoje é a Joalheria Sciéssere, ao lado da Paula Calçados do falecido amigo Maximino Antônio Rodrigues. Sua irmã, de nome Rita Birmann, fez a doação,

para a Universidade de Passo Fundo, daquele enorme terreno localizado à direita, antes do trevo de saída para Lagoa Vermelha, local onde se formou uma lagoa artificial, gerando uma celeuma pelos ambientalistas liderados pelo Dr. João Grando.

Eis duas pessoas que merecem o nosso saudosismo, no Sesquicentenário de Passo Fundo: Abrahão e Rita Birmann. Entenderam? AaaaaAbrahão Birmann & Cia. Ltda!

Prosseguindo na mesma linha do trem de Coxilha a Passo Fundo, que chamavam de "misto" das três, na década de cinqüenta, o único edifício que possuía elevador era o Edifício Fiori. Subir dois andares de elevador era o cúmulo da comodidade, ou da preguiça, e na minha idade era uma atração. Usei-o muitas vezes para levar documentação ao Dr. Jacyr Castilhos, um dos esquecidos pioneiros da televisão de Passo Fundo. Depois surgiu o Edifício Planalto, do Comendador Nedeff, cujo nome homenageia o nosso Planalto Serrano. A inauguração do Turis Hotel foi uma festa, pela majestosa e moderna obra, e por abrigar o Cine Teatro Pampa, um dos mais modernos e maiores cinemas do estado, cujo nome homenageia até hoje as vastidões das planícies sulinas.

Depois surgiram outros mais arrojados construtores de espigões. e dentre eles os filhos dos Srs. Jaime Kwitko e Abrahão Melnik, que construíram três edifícios na ma Moron e na Capitão Eleutério e, logo após, o Palácio do Comércio na Avenida Gal. Neto. Este fez com que, por seu arrojo e facilidades de pagamento, aglutinasse naquele ponto a nata das associações comerciais.

Também pela década de setenta, outro judeu deixou sua marca: Dr. Isaías Bacaltchuk, que se lançou também na construção civil. Herdeiro da Casa Carioca, com seus irmãos Leão e Jaime, Isaías sempre ajudou os movimentos tradicionalistas da cidade, tanto com verbas como com patrocínios radiofônicos. Talvez por pertencer a um povo de profundas tradições, o mesmo gostava das manifestações gauchescas, gaúcho que era, de Júlio de Castilhos. Construiu o Edifício Avenida, e depois me pediu uma lista de dez nomes gauchos, para escolher três com que seriam designados os edifícios que ergueu na Rua Marcelino Ramos. O único que setornou conhecido de toda a comunidade foi o Edifício Gauderio, o que mais problemas causou, pois após registrado o nome, alguém lhe disse que o termo era pejorativo, e que teria dificuldades em transacionar seus apartamentos. Com as devidas explicações do dicionário gaúcho, o Gauderio vendeu mais que pastel em cancha de carreira, e foi ponteiro para o Minuano e o Charrúa.

Neste breve relato, talvez com muitas falhas de memória, registro também o pionerismo do Dr. Isaías Bacaltchuk, ao denominar seus edifícios com vocábulos genuinamente gaúchos, sensibilidade e visão que a cidade mui gaúcha poderia continuar cultivando, pois estrangeirismos, nos ditos, usos e costumes da nossa terra, não nos tocam a alma.

Para arrematar, os comerciantes Luiz e Nahiun Schwartzmann também ergueram um prédio na Av. Gal. Neto, quase esquina com Gal, Osório, usando um pedacinho de terreno que pertenceu à antiga igreja de São Francisco, cuja história não se conhece. Enfim, muitos outros judeus, como os Raskin, Capelchunik, lochpe, Litvin, os próprios Sirotski e os Birmann, amealharam suas fortunas em Passo Fundo e Coxilha, o que lhes possibilitou irem fincar o pé bem

fincado na nossa capital, Porto Alegre, e dali se esparramando pelos maiores centros brasileiros.

Onde quer que estejam, por favor, não esqueçam deste passado histórico, e se estiverem sobrando alguns dólares, ou reais, voltem a investir seus capitais na Capital do Planalto Serrano, pois suas fortunas, forjadas com suor, sacrifícios e trabalhos, de certa forma, também pertencem a esta terra.

(Odilon Garcez Ayres é membro da Academia Passo- Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 31/05/2011

Título : Lagartixa o mais jovem artista e humorista brasileiro

Categoria: Artigos

Descrição: Filho de Passo Fundo, o mais jovem artista e humorista brasileiro, vive ainda no nosso imaginário...

Lagartixa: o mais jovem artista e humorista brasileiro

ODILON GARCEZ AYRES

Ele veio ao mundo no dia 18 de março de 1930, e não se sabe por quem, foi deixado na porta da frente do restaurante e pensão do senhor João de Senna e de dona Theresa Demeneghi, ali naquela casa de dois pisos, na esquina da rua Paul Harris com Benjamin Constan. E, como um anjo sardento, de cabelos afogueados, foi criado como filho, com a mais esmerada educação e dentro dos princípios católicos, pois sua nova mãe, de sobrenome "de Senna", puxava o terço todas as noites, em dialeto italiano, com o menino ao pé da cama.

Depois dali o casal teve restaurante na ma General Osório, esquina com 7 de setembro: na Av. Brasil, na calcada alta: e, com a morte do seu João, dona Thereza fornecia pensão e vianda para muitos funcionários da Brahma. A criança

cresceu e se tornou adulta, um rapagão, meio alto, forte, mais gordo que magro, e com aquelas características já definidas, pois parecia um cavalheiro inglês, caminhando sempre em disparada, no meio da gauchada.

Desde sua mocidade, começou a integrar-se na vida social passo – fundense, e a definir sua veia humorística, e ainda muito jovem vou de nem para São Paulo, onde faz um curso de ventriloquo. De lá mesmo, descendo pelo Paraná e Santa Catarina veio fazendo suas apresentações humorísticas, até chegar de regresso a Passo Fundo, intitulando-se como "Maurell Blauders", o mais jovem humorista passo-fundense. Bem apessoado, de uma alegria contagiante. arregimentava gaiteiros, músicos, trovadores, duplas e trios caipiras, para tomarem parte nos seus espetáculos, muitos de caráter beneficente.

Em carreira solo, apresentava-se ao público com o apelido de "Rielinho", como bem lembrou o Dr. Paulo Gionao (que eu, sinceramente, não sei o que significa). Mas este personagem durou pouco tempo, pois vinda de São Paulo, aparece aqui uma dupla sertaneja, digo, caipira, (quem sabe criada por ele mesmo). Eram eles: Jararaca (da dupla Jararaca e Ratinho) e Lagartixa, (o nosso Rielinho) o apresentador que com o tempo, avocou a si este apelido, que se tomou famoso em Passo Fundo. Coxilha e Carazinho. Lagartixa!

Os seus programas radiofônicos eram pura alegria, pois, apresentava-os, meio agauchado, meio acaipirado, entrecortado de chavões, ditos e chistes, entreverados com a imitação do coaxar de rãs, sapos e pererecas, cacarejos de galinhas, cantos de galos, piados e gorjeios de passarinhos, e cricrilar de grilos. Este foi a sua marca, pois a criança que o encontrava, sempre pedia a imitação do grilo: "Cri, cri, cri, cri!" E lá se ia ele, rindo de sua própria imitação. Ainda por cima fazia mágicas, e era ventriloquo, pois desde 1948, com apenas 17 para 18 anos de idade, praticava esta arte com esmero e com afinco. Apresentou-se no Brasil inteiro, como músico e humorista, e depois voltou para apresentar-se na sua querida terra de Passo Fundo, excursionando por Coxillia. Sertão, Ernestina e Marau, e outros distritos da capital serrana, para mostrar a todos a sua arte, com o nome inglesado de Maurell Blanders. E foi assim que o mais jovem ventriloquo brasileiro e passo-fundeise, apresentou aos mais variados públicos do país, as suas notas de humorismo, imitações, magias, telepatias, e os sensacionais números de Pimpinela e Anestésio, bem como, a magia da caricatura.

Nas suas andanças pela capital paulista, integrou o trio sertanejo composto por Serrinha, Rielinho e Caboclinho. Com a saída de Caboclinho, entra Zé do Rancho, na formação do Trio Sertanejo mais querido do Brasil, e o mais afinado, segundo me disse textualmente o Sr. Arlindo Rodrigues (o nosso Serraninho), pois este trio, Serrinha, Zé do Rancho e Rielinho, atuavam no Estado de São Paulo, eram famosos, eram letristas, faziam música, e gravavam junto com Tônico e Tinoco, sendo um dos seus sucessos. "O que tem a rosa", e suas letras e músicas serviram de inspiração para o nosso trio passo-fundense. Cartucho, Cartola e Cartolinha. Embora pouco conhecida, essa faceta histórica do nosso biografado, dá para imaginar o prestígio de que Rielinho desfrutava no meio artístico paulista.

Namorador inveterado, quando tinha mais ou menos vinte e um anos, enamorou-se de uma moça lá do rio Toldo, de nome Izolina Andrade, e anunciou, o seu noivado no jornal. Mas, em 09 de abril de 1951, casou-se em Passo Fundo, com

a senhorita Linda Fontana Leone. E, em 1952, funcionário que era, foi nomeado Agente dos Correios de Coxilha, onde conheci o casal juntamente com seu filho. João Luiz Leone de Senna. Transferido para Uruguaiana, deu um jeito de voltar depois a Passo Fundo, e o vi pela última vez em 1958, quando foi transferido para a Agência dos Correios de Carazinho, onde se integrou na comunidade, continuando suas atividades humorísticas, nos palcos, nos picadeiros dos circos e nas rádios. E, além disso, tanto aqui como lá, atuou como juiz de futebol, militou no PSP e foi candidato a vereador: fez parte da 1ª Diretoria do Lyons Clube de Tapera, gestão 63/64: participou da fundação do CTG Lalau Miranda, ao lado de outros históricos fundadores, e se integrou aos programas radiofônicos juntos coma ganchada. Foi também apresentador do CTG Pedro Vargas e, dentre os seus amigos, podemos enumerar o Sr. Jorge Buaes, o Dep. César Prieto, o Dep. João Goulart, o Dep. Ortiz Borges e o Presidente da República Getúlio Vargas.

Lagartixa foi um humorista de renome em toda a região serrana, mas aí veio a separação de Linda, quando Luiz foi morar com sua avó Thereza. E Bráulio de Semia - este era o nome do Lagartixa - casou-se com Noemia Martins Pedroso, nascendo deste casamento o Joel, (que herdou os dotes artísticos do pai), a Maria, o Jorge, a Fátima e o José Luís Pedroso de Senna.

Tudo ia muito bem para o Chefe do Correio, até que estornou a Revolução Militar de 1964. e o nosso personagem, como bom "brizolista" que era, dizem, fazia parte do Grupo dos 11, e antes que houvesse a voz de prisão, de inopino, resolveu fugir, à noite. Só teve tempo de fazer unia mala de roupas, e segredar para o filho João Luiz (com treze anos) sobre sua fuga, pedindo-lhe que cuidasse da mãe, e da avó, e que não se preocupasse, que ele não voltaria jamais a Carazinho.

Adeus ao torrão querido, adeus à querência serrana, e adeus, a duas famílias que dependiam do seu trabalho, do seu sustento. Foram contudo, às crianças, as que mais sentiram a mágoa, a dor da saudade pela ausência do pai e amigo, que os encruava e os acariciava sempre. Lagartixa sumiu, nunca mais ninguém soube dele, até que, em 1978, alguém trouxe a notícia ao seu filho primogênito, que o encontraram em Francisco Beltrão, no Paraná, trabalhando como humorista, com o nome de "Lima Filho".

Meu amigo de infância, e hoje. Diretor Executivo do Hospital de Caridade da cidade Ijuí, que honrou o pedido do seu pai, cuidando da sua avó até os últimos dias, e que nunca desistiu de procurar por ele, assim que pode, foi até aquela cidade, com o coração cheio de esperança de reencontrar seu querido genitor, Bráulio de Senna, vulgo, "Lagartixa".

Quis o destino, porém, que o filho chegasse tarde. Lima Filho existira de verdade, e seu nome está escrito no túmulo. Entretanto, até hoje ninguém sabe tratar-se realmente do personagem folclórico que, por duas décadas, tomou nossos dias mais alegres.

Em 2001, nova busca, foi realizada, desta vez nas localidades de Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR) e Bernardo de Irigoyen (Mendoza - Argentina), devido a informações de que o teriam encontrado. A afirmação era do senhor Reinaldo de Carazinho que, em visita a um familiar em Pato Branco PR. foi passear na tríplice fronteira e lá encontrou o velho amigo Bráulio, conhecido como "Gaúcho", no lado dos "hermanos" argentinos, vendendo queijos e se queixando de doente. Esta procura também foi infrutífera.

Seja, como Rielinho, Maurell Blanders, Lagaitixa, Lima Filho, ou Gaúcho, Bráulio de Senna, filho de Passo Fundo, o mais jovem artista e humorista brasileiro, vive ainda no nosso imaginário, como um dos mais perfeitos humoristas do sul do Brasil. Seus filhos continuam com a esperança de encontrá-lo com vida e saudável.

(Odilon Garcez Ayres, romancista e historiador, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.).

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 30/11/2012

Título : Mario Guimarães e o 2º Rodeio Nacional

Categoria: Artigos

Descrição: O primeiro Rodeio Nacional de Integração Gaúcha tinha sido um sucesso estrondoso, e tão logo terminou, começamos a agilizar para sair o segundo, pois a fama de Passo Fundense, não sem razão, porque já estávamos no crepúsculo de agosto, e a decisão equivocada de largar nas mãos de uma agência de propaganda, nos fez andar de quatro, mendigando patrocínios.

ODILON GARCEZ AYRES

O primeiro Rodeio Nacional de Integração Gaúcha tinha sido um sucesso estrondoso, e tão logo terminou, começamos a agilizar para sair o segundo, pois a fama de Passo Fundo, de que só se fazia aqui o 1º evento cultural, e foram tantos só com o primeiro, que todo mundo tinha medo do terrível segundo evento, não sem razão, porque já estávamos no crepúsculo de agosto, e a decisão equivocada de largar nas mãos de uma agência de propaganda, nos fez andar de quatro, mendigando patrocínios.

Foi nessa ocasião que apareceu, na Passotur, com o aval do Prefeito Carrion, a figura de Mario Pereira Guimarães, homem da época da Revolução de 64, vaqueano, que viajara pelo Brasil afora, irmão do Promotor Público, e na ocasião Diretor Presidente da Caixa Econômica Estadual, Lauro Pereira Guimarães. Embora, como diz o gaúcho, “queimasse campo uma barbaridade”, o Plínio Mena Barreto é minha testemunha: retomamos da Agência publicitária a missão, e fomos atrás de duas de suas indicações.

Na Caixa, o seu irmão o recebeu, mas não a mim, e indicou o finado Cândido Norberto, que demonstrou pouco interesse, alegando que a Corag não podia dar o papel para impressão dos cartazes, que o trabalho era vazado, que ainda precisava arte final, enfim, daquele mato não saiu um coelho sequer.

Dali fomos à RBS. E o amigo dele, sua indicação, Walmor Bergesk, nos recebeu muito bem, e se comprometeu a agilizar a doação do palco coberto, Maurício Sirotski Sobrinho, bem como a trazer a direção da empresa televisiva, como de fato vieram: Ernesto Corrêa e a viúva de Maurício Sirotski Sobrinho, a Passo-Fundense, Sra. Ione Pacheco Sirotski, que discursou e fez o descerramento da placa inaugural do 2º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha.

Mas nós precisávamos de um montão de coisas mais. Os troféus conseguimos com a própria RBS; brindes com o comércio; mas, na Óptica Brasil, conseguimos do Marco Stefani, um bom patrocínio para os cartazes, a troca de um “Poço Artesiano”, que arrumamos para ele através da Cemapa, um verdadeiro negócio da China, pois o material promocional estava orçado em 70.000 “cruzados”, a moeda da época.

A água para o Rodeio era fundamental, e enquanto o CTG Lalau Miranda fazia a rede d’água, de janeiro a setembro, o Mário empenhou-se em conseguir, através da RFFSA (ex-VFRGS), a caixa para 30.000 litros de água, que fomos buscar na antiga Estação Barro.

Até hoje, falo porque é preciso, mas essa expressão “Caixa d’Água”, proferida mil vezes pelo Guimarães, me dá arrepios, pois foi um parto para consegui-la e trazê-la de Gaurama.

As perspectivas de um segundo Rodeio, já para mais de vinte mil participantes, exigia uma demarcação dos espaços para acampamento e comércio, naquele aprazível mato nativo do CTG Lalau Miranda. E uma equipe de cinco servidores públicos, liderados pelo diretor de Cultura, bivacaram dois meses, e nada, até que tomamos as rédeas, com o Prof. Mauro Simão, o Serpinha e o Mário, agrimensor de profissão, corremos treva e batemos estacas, até que, numa semana, ficou marcado e desenhado o primeiro Mapa do Acampamento.

A bem da verdade, sem eles nem saíam as provas campeiras. O Plínio Mena Barreto e o tio Oscar Vieira, que viera trabalhar conosco na Secretaria de Turismo, saíam de manhã e voltavam à noite, batendo estradas de chão, centenas de quilômetros, proseando, argumentando e pedindo bois para laçar, graciosamente, ficando a nosso encargo apenas o transporte de ida e volta.

As coisas andavam a galope, tivemos apenas três meses para preparar tudo, mas o atraso na confecção dos cartazes, pela demora do aporte de patrocínio, quase nos fez dar com os burros n’água, pois, além disso, os funcionários da EBCT entraram em greve, e nós tínhamos depositado na Agência sede, em Passo Fundo, os convites, a programação e os cartazes para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso. Por sorte, dias antes, postáramos para a região norte do Rio Grande do Sul, os quais foram os únicos a serem entregues, para um evento de tal envergadura.

Cientes do perigo de um fiasco, que corríamos, mercê dos percalços que passamos, pois no episódio da tal Agência de Propaganda, que conseguiu apenas um patrocínio e justamente de um dos promotores do evento, (a Pampa do Sr. Nilo Fernandes), o Secretário Flávio Benvegnú chegou a demitir-se do

cargo, mas foi instado pelo Eluyr José Reschke, a agüentar tirão. E logo após, tive a feliz ideia, e com justiça, de convidar o CTG Porteira do Rio Grande para “Padrinho” do 2º Rodeio.

O Mário entregou o convite em mãos, e os vacarianos, liderados pelo Patrão Percy Guerreiro, nos honraram com uma Delegação daquela região, com mais de cento e oitenta (180) integrantes, sendo que, destes, mais de três dezenas acamparam no Itatiaia Palace Hotel, o qual motivou-se a ser nosso patrocinador no 3º Rodeio Internacional.

Ah!... Como se tudo isso não bastasse, o carcará de plantão, daquele tempo até hoje, nos primórdios da “Iradylândia” (o termo e registro histórico é meu), tirava o pão da nossa boca (do Rodeio), para angariar patrocinadores do Pórtico, que está lá, graças a muita gente boa de Passo Fundo. Além disso, fomos à Capital pleitear, junto ao DAER, o asfalto para a Iradylândia. O poço artesiano foi perfurado pela Sudesul, enquanto o patrão Adão Nascimento instalava a bomba d’água, e cuidava da rede. A Expositur S/A, autorizada pelo presidente, cuidava da nova rede elétrica, e construía, com os pedreiros e carpinteiros da Secretaria de Obras, um galpão de 12 x 25, que serviu de restaurante de dia, e salão de baile à noite, e que batizei de Galpão Bragado.

Nosso Rodeio causou impacto nos Vacarianos, pois eles não tinham quatro tablados e uma cobertura, e tampouco um salão de baile nas dependências do Rodeio, o que os agilizou nesse sentido, e acordamos, depois do 3º Rodeio, que eles seriam intercalados, de dois em dois anos, entre Vacaria e Passo Fundo.

Hoje, são passados apenas vinte e seis anos, destas breves reminiscências, de alguns fatos acontecidos naquela escaramuça, que culminou com êxito, na realização do 2º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, (afastando de vez a pecha e a mácula), promovido pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, por sua Secretaria de Desporto e Turismo (Passotur), pelo CTG Lalau Miranda e pela Expositur, Empreendimentos Turísticos S/A., cuja direção estava composta pelo Presidente de Honra:

Prefeito Fernando Machado Carrion;

Presidente Executivo: Flávio Benvegnú;

Vice-Presidente: Nelson Quadros;

2º Vice-Presidente: Nilo Fernandes; Tesoureiro:

Eluyr José Reschke, e Secretário

Geral: Odilon Garcez Ayres. Esses eram secundados por muitos e muitos outros da Invernada Artística (Busch, Odalgiro, Paiva, Elmo, Flori) e da Campeira (Serena, Quadros, Rossal, Kampitz, Machado), de quem muito nos orgulhamos, e que um dia serão decantados, mas hoje, cumpre-me o dever (por ter sido companheiro e amigo de trabalho, e agora testemunha ocular desta história), de prestar esta homenagem “post mortem” a Mario Pereira Guimarães, e recomendar que este peão do Rio Grande tenha um lugar de destaque na nomeação dos entes do Rodeio Internacional de Passo Fundo, juntamente com Antoninho Serena, Adão Nascimento, Oscar Vieira e outros, pois foi um dos construtores do segundo, do terceiro e do quarto Rodeio.

Mario Pereira Guimarães Gaúcho, pilchado, sempre a caráter, topógrafo de profissão, churrasqueiro, assador, proseador, contador de causos, de “cosas y losas”, mas um altruísta decidido, trabalhador, sem hora e sem quartel, dinâmico, visionário e sonhador, tradicionalista que nos deixou dia 12 de janeiro de 2012, com 81 anos de idade, em consequência de problemas cardíacos. Durante muitos anos, em companhia do poeta e político, Deputado Federal Lauro Pereira Guimarães, palmilhou o centro-norte brasileiro.

De tradicional família de cidade açoreana, era filho do ex-delegado e ex-prefeito, Ricardo Guimarães, e da professora Felisbina. Fez os estudos fundamentais, no Instituto Estadual de Educação Pereira Coruja. Depois frequentou escolas secundárias e técnicas, na região e na capital. Ligado à terra, ao trabalho e ao lazer, exerceu por anos, até o fim da vida, a profissão de topógrafo.

Tinha a tarefa de ajudar ruralistas a regularizarem a situação de suas terras. Nas últimas duas décadas, casado, fixou residência na Vila Vera Cruz, em Passo Fundo, dedicando-se, além das lides profissionais, ao culto do tradicionalismo autêntico, participando dos eventos mais expressivos do calendário pampeano – os Rodeios de Passo Fundo, Vacaria e Lagoa Vermelha (de onde trouxe para Passo Fundo a iguaria da linguiça campeira, para acompanhar o churrasco). As cidades mencionadas eram seu chão preferido. Assador experiente, bom anfitrião e inesgotável contador de “causos”, sentia-se feliz ao comandar churrascos para mais de cem pessoas.

Além da esposa, a professora aposentada, Iracema Vieira Guimarães, deixou três filhos: o gerente bancário Cassiano, a empresária Clarissa e o autônomo Thomaz, mais netos, genro e nora. Teve seis irmãos: João (falecido), José, Lauro, Maria, Lúcia e Ângela. Mario Pereira Guimarães * Taquari – RS. +12.01.2012 - Cuiabá – MT.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Mata pasto, timbó e guaimbé

Categoria: Crônicas

Descrição: A “siesta” curta, interrompida pelo relógio do galo, às 15h e 20 min,, nesta tarde calorenta de fim de primavera, trouxe uma rajada de fresco vento...

ODILON GARCEZ AYRES

A “siesta” curta, interrompida pelo relógio do galo, às 15h e 20 min., nesta tarde calorenta de fim de primavera, trouxe uma rajada de fresco vento, fazendo com que o mata-pasto, que se criou plantado pelos pássaros, ao lado do meu quarto, fizesse graúdas folhas roçarem a parede. Esse arbusto, que parecia quase morto, rebrotou vigoroso, e no ano passado tive que escorá-lo com forquilhas, para não incomodar a cerca elétrica do vizinho. E agora, nesta iminência do incômodo novamente, pensei:

“Atoro ele pelo meio!” Logome veio à mente o sacrifício que fui compelido a fazer, derrubando um vigoroso timbó, ao lado da casa da vizinha, para satisfazer uma mãe temerosa da segurança de seus filhos, embora eu tenha ou tivesse lhe garantido, que raramente ele largaria uma lasca que fosse, com o vento. Tampouco, seu mais robusto galho faria estrago, pois que seca por si só, morre, cai e, por levíssimo, nenhum dano causa. Assim também, os galhos da canjerana.

Baldada explicação!

Muito a contragosto, derrubei-o e dele fiz lenha na lua minguante, para que não carunchasse até o inverno vindouro, quando o seu destino seria o fogão, como de fato foi. Durante dois anos de noites gélidas, livrou os vizinhos, de dia, do seu cheiro fétido. E queimado à noite (pois não é de balde que é tido e havido como o protetor das florestas, circundado-as, e captando todas as impurezas externas), preservando a saúde das demais árvores da mata. Pouca gente sabe disso!

Recordei-me também de que, ao derrubá-lo, e depois de feitas as achas, centenas de besourinhos coloridos, com e sem antenas, corriam dias e dias, pelos troncos e pedaços, agora inertes, mortos, sem vida, desesperados pela perda do seu lar. Poderiam migrar para outro timbó, perto dali, o único existente até hoje. Um macho que, todos os anos, teimosamente, ciclicamente, larga, em dias ventosos, milhares de sementes nas ruas calçadas, na ânsia de perpetuar sua protetora espécie, preservando assim suas congêneres e outras amigas árvores. Mas não, não! Desorientados, morrem os besouros com sua casa, o centenário timbó. Luta desesperada, inglória!

Não vi os ditos nematoides, tampouco os besourinhos e grilos cantantes da árvore, mudarem-se ou morrerem. Só dezenas de casquinhas brilhantes e furta-cores salpicadas na serragem. Mas a cantoria da sua gente, nos fins de tarde, lusco fusco da noite, recém saindo a lua nova, não se extinguiu. Mermou!

Assaltou-me a certeza, nesses pensares, que não sabemos quase nada da natureza das árvores, embora saibamos que seu viver, seu DNA, suas funções e denominações, confundem-se e igualam-se, muitas vezes, com as do corpo humano, e há nisso um mistério e uma ciência que ainda não deciframos, e o pouco que sabemos não compreendemos: células, veias!

Cada uma delas é um mundo à parte, cheio de mistérios, e multifunções, desde os curativos e medicinais, até as mortíferas. E abriga, em seu ventre, águas e veias, nervos e músculos, construídos milimetricamente, e agregando incontáveis seres, dependentes e interdependentes, os quais, julgo eu, quando os matamos, em assassinato inconsequente ou premeditado, é uma vida que tiramos, como se humano fosse. E, em efeito cascata, o morticínio é um

genocídio sem fim, de pais, irmãos, mães, parentes, vizinhos e amigos. Tal qual quando tomba um fétido timbó bandido, ou um cedro cheiroso da sociedade.

É imensurável essa tragédia! Ainda ontem, ao passar pelo cinquentenário “guaimbé”, chamaram-me a atenção as joaninhas brancas, contrastando com a folha amarela e morta. Fotografei! Pois era inédita e comprovava a visão...

Hoje, um dia após, a folha morta caiu, dando lugar a uma flor, um copo branco, com uma banana cheirosa, que vai perfumar a noite. E, dentro dela, joaninhas amarelas, cumprindo outra função que, para entendermos, levaria estações e tempo até auferir algum conhecimento e significado.

Você saberia? E, para completar, ensimesmado no sofá, um documentário mostra um colega, ensinando arcaicos agricultores asiáticos a utilizarem, em vez de herbicida, aranhas-lobo, nas plantações de arroz; ácaros combatendo outros ácaros, no cultivo das flores: e formigas de fogo, para exterminar as lagartas e seus ovos, dos pinheiros italianos.

Nem tudo está perdido! Creio que ainda é tempo de voltarmos a ser índios guaranis, aborígenes, bosquímanos ou capiaus, para vivermos irmanados com a natureza, pela natureza e alimentando-nos da natureza. Ainda é tempo de fazer como os pássaros, as abelhas e os macacos, buscando cada um o pão nosso de cada dia. Isso não é regredir, é adequar-se! Matando as árvores, você está se suicidando, morrendo um pouco a cada dia, até que: Nada mais restará!

(Odilon Garcez Ayres, pseudônimo Arapitu, é escritor membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 04/11/2010

Título : NADAVA QUE ERA UMA PEDRA

Categoria: Contos

Descrição: Salvou-se, ou salvaram o Tio Pedro de morrer afogado.

NADAVA QUE ERA UMA PEDRA!

Como já falei, viemos morar na rua Eduardo de Brito, nº 9, em frente a Pedreira Municipal, esquina com Eduardo de Brito, sendo que, nos fundos da casa, margeava uma sanga rasa, bordada duma restinga de vime, que nunca mais vi igual, a qual desaguava no rio Passo Fundo, um pouco para cima da famosa “volta do Brito”, um dos lugares preferidos da gurizada para o banho no verão.

Ali o rio fazia um cotovelo, e mais ou menos numa extensão de vinte metros por uns oito de largura, aprendi a nadar, primeiro no “arrancão”, depois no

“cachorrinho”, e por último na *braciada. Uma *guavirovera caída, na beira da margem, era o nosso trampolim para os mergulhos, e para os saltos de “bombinha” e mergulhão.

Hoje fizeram uma reta do rio desde a ponte, mas naquele tempo, o Passo Fundo velho, dava mais voltas que mola de caminhão. Enquanto nós tomávamos banho, outros guris, logo pra cima, no meio da algazarra, iam fisgando as *taraiças, nos anzóis iscados com *sardela, bocudo ou lambari. Mais um pouco para cima, tinha uma pinguela que demandava ao Matadouro Municipal, pois ali, vi, não me contaram, uma ariranha, se *rebolqueando na água, límpida, como a da Corsan de hoje.

O dia estava quente uma barbaridade, fevereiro, férias escolares, duas horas da tarde, a mãe não estava, pedi ao vovô Pacífico, para ir ao banho no rio, e aí, este pediu para o Tio Pedro Velho, que acompanhasse eu e o Odir até lá, para não irmos sozinhos. Foi então que perguntei ao meu avô:

O Tio Pedro sabe nadar?...Sabe sim!...e acrescentou...Nada que é uma pedra!

Saí pensando...Nada que é uma pedra! Que será que o vovô Pacífico quis dizer com isso. Bom, deixa pra lá, e se fomos, nadamos até lá pelas cinco da tarde.

O Tio Pedro ficou na barranca do rio, hora sentado, hora de pé, hora acororado, mas, não quis entrar no rio de jeito nenhum.

Quando voltamos, faceiros, arrepiados, *churingados, e loucos de fome, enquanto comia um pão d'água com mortadela, perguntei o significado do jargão dado ao Tio Pedro.

Meu avô deu uma volta na bomba do mate, ajeitou a erva, encheu a cuia, sorriu meio entre dentes, com certeza, saboreando o causo que ia contar, deu um longo *talagaço na água amargosa, e lascou:

Bueno, esse causo se passou lá pelas fronteiras, eu, ainda moço novo, recém casado, resolvi fazer um contrabando da Argentina, ali pra baixo do Itaqui, e convidei o meu irmão, o João Silveira Garcez, e o Tio Pedro Velho para me acompanharem na empreitada, pois eram duas carretas para transportarem a farinha de trigo, e uma tropilha de cargueiro, com as bruacas, levando umas mercadorias para vender, e outras para trocar por outras dos castelhanos.

Sabes o que é um cargueiro? Sei sim senhor! Então mês responda, o que é o que é?

O corpo é do mato, a tripa é do banhado e foi criado no campo! O que é?

A resposta está na história, mas *bueno, continuou o meu avô: Foi lá na Argentina, no campo...e que campos...quando nós vínhamos voltando que encontrei aquele revólver, o nagão 44, que está guardado, (como tu sabes), numa caixa, lá no compadre Antoninho, e que é teu quando eu me for.

As carretas, a boiada, ficaram do lado de cá, e passamos com a mulada, escondidos numa chata, timoneada por um tal de Padilha, Uruguai a baixo, a mesma que depois nos trouxe de volta, com as bruacas, carregadas de quinquilharias, encomendas, arcas, e pessuelos, seda, artigos de lã e uns trinta e poucos sacos de farinha de trigo, marca *San Thomé.

Mas veja como são as coisas: Já perto do rio Uruguai, a tal polícia deles, a *germendaria, vinha no nosso rastro, e foi o quanto deu para nós se esconder

numa *reboleira de mato, num *arenal, formado pelas enchentes, e ali ficamos a noite toda, mastigando charque com bolacha, pois não deu nem para acender um fogo para o mate, tão pouco *pruma *cambona de café.

Madrugada alta, silêncio, só cantavam os grilos, a animalada de confiança mais quieta que urutau, calados, pressentimos, e depois ouvimos, apreensivos, com o coração na mão, um animal se aproximando, uma mula também, e nela montado, um gaúcho, *emponchado e de *sombbrero preto, que sem cerimônia, *apiou *devagarito, deu um *bôanote baixinho, olhando pra trás de soslaio, e se apresentou, descobrindo a cabeça:

Martins, seu criado! Como tem passado? Bem, obrigado! Se *aprocheque...

O sujeito falava como se conhecesse todo mundo, quase com intimidade, o que aumentou a nossa desconfiança, dado as circunstâncias da ocasião, o inesperado, e o horário da visita, pois...até poderia ser um bandoleiro.

Confidenciou que era contrabandista também, que andava a negócios à tempos por aquelas bandas, e revelou que era costume dos comerciantes castelhanos, entregarem para as *otoridades os brasileiros de primeira viagem, os quais aprendiam a lição pra não voltarem jamais e, que sabedor disso, previra lá na Vila de Santo Tomé, que esses patrícios iam ser esfolados ou perderiam as guaiacas, por isso, estava ali pra ajudar, e o fez, depois, nos guiando por aquele arenal rio acima, enquanto a *milicada dormia.

Depois de muito brejo, charcos e banhadais, voltas e reviravoltas, chegamos são e salvo na chalana, e carregamos o contrabando *pro nosso lado.

Na despedida, o anjo salvador, me olhou bem nos olhos e me disse: Não me reconheceu seu Pacífico?

Não!...Respondeu o meu avô, não estou lembrado, nem pelo seu nome, e tão pouco pela sua fisionomia, em todo caso, acho que foi a primeira vez que nos vimos, e sou, e lhe serei muito grato à vida inteira, por essa demão, que *vosmecê nos deu nessa hora de aperto.

O gaúcho deu um “até a volta”, depois como que arrependido, rodopiou o cavalo de volta, e disse:

O senhor não se lembra seu Pacífico, que eu lhe disse certa feita, que se o senhor fizesse “rabo de palha” sobre o acontecido teria a minha vingança, caso contrário, algum dia, eu ainda lhe estenderia a mão?

Enquanto ouvia, o meu avô cerrou os dentes, mais quieto que santo de pau missioneiro, e como um relâmpago, o pensamento respondeu:

Seu Feliciano Martins,... por Deus,...se não me dissesse agora, nunca mais o saberia.

Depois de mais umas palavras de agradecimentos e desculpas, se despediram!

Este patrício...como vou dizer...fora noivo da minha avó Benevenuta Pereira Ramos, e o meu avô lhe tomara a noiva, por correspondência, pois fez a dona *Vinuta escrever uma carta de rompimento do compromisso, e meu avô pagou uma junta de bois mansos para um próprio, ir entregar a carta pessoalmente, alcançando uma tropa que o tal Feliciano Martins, ia levando lá pras bandas de Pelotas, oportunidade em que, mandou dizer em resposta, que o tal de Pacífico

*Graceis, não fizesse “rabo de palha” do acontecido, enfim, que não espalhasse, e não se gabasse de ter lhe tirado a noiva.

No trajeto de volta, como o faziam todos os dias, fizeram uma parada *pro almoço, e pra sesteada, num lugar conhecido, com boa sombra *pros bois, e a mulada, e perto, coisa de duzentos metros, uma linda cachoeira, onde resolveram, tomar um banho refrescante.

Primeiro os patrão, e depois o peão, foram ao banho ao pé da linda cachoeira, sem entretanto, irem debaixo da cascata de água fria mas *revigorante, voltando logo em seguida para prepararem um gostoso carreteiro, do qual o tio João Garcez era o encarregado. Os dois irmãos estavam ali entretidos, um escolhendo os marujos do arroz, e o outro, fritando na banha, alho, e manjerona, quando ouviram os gritos de socorro do Tio Pedro Velho, vindos lá da cachoeira.

Largaram tudo, e saíram correndo para acudir o companheiro, do qual, nem rastro acharam mais dentro d'água, na beira, só sua *bombacha, e o chapéu acomodado num arbusto, do Pedro, nem sinal. Atônitos, o chamaram: Tio Pedro, Tio Pedro... e, nada... até, que o meu avô, atinou em ir buscar a guiada, que era uma taquara comprida, para vasculhar o leito da sanga, pois estavam com receio, pois o homem tinha sumido sem deixar rastro, só ouviram os seus gritos angustiados e apavorantes.

Cutucam daqui, cutucam dali, como quem vai espantar cascudo, e foram indo, até que de repente, a guiada, a taquara, quase sumiu das mãos do Pacífico, afundou, então perceberam que o poço, que a força da cascata fizera, era mui profundo, e embora com receio de perecerem também, ficaram vasculhando o forje, até que o sentiram pesado, e o puxaram para fora.

Agarrado na guiada, quase morto, estava o Tio Pedro Velho, e a muito custo o desgrudaram da taquara salvadora, para prestar-lhe algum socorro, pois estava gelado, vomitando e variando, alucinado, e ainda por cima, largava sangue pelos ouvidos.

Salvou-se, ou salvaram o Tio Pedro de morrer afogado. Chegaram são e salvos em casa, os três companheiros, mas...

O Tio Pedro Velho, ficou meio surdo para o resto da vida, e agradecido pelo Pacífico ter-lhe salvo a vida, acompanhou-o como filho, ao seu pai, pelo resto da vida, agora, banho de sanga, de rio, nem pensar, só de gamela, e olha lá!

Tio João, nunca mais quis saber de manjerona com alho, pois durante o acontecido, aquela mistura queimou na banha, junto com o charque e o arroz, e ficou na imaginação, e no olfato, aquele cheiro pavoroso, que nem a panela de ferro prestou mais.

*Arressabiado, sestroso, dos percalços, este foi o primeiro, e o último contrabando do meu avô.

Argentina, ...nunca mais!

Fim

(Passaram-se uma pontada de anos, mais de quarenta, e o meu avô descobriu que o tal Feliciano estava morando ali pelo interior de São Pedro do Sul, e resolveu fazer-lhe uma visita de cortesia:

Meia tarde, solação, *apiou do cavalo, e lascou o tradicional “buenas tardes”, seu Feliciano, e amistosamente perguntou: Como vai sua mãe?

Dom Feliciano estava debaixo de um *cinamão, e já meio velho, e bem surdo, cuidando de uma égua, intuitivamente respondeu sem ouvir:

Eu tava tirando carrapicho da cola dela, mas ainda não tirei tudo!).

Odilon Garcez Ayres - Arapitu

Obs.: Palavras com asterisco(*) são expressões regionalistas.

P.S.: Este Conto Longo faz parte do livro intitulado “Coxilha do Céu”, onde o autor conta sua infância desde o seu nascimento no Cerrito do Ouro, e que recentemente concorreu a 9ª Edição do Concurso Literário Guemanisse de Contos do Rio de Janeiro, ficando entre os 530 selecionados, dos 2.019 contos inscritos.

Ano : 1947

Título : O 4º CANDIDATO

Categoria: Poesia

Descrição: GEZERINO DUARTE! Eis ai o nome, Prestigiado de um barbeiro de respeito,

O 4º CANDIDATO

POESIA DE AUTORIA DE JOÃO DO MATO (colhida para meu acervo)

GEZERINO DUARTE! Eis ai o nome,
Prestigiado de um barbeiro de respeito,
Brasileiro e patriota de renome,
Que há bem pouco foi candidato a Prefeito.

No seu plano de governo consciente,.
Mandaria que a polícia desse páu,
Construiria um manicômio pra os dementes,
E um moderno seminário ali em Maráu.

Criaria mais igrejas, mais escolas,
Grande Usina – o ideal de sua cachóla...
E é por isso que ele vive praguejando:

Si eu tivesse sido, em tempo, registrado,
Juraria que eu teria derrotado,
O já eleito pra Prefeito – Seu Armando!

Data : 24/07/2019

Título : O CHAMAMÉ EM PASSO FUNDO

Categoria: Artigos

Descrição: Foi criado no campo, o corpo é do mato e a tripa é do banhado? O que é?

O CHAMAMÉ EM PASSO FUNDO

Em 1958 eu havia comprado um violãozinho, sabendo disso, meu amigo que Deus o tenha, Fladir Padilha, levou lá em casa o seu amigo de nome Hélio Noschang, guri como nós, para mostrar o que sabia de violão.

Na época eu gostava de música caipira, mas apenas arranhava as posições básicas. Hélio pegou o violão e saiu tocando músicas desconhecidas, das quais eu apenas conhecia a Seriema do Mato Grosso, depois tocou uma guarânia (chi morena mi che tu suavegante mi conhadora, dulce de una flor tu lábios dolor dulce an mujer) assim me soava a cantoria, emendou com um rasquiado e me ensinou a letra do Hino do partido colorado do Paraguai (Colorado gran partido Nacional Republicano, haopemano querido hermano, soi partido colorado). De muitas outras que tocava, ficaram esquecidas no tempo que passou.

Contou-nos que fora com um tio dele que o criara, contrabandear farinha de trigo de canoa atravessando o rio Paraná, ergueu a camisa e mostrou-nos as costas crivada de chumbos de espingarda, quando fora atingido numa dessas travessias. Nessa faina é que aprendera as letras e músicas castelhanas.

A mãe dele, era uma mulher quarentona, loira, muito bonita, que tinha banca de jogo de baralho, ali na Rua Moron, entre Benjamin Constant e Fagundes dos Reis, acho que casada com um companheiro de jogo, deixara dois filhos ao leu, pouco se importando com o filho, que viera de Erechim para vê-la...o outro, o conheci mais tarde, o Bergamini, trabalhava nas Lojas Alegretti da Av. Brasil.

Estabelecida a amizade, pediu a minha mãe, e ficou lá em casa, ajudando na serraria e na carpintaria, e nas horas vagas, dele violão, por mais de uma semana. Diante de tal novidade, convidamos-o e fomos até a residência do senhor Ivo Paim, apresentador do programa do CTG. Lalau Miranda, pai do Dinho e da Marlene que eu conhecia, que morava em frente do Epaminondas Xavier na beira da sanga da Rua Independência, pois eu respondera uma pergunta gaúcha com a ajuda do Tio Dorival e ganhara um brinde...a pergunta:

Foi criado no campo, o corpo é do mato e a tripa é do banhado? O que é?

Paim ouviu com atenção e gostou, mas ponderou que o programa era gauchesco e que não aceitava música estrangeira, esse tal de chamamé do Paraguai. Voltamos para casa desiludidos, mas a vida continuava. Dias depois Hélio voltou para sua querência e nunca mais o vi, mas deixo aqui registrado que foi a primeira vez que vi e ouvi em Passo Fundo, o tal de chamamé,

Campo Grande, 24.06.2019.

Odilon Garcez Ayres

Presidente Licenciado da Academia Passo-fundense de Letras

Data : 27/07/2010

Título : O TIGRE E AS POMBAS

Categoria: Contos

Descrição: Um dos Contos do Livro Coxilha do Céu a ser lançado 2010

Odilon Garcez Ayres , Masculino, 66, garcezyayres@via-rs.net

O TIGRE E AS POMBAS

Criança gosta é de causos de aventura, de bichos, de gauchadas e de peleias, coisas que nos deixavam extasiados, e às vezes com medo, ainda mais de noite, à luz do lampião, o vovô Pacífico lascava mais um, dois ou três causos, encordados como teta de porca.

Contava ele, com palavras rebuscadas, buscadas lá do baú da sua sabedoria, os causos de tigre, comuns naquela época ainda, pois os parentes emprestados, ali do Engenho Velho, e lá *pros fundos do rio Carreteiro e do Facão, ainda contavam que ouviam o rugido poderoso do felino por aqueles sertões cravejados de verdes pinheirais.

Entretanto, os tigres do meu avô materno, não eram qualquer *tigrinho aqui da serra, eram tigres grandes e ferozes, que faziam os nossos parecerem, umas *jagatiriquinhas de merda, pois no nosso imaginário, eram de longe, muito longe, lá das fronteiras, de lugares de nomes pomposos, como Ibirapuitã, Itácurubi, Ipamoroty e Tupãnciretã, nomes muito diferentes de simples Coxilha, Passo Fundo e Sertão, e se ficava imaginando que as matas, serranias, pampas e *cerritos, eram ainda maiores que os nossos, e os rios, como o Ibicuí e o Vacacaí Grande, nem se fala, davam uns cem rio do Peixe e uns duzentos Cachoeira.

Contou que, certa feita, pegou a espingarda para caçar de *tardezinha, umas pombas que dormiam numa restinga de mato, empoleiradas num tal de *tarumã, lá *pros fundos da internada da sua sogra, a dona Eduwirges Pereira das Neves, la nas Unistalda, e entra no mato, sai do mato, atira daqui, atira dali, pois as carijós eram ariscas, o tempo foi passando, e quando saiu do tal mato, (que eu imaginava que fosse aquele ali do Rincão das Quinas), já era lusco fusco, mais pra noite pra que dia, carregando uma fieira de pombas nas costas, e a espingarda na mão, descarregada, pois gastara toda a pólvora, e os chumbinhos, na velha taquari de carregar pela boca.

Caminhava pela borda, no rastro das alimárias pelo campo, faceiro pela caçada, em direção a uma porteira de uso comum, quando sentiu que alguma coisa, o acompanhava pelas costas, talvez um terneiro desgarrado, mas que, desconfiado, olhando pelo ombro, aquele bicho malhado, vinha farejando as pombas, já perto do seu calcanhar.

Nem bem a onça tinha apressado o passo, para tomar-lhe as carijós, e o meu avô mandou roda, como si dizia naqueles tempos, virou em perna, botou sebo

nas canelas, e correu mais que *bestruz, direito no rumo, daquela salvadora porteira, galgando-a num upa, e se empoleirou lá na cumeeira, parecendo urutau no pau.

Anoiteceu,... e o tigre esfomeado, ronronava olhando para cima, medindo a distância, estudando as possibilidades de pegar as pombas, e o meu avô, até que, passado um pouco do susto e do cagaço, o tino foi voltando, *devagarinho, estudou a situação, e viu que a melhor solução, seria entregar o fruto de sua caçada.

Atirou a mais magrinha pra baixo, da qual, não sobrou nem as perninhas, engolfou com pena e tudo. Faceiro, ergueu suas patas dianteiras, a moda cachorro, encostando as munhecas no moirão, e pediu com o olhar mais uma, e não satisfeito, pediu uma mais gordinha, e mais outra, e mais outra carijó, até que não restou mais nenhuma...

Com tanta bóia consumida, o vovô pensou, que o tigre, com o “satisfeito” cheio, ia deixá-lo em paz, deixando-o ir embora, pois já estava com as pernas amortecidas, mais de hora, empoleirado que estava, que nem macuco, naquele varejão de aroeira, quando o seu tigre resolveu contra-atacar de novo, erguendo-se nas patas traseiras, olhando fixo para o meu avô, com aqueles olhos grandes e amarelos, e lambendo os bigodes, resolveu falar...de tigre...para homem:

Desce daí, seu Pacífico, que agora é a tua vez!

Data : 31/05/2011

Título : Os pardais de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Com o passar dos anos, aprendi a gostar dos “pardais” e suas “pardocas”, e até deixei-os fazerem ninhos nos beirais da minha casa.

Os pardais de Passo Fundo

Quando vim morar em Passo Fundo, no ano de 1954, desmanchamos a mesma casa onde morávamos em Coxilha, e a reconstruímos na Rua Eduardo de Brito nº 9, na esquina com a Pedreira Municipal. Neste local, meu padraço, José Pedro Schleder, e seu amigo e nosso contra parente, Antoninho Garcez Ribeiro, colocaram uma produtiva marcenaria, que nos sustentou por quase dois anos. Eu era bom de bodoque, mas, em Coxilha, além dos poucos tico-ticos e canarinhos que apareciam na vila, os brigadianos nos tomavam os bодоques

sem dó nem piedade. Certa vez, um deles me flagrou atirando num canarinho, e eu rapidamente escondi a funda na perna da minha bombacha. Mas mesmo assim, o danado me revistou, e confiscou o meu bodoque. Na época era uma raridade, pois a borracha era caríssima, e se conseguia fazer um bodoque, pegando os tirantes dos caminhões que apareciam em Coxilha, vendendo banana.

Bueno, em Passo Fundo, tudo mudou de figura. Brigadiano não se preocupava com bodoque, bolita e borracha, até bicicleta era uma fartura, forquilha às pampas, no matinho da pedreira acima, e nas beiras do rio, que na época tinha muitas voltas. Eu mesmo aprendi a nadar na volta do Brito, bem onde desaguava a sanga que nascia no banhado ainda existente, e localizado entre o campo da Brahma e a vila Santa Terezinha, hoje, denominadas Vergueiro e Fátima. O rio atravessava toda a vila Annes, correndo paralelamente à Rua Eduardo de Brito. Por ali vi passar também muita tropa macanuda, e até estouro de tropa, que subia pela Jacinto Vilanova, saía na Av. Brasil, dobrava à esquerda, onde hoje é a Prefeitura, e seguia até o matadouro municipal.

No inverno era uma maravilha! Alagava tudo, e dava para brincar de canoa, recolhendo as toras de lenha de metro e meio, que boiavam no fundo de casa, teimando em se dirigir para a sanga.

Foi ali que conheci os ditos “pardais” de Passo Fundo, pois lá na minha vila não existia essa variedade, que formava bandos em algazarra por toda a cidade. Mas, caçá-los era a maior dificuldade, pois eram ariscos, uma barbaridade. Quando se pensava em levantar o bodoque, já andavam longe. O único meio de surpreendê-los era “negaciá-los” quando estavam distraídos, tomando banho nas valetas ou na sanga.

Os bons de pedra (caçadores), o Benes e o Massinha, e mais o Délson, me contaram que esses passarinhos não eram daqui, parece que tinham vindo da Europa. Diziam eles que o velho ex-prefeito, Armando Araújo Annes, os tinha trazido de lá, e colocado num viveiro em sua propriedade ali mesmo na Rua Saldanha Marinho, fundos com a Tiradentes, e paralela à Eduardo de Brito e à Lava Pés. Falavam também que um dia alguém deixou a portinhola aberta, e os pardais fugiram, infestando a cidade.

Sei hoje que parte é lenda e parte é verdade, como todos sabem.

Os anos se passaram, aposentei o bodoque, e abominei essa prática da gurizada, e ensinei aos meus filhos, como meu avô me ensinou, a amar e respeitar a natureza, apesar dos impulsos animais que, vez por outra, nos assolam, em caçadas e pescarias, próprias da meninice e da juventude.

Com o passar dos anos, aprendi a gostar dos “pardais” e suas “pardocas”, e até deixei-os fazerem ninhos nos beirais da minha casa. Mas quando se tornaram inconvenientes, num bando regular, dispersei-os pela vizinhança, e hoje, só uns poucos estão aquerenciados aqui por casa.

Repito que aprendi a gostar deles, embora trazidos para combater nossos caboclos, os tico-ticos, pois eu achava que eles viviam apenas dos restos de comida dos cachorros, e que eram uns pássaros preguiçosos, que não buscavam o seu sustento, como fazem os nossos das matas, campos e cidades. Eis que aos poucos, prestando atenção mais apurada, comecei a ver os pardais com outros olhos, pois eles continuam a viver das sobras, como fazem os

brasileiros, mas os tenho visto numa faina insana em busca do sustento diário, muitas vezes pairando no ar como faz o beija-flor, à procura de insetos nos beirais, nas áreas e janelas das casas, e até, como faz o “limpa-folhas”, inspecionando, folha por folha das árvores, equilibrando-se para não despencar atrás de um minúsculo inseto, ou de uma larva gostosa. Eis que, com o passar dos anos, como muitos que vieram para cá, os pardais foram se abrasileirando, e hoje são iguais aos nossos pássaros caboclos, continuam nos surrupiando de vez em quando, mas suam a camisa, na busca do pão deles de cada dia.

(Odilon Garcez Ayres é membro da Academia Passo- Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 01/01/2010

Título : Os pioneiros sertanejos

Categoria: Artigos

Descrição: Na década de 40, o trio sertanejo formado por Serrinha, Caboclinho e Riélinho, gravou o seu primeiro LP

Riélinho - Artista sertanejo de renome nacional e humorista regional

Odilon Garcez Ayres

Na década de 40, o trio sertanejo formado por Serrinha, Caboclinho e Riélinho, gravou o seu primeiro LP, Raridades da Terra dos Pinheirais, originalmente em 78 rpm., fazendo o maior sucesso com as musicas intituladas Xambrê, Chuá-Chuá,

Porto Alegre, Toureiro Fan-Fan, Linda Guarani, Moreninha Matadeira, Felicidade de Caboclo, Sertão de Minas, Recordação, Ambição de Sertanejo, Ave Maria, Recordando Botucatu e Quarto Centenário. Daí para a frente este trio se intitulou o “Trio Mais Querido do Brasil”, fazendo sucesso e apresentações nos Estados do PR, SP, MT, GO, e MG.

Antenor Serra, o Serrinha, nasceu em 26.06.1917 e faleceu em 19.08.1978; e Luiz Marino Rabelo, o Caboclinho, veio a falecer em 1954, oportunidade em que a nova formação ficou constituída de Serrinha, Zé do Rancho e Riélinho. Riélinho que alem de musico e humorista, era também compositor, segundo o Dicionário

Cravo Albin da Musica Popular, em solo, ou com os companheiros de trio, gravou de sua autoria: Abandonado (54), Ambição de Sertanejo (47), Baiãozinho do Sertão (50), Cuiabana Porã-mi-guarânia (47), É hora do sobe e desce - samba mineiro (48), Ituiutaba – valsa (45), Mentirosa (57), Meus 17 Anos – moda de viola (47), Moreninha de Goiás (45), Namoro de Fronteira (44), Rasqueado (60), Porto Alegre (54), Recordação (47), Triste Sonhador (48), Xambê (54) e Triste Peregrino em 1960.

O Trio Mais Querido do Brasil, forma coro na música de raiz, junto com os pioneiros, Raul Torres, Serrinha, Tinoco, Carreirinho e Zé da Estrada. Gravaram mais de uma centena de músicas sertanejas na RCA Vitor, na Continental, na Chanteclair e na Odeon. O sucesso é tão grande, que a maioria dos trios e duplas sertanejas, passam a reproduzir suas criações, lá, entre muitos, João Mineiro e Zé Goiás, Léo Canhoto e Robertinho e agora, Chitãozinho e Chroró, e aqui em Passo Fundo, os seus admiradores, Cartucho, Cartola e Cartolinha.

As datas das letras de Riélinho, nos leva a crer, que ele tenha passado a integrar o trio, mais ou menos em 1947, pois nessa data, com apenas 17 anos de idade, numa de suas subidas de trem para São Paulo, faz um curso de ventríloquo, e humorista nato que era, pois dominava todas as artes circenses, aqui chega com o nome inglesado de Maurell Blanders, e tomado duma euforia, e duma alegria contagiante, não mede esforços para apresentar as suas magias e magias, ao povo, a petizada de Passo Fundo e de todos os distritos da Capital do Planalto Médio, conforme anunciado amplamente pelas páginas de O Nacional.

Se me parece que, Riélinho apreciava mais a carreira solo de humorista, que o prestígio nacional de que desfrutava como integrante do Trio Sertanejo mais querido do Brasil, pois as notícias, e as fotos que ficaram, demonstram a sua alegria de viver, de suas apresentações humorísticas, na maioria das vezes, beneficentes, e que aglutinava ao seu chamado, nas Rádios e Picadeiros de Circos, os artistas, os músicos, os trovadores, e ele como carro chefe, fazendo imitações e humorismo.

Numa dessas idas e vindas, traz consigo, nada mais nada menos do que Jararaca, da dupla Jararaca e Ratinho, conhecidos nacionalmente. Como não podia se apresentar como Riélinho, em respeito ao trio que integrava, adota o sugestivo nome de Lagartixa e forma aqui, a dupla Jararaca e Lagartixa, apelido que carregaria, em grande parte de sua vida.

Tendo aqui se casado em 1950, com Linda Fontana Leone, funcionário dos correios de Passo Fundo, em 1952 é transferido para a Agencia Postal de Coxilha, onde os conheci juntamente com seu filho João Luiz Leone de Senna, tendo ali permanecido até 54, quando foi transferido para Uruguaiana, e desta para a cidade de Carázinho, onde continuou a dar vazão a sua veia humorística, participando ativamente daquela comunidade, seja como apresentador de programas radiofônicos, motivador de espetáculos beneficentes, juiz de futebol, político, e tenha até integrado a primeira Diretoria do Lyons Clube da vizinha cidade de Tapera, ali se consagrou como Lagartixa!

Separado, em segundas núpcias com Noêmia Martins Pedroso, nasceram desta união, o Joel (que herdou os dotes artísticos do pai), a Maria, o Jorge, a Fatima, e o José Luis Pedroso de Senna. Advindo a Revolução de 1964, dizem que, integrante do “Grupo dos 11”, fugiu da noite para o dia, e até hoje, não se conhece o seu paradeiro, sendo que, a última notícia é de que trabalhava em

Francisco Beltrão-PR, com o nome humorístico de Lima Filho, em cuja lápide se encontra este nome que não foi exumado, permanecendo a dúvida, pois outras pessoas sustentam que o viram na Província de Tucumã, na Argentina. Riélino fez suas primeiras letras no Protásio Alves com a professora Maria Dolores Freitas Barros, depois ajudava seu pai no Restaurante, participava das corridas ciclísticas, mas jovem ainda, começou a trabalhar no Departamento de Correios e Telégrafos de Passo Fundo, como estagiário, em 1951, e a participar da vida social da comunidade, inclusive como um dos fundadores do pioneiro Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, onde entreverava, “pilchadito” no mais.

A vida o levou a São Paulo e desta a fama como um dos pioneiros da música sertaneja de raiz do Brasil.

Quem era, Riélino, Maurell Blanders, Lagartixa, Gaúcho ou Lima Filho? Era o mais jovem artista sertanejo, e humorista Passo-Fundense, que vive ainda no nosso imaginário, como um dos mais perfeitos humoristas do sul do Brasil, orgulho da música sertaneja de raiz do Sul, Centro Oeste e Sudoeste Brasileiro, quase tão grande como Teixeirinha, pois um era da década de 40 (Sertanejo) o outro (Regionalista) da década de 50, nasceu enjeitado, veio ao mundo no dia 18 de março de 1930, e não se sabe por quem, foi deixado na porta da frente do Restaurante e Pensão do Sr. João de Senna, e de Dona Theresa Domeneghi, ali naquela casa de dois pisos, na esquina da antiga Praça da República, e como um anjo sardento, de cabelos esfogueados, foi criado como filho, um dileto e talentoso filho de Passo Fundo, de renome nacional, para quem esperamos os tardios louvores da terra que o viu nascer.

Bibliografia

Garcez Ayres, Odilon – Caboclo Serrano em O Puchirão do Gé Picaço nas Revoluções de 1923, 30 e 32 – Méritos Editora – Passo Fundo – RS – 2008, e Garcez Ayres, Odilon - Coxilha do Céu – História Regional – Lançamento previsto para 2010.

Jornal O Nacional, de nº 5.897, 6.019, 7.102, 7.104, 7.159, 7.189, 7.315 e 7.626.

Revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras – Edição de 2010.

Depoimento de testemunhas vivas: Dr. Paulo Giongo, Bel. João Luiz Leone de Senna, Sr. Arlindo Rodrigues de Moura (Serraninho), e Odilon Garcez Ayres.

Em 09.02.2010, para a Revista do Instituto Histórico de Passo Fundo.

Data : 30/11/2012

Título : Passo Fundo e Posadas

Categoria: Artigos

Descrição: Escuto Tarragó, Montiel y ahora Los Chalchaleros. Pout-pourri de chacareras, zamba de mi esperanza, sapo cancionero, illorare, cautiva...

ODILON GARCEZ AYRES

Escuto Tarragó, Montiel y ahora Los Chalchaleros. Pout-pourri de chacareras, zamba de mi esperanza, sapo cancionero, illorare, cautiva...saio lá fora, ouvindo de longe, “Retorno” de Salvador Miqueri, mirar a noite, que está rosada com buracos azuis, sem estrelas, amanhã será de sol, lembranças mil...Viejo, curte tua saudade, tua idade, solito, tua mocidade se foi, ela S, de solteira, deslumbrada, alumbra, no Moulin Rouge do Passinho....não a vê, imagina, nos teus braços, dançando uma cumbia, um bolero, te quiero, mas não te tengo ni, tan poco te posuo... esquecida da vida, de mim, danças, sorves o néctar etílico, esquecerás de tudo, rodopiando, amanhã lembrarás do teu amigo, teu admirador, que por ti... su amor...no morirá, jamás! Jamás!”

Estava nessas divagações, quando me lembrei que nos anos sessenta, eu, profundo admirador das músicas e do folclore argentino, pegava o rádio velho que pesava mais que uma arroba, e o punha na forquilha entroncada do salso-chorão, que bebia água dum filete, afluyente da sanga Independência, local que captava, com especial nitidez, a Rádio El Mundo, para ouvir direto do Festival Nacional de Cosquín, Los Chalchaleros, Los Tuco-Tuco, Jorge Cafruni, Coco Diaz, Eduardo Falu e tantos outros. E, sintonizado, ficava até madrugada alta, ouvindo o que gostava e gosto.

Ali por 1965, contam que Los Chalchaleros foram num Festival de Folclore em Mar del Plata e, como tantos outros conjuntos, recém-começando a caminhada musical, viram e ouviram aquele corpulento Turco barbudo cantando com seu violão: “Zamba de mi esperanza”.

Apaixonaram-se pela letra e a música, gravaram-na, e a mesma se tornou sucesso nacional, atravessou fronteiras, e hoje é cantada e decantada, da Patagônia ao México, e no Brasil também.

Isso foi possível, graças a Jorge Cafrune, que também, musicalmente, se tornou um ídolo nacional, a tal ponto de que alguém o definiu assim: El Turco és um grande, mais que um grande, lo mas grande! Que frase, que legado!

Não mui lejos, no ano de 1966, o Centro de Tradições Gaúchas Getúlio Vargas, modesto, mas em constante disputa com seu irmão maior, o Lalau Miranda, recebe um convite muito especial, retribuindo a visita do CCT Peña Itapuã, que aqui viera para abrilhantar a nossa 1ª Efrica, e participar do 4º Festival Internacional de Folclore do Litoral, realizado na cidade de Posadas, capital da Província de Misiones, num anfiteatro, especialmente iluminado, nas barrancas do majestoso rio Paraná, para apresentações de músicas, cantores e grupos de folclore, até alta madrugada.

Uma luzidia delegação foi formada a mando do inolvidável Prefeito Mario Menegaz; capitaneada pelo jornalista, advogado e escritor, Jorge Edeth Cafruni, pelo Poder Executivo, pelo Vereador e Bel. Victor Hugo Lacerda, pelo Legislativo

Municipal e a peonada do CTG Getúlio Vargas, pelo Patrão Velocindo Pinto de Lima, bem escorado pelos companheiros Amador Almeida, Aldino Schmidt, Ercy e Oscar Pinto Veira, Antônio Carlos Vieira, João Vieira, Vilson Freitas, Amilton Borges, Conrado Wolff, Clori Pinto de Lima, Marli Almeida (2ª. Prenda), Sirlei Locatelli Vieira, Oscar Ribas, Argemiro Oliveira, Zulmira Almeida (1ª Prenda) e o fotógrafo oficial, Deoclides Czamanski, todos habilmente conduzidos pelo Sr. Eloy Pinheiro Machado, proprietário da Empresa Vera Cruz, passando por Carazinho, Cruz Alta, Ijuí, Santo Ângelo, Guarani das Missões, Cerro Largo, Roque Gonzalez, Porto Xavier, Balsas, no rio Uruguai, San Javier, Itacuararé, Apóstoles e, finalmente, Posadas. Foram 560 quilômetros, de estradas de chão, distantes de Passo Fundo.

Lá foram, com alegria contagiante, recepcionados pelo Peña Itapuã, Intendente Municipal, e pelas rádios e televisões de Posadas e Encarnación, no Paraguai, (que não possuíamos acá), e hospedados em hotel central. Ali houve churrascadas e apresentações com a gauchada argentina e, de brinde, ainda foram levados a conhecer a Redução de San Ignacio, mundialmente reconhecida como uma das jóias raras do Jesuitismo Sul Americano; Ajá no esplendido palco, encontraram-se com: Os Nocheros, Chango Leguizamon, Quinteto Formosa, Maria Helena, Mirta Denis, Fermin Fierro, Rosa Garling, Conjuntos de Danças de Posadas e de outras Províncias; com a famosa Argentina Rojas, a Libertad Lamarque dos castelhanos, e o famoso tradicionalista, “Jorge Cafrune” (com “E” no final), e parente como o próprio se declara, do nosso hoje também imortal escritor, Jorge Edeth Cafruni, autor do ícone histórico “Passo Fundo das Missões” e do romance heróico indígena, “Irapuã”, que assim escreveu nesse memorável encontro:

“Dizemos que o Jorge Cafrune argentino é famoso, sem mentir e sem adulações à nossa família. Onde quer que ele se encontre, as multidões o cercam, buscam autógrafos, querem tirar fotos, e isto com aclamações de todos os lados. Quando nos acercamos dele, para propiciar um mútuo conhecimento, fomos arrancados de sua frente, puxados como intrusos, e não houve remédio senão adiar o cerimonial. Apresenta-se ele sempre com longas barbas. É gordo e possante. Anda sempre a caráter. Revive em sua plenitude as tradições dos gaúchos argentinos. Suas canções revivem a alma de seu povo simples e bom. E o povo delira, à sua presença, e vibra com seus cantos, que traduzem sentimentos e paisagens de velhos e heróicos tempos.”

Além do seu parente, Jorge Edeth Cafruni, o único passo-fundense que conseguiu a atenção do artista Jorge Cafruni, foi o Dr. Vitor Hugo Lacerda, que subiu ao palco e arriscou um dueto perfeito, granjeando a amizade do argentino.

Aqui estão, para a posteridade, vários fatos, ou seja, a história de uma música que se tornou universal, “Zamba de mi esperanza”. Foi o pioneiro gesto do Centro Cultural Tradicionalista Peña Itapuã de Posadas, República Argentina, de vir abrilhantar a nossa 1ª EFRICA; (sugestão minha ao meu ex-patrão e vice-prefeito Adolfo João Floriani).

Foi também o reconhecimento de tal fato pelo Prefeito Mário Menegaz que determinou, ao CTG Getúlio Vargas, a continuidade desse entrelaçamento, resultando na paz entre os povos, através da dança e da música, porque essa extinta agremiação, à época, fora laureada em várias apresentações. Além disso, detinha uma excelente Invernada de Danças, e andara por Pato Branco,

Chapecó, Francisco Beltrão. E sua primeira prenda, Jussara Piccini, fora eleita a “Mais Prendada Prenda do 7º Rodeio Internacional de Vacaria”. Foi lá, naquele memorável Festival de Folclore, que se deu o encontro de dois parentes famosos, o cantor Jorge Cafrune e o escritor Jorge Cafruni, mesmo sangue, talentos diversos, orgulho de Misiones e do Rio Grande do Sul. Fez também com que a delegação Passo-Fundense, encarnada no CTG Getúlio Vargas, trouxesse, do 4º Festival de Folclore de Posadas, vários troféus de destaque, como o de Vice-Campeão de Conjuntos de Danças Folclóricas; semeasse durante uma semana a amizade entre os povos e, o mais importante, não fossemos registros jornalísticos, fotográficos e orais, não ficaríamos sabendo hoje, que lá naquele instante, se criava o embrião, o primeiro, o pioneiro contato cultural entre Passo Fundo e Posadas, que prosperou, e até hoje povoa o nosso imaginário.

Revedo os diários passo-fundenses, estou procurando determinar o início do intercâmbio cultural, entre as cidades de Passo Fundo (RS) e Posadas (RG), na década de 60, para que esses fatos não sejam olvidados, mas possam ser retomados e revitalizados, alicerçados no passado histórico que nos uniu, através da salutar troca de visitas entre as duas cidades, e mais em especial, entre o CTG Getúlio Vargas e o Peña Itapuã, da Capital de Misiones.

Por ocasião da 1ª Efrica, realizada de 19 de novembro a 4 de dezembro de 1966, o Peña Itapuã visitou Passo Fundo, oportunidade em que aqui aportou com luzidia delegação, realizando apresentações memoráveis, no pátio da Feira, (hoje, fundos da Câmara, no campo de futebol), nas dependências do CTG G. Vargas, e num baile do CTG Lalau Miranda, onde o Locatelli patrocinou uma briga de arma branca, e os Argentinos, entusiasmados, gritavam “ Son los gautchos mismos”, pensando que a baderna era uma representação encenada.

Em retribuição, o Prefeito Mário Menegaz mandou o CTG Getúlio Vargas participar do 4º Festival de Folclore do Litoral de Posadas, comandado pelo jornalista, advogado e escritor, Jorge Edeth Cafruni, secundado pelo vereador e advogado, Victor Hugo Lacerda e pelo Patrão Velocindo Pinto de Lima, como carinhosamente o chamávamos, cujos fatos estão registrados em outra crônica.

Em 1967, após a realização do Congresso Tradicionalista de Gravataí, o CTG Getúlio Vargas, através deste cronista, convidou o Grupo de Folclore “Los del Lazo”, da cidade de Mar Del Plata, para participar dos festejos alusivos à Semana Farroupilha daquele ano, ao qual, oportunamente, retornaremos.

Na segunda Efrica, realizada de 5 a 13 de outubro de 1968, o Peña Itapuã volta a Passo Fundo como convidado especial, juntamente com El Pericón de Montevideú, sendo realizado um fandango de despedida pelo CTG Getúlio Vargas, nas dependências do CTG Osório Porto, animado pela dupla campeira, Oscar Vieira e Adão dos Santos, fatos esses pouco comentados pela imprensa local.

Mais ou menos estabelecida esta cronologia, outra vez, o espírito cultural e empreendedor do Prefeito Mário Menegaz, mais do que justificadamente, atribuiu ao CTG Getúlio Vargas, a incumbência de fazer, novamente, 560 quilômetros, para ir até a cidade de Posadas, a fim de representar a cidade de Passo Fundo, na inauguração do moderno galpão crioulo do Centro Cultural Tradicionalista Peña Itapuã, determinando ao seu Secretário da Fazenda, Alcides Tarrasconi, a chefia da delegação da Capital do Planalto.

Representou o Legislativo Municipal, o saudoso vereador e radialista, Dino Rosa, capitaneado pelo patrão Brasileiro Aquino.

Como a amizade recíproca já estava estabelecida e solidificada, é talvez por isso, há um hiato nas informações, as quais estamos resgatando, através das fotos cedidas pelo cantor e violonista, na época, Posteiro da Invernada Cultural de Danças Eurlí Grando, que participou da delegação e formou um trio com o Almir e o Jesus Algacir Costa, fazendo apresentações musicais nas rádios e televisões de Posadas e Encarnación, no Paraguai.

Tal distinção dada ao Getúlio prendesse também ao fato de o mesmo ter-se destacado em comentada califórnia pelo Paraná, com apresentações em Pato Branco, Francisco Beltrão e Clevelândia, onde conquistou vários primeiros lugares: no 1º Rodeio de Lages/SC, o título da mais Bela Prenda, em Passo Fundo, e ainda foi eleita a mais Prendada Prenda do 7º Rodeio Internacional de Vacaria.

Jussara Piccini, esta joia rara do tradicionalismo passo-fundense, integrava a delegação, cantando, declamando e dançando, juntamente com os dançadores, José e Iolanda Emanuelli, Conrado e Zulmira Wolff, Almir e Ruth, Romeu Machado e Ione Carlassara, Eurlí Grando e Jussara Piccini, Osvaldo e Orfelina Mello, e Sirlei e Rui Meder.

Adão Pires era o gaitero da Invernada. Amador Almeida, Argemiro Oliveira, o motorista da Empresa Vera Cruz, Orides, a sra. Dinorah, a mãe da Jussara, a menina Valquíria, o Bassani, do Ipiranga Central, Antônio Carlos Vieira, Juvenal Nunes de Souza (Tio Naco), e o campeoníssimo dos rodeios da Vacaria, e o trovador Pedro Ribeiro da Luz, completavam o aparato.

À moda gaúcha, a delegação foi hospedada em residências familiares de argentinos do Peña Itapuã, comungando a mesma cultura, saboreando empanadas e chipas, carreteiros e vacas atoladas, como relataram o Patrão Brasileiro Aquino, o Eurlí Grando e o Algacir Costa, hospedados na residência do inolvidável cantador e jornalista, Humberto Rottoli Carvallo, o Tuti.

Foram cavalheirescamente recebidos na Intendência Municipal, na Secretaria de Educação, no Palácio do Governo – pelo Capitão Hugo Montiel – nas rádios, nos periódicos e nas redes televisivas, nos colégios, no CCT “El Ceibo”. Cortaram também a fita inaugural do CCT Peña Itapuã, nessa festança que durou oito noites e oito dias.

Regressaram laureados e repletos de recuerdos, os quais foram entregues em memorável churrasco, oferecido ao prefeito Mário Menegaz, que se fazia acompanhar do vice-prefeito, Adolfo João Floriani, do Major Grey Belles e da elite da sociedade planaltina, oportunidade em que recebeu das mãos do patrão Brasileiro Aquino, uma miniatura em bronze dourado, de um cavaleiro, com vestes típicas do folclore argentino, numa atitude aguerrida, e nítida semelhança com os gaúchos sul-riograndenses, regalo oferecido pelo Cap. Hugo Montiel, Governador da Província de Misiones; uma bandeira argentina, oferta honorífica do Sr. Máximo Verves, Secretário de Educação; e um quadro a óleo feito em couro, presente especial do CCT “El Ceibo” de Posadas. (A flor de corticeira é um dos símbolos nacionais da Argentina).

Percorrendo essas histórias, é visível o comprometimento do Prefeito Mário Menegaz, com a nossa cultura regional e rio-grandense, sem contar a

acadêmica, que ajudou a implantá-la e solidificá-la, lembrando nesse aspecto o patrocínio do Poder Público às excursões culturais de todos os Centros de Tradições Gaúchas de Passo Fundo, riscando o Rio Grande, o Brasil e além fronteira, na Argentina e Paraguai, além de enaltecer nossa cultura através dos músicos, cantores, declamadores, trovadores e dançadores, desde o canto do “Piazito Carreiro”, até a mais sofisticada e perigosa “Dança dos Facões” , a infantil Dança do Pezinho” dos gajos do Faial, ou cantando que “o “Tatu” foi encontrado lá pras bandas de São Sepé, muito triste, acabrunhado, de freio na mão, e a pé”, ou ainda, presenteando gaúchos e autoridades, com o livro “Passo Fundo das Missões”, prova cabal, documentada por Jorge Edeth Cafruni, da nossa Redução Missioneira de Santa Tereza de Los Piñales, do Curity ou do Igay, como queiram denominar, a velha Passo Fundo das Missões.

Para encerrar e coroar mais esse feito dessa gente mui gaúcha do extinto, mas não olvidado, Centro de Tradições Gaúchas Getúlio Vargas, o Prefeito Mário Menegaz fez a entrega de um Cartão de Prata, ao Patrão Brasileiro Aquino, agradecendo pelos serviços prestados à nossa terra, nas plagas platinas.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 06/08/2010

Título : PATACOADAS GAUCHESCAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Alô meu compadre, lá do Campo do Meio, que a essa hora deve estar com as guampas enfiadas no rádio

PATACOADAS GAUCHESCAS

Parece que foi Goebels, um nazista famoso quem deu azo a essa prática, que foi a de tanto repetir uma mentira, a qual transformou-se em verdade, tal qual, fez o Busch, apregoando que o Iraque tinha armas químicas, quando na verdade, não as possuía, como *descaradamente, agora, o próprio se desmente.

Eu tinha um amigo, com o qual trabalhei alguns bons anos no gauchismo, que foi um dos pioneiros do rádio, a usar, dísticos chamativos, para cativar a atenção do público ouvinte.

Um dos mais famosos, dizia: Alô meu compadre Antão, lá do Campo do Meio, que a essa hora deve estar com as guampas enfiadas no rádio, vai aqui o meu abraço, e a música Cavalito Preto pra ti!

É óbvio, que o compadre não poderia estar com as guampas enfiadas no rádio, pois além de não as tê-las, o adequado seria estar com as orelhas pregadas no aparelho, mas como orelha não é madeira para ser pregada, o certo seria encostada, e por aí vamos divagando para ilustrar esse enorme disparate, que se eternizou, jargão muito usado até hoje nos meios radiofônicos.

Faz muitos anos, que não vou mais a baile e/ou fandango de CTG, pois já me dizem de cara, que além dum conjunto *macanudo que lá vai tocar, o dito, será de “cola atada”.

Quando eu era solteiro, até que poderia topiar essa parada, pois era só me *pilchar, de bota e lenço no pescoço, e me ir pro fandango, mas, o brabo, seria me apresentar nesses trajes, literalmente pelado, no meio dos peões e prendas, e sujeito a voltar *pitoco, depois duma *camaçada de laço.

Pra quem é obrigado a usar termos gauchescos do quilate desse disparate, sugiro, não, vou transcrever, o que está escrito na página 157, do livro Danças e andanças da tradição gaúcha, de Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, Editora Garatuja, 1975 – Porto Alegre, página que inclusive, justifica porque denominei o Galpão Bragado do Rodeio Internacional, assim definindo o tal “Baile de Cola Atada”:

Não sabemos de outra região onde o erotismo tenha se manifestado com as características seguintes: no clímax da farra, nos bordéis da região fronteira, em princípios do século, as prostitutas erguiam a parte traseira de suas longas saias, e davam um nó acima da cintura, para animar o “bochincho”. Os homens, por sua vez, atavam a camisa às costas. Como, freqüentemente, essas mulheres não usavam “roupa de baixo”, pode-se imaginar o grotesco da manifestação de sensualidade cabocla. Os homens, por sua vez, dançavam apenas com a camisa atada, e de...botas! Na denominação, há analogia com os cavalos a que se dá um nó na cauda para a participação de festas.

Nos sábados, só fico bispanando as perguntas que são feitas, para testar se sei ou não a resposta da charada, sem concorrer a premiação alguma, e para aprender, pois o rádio, assim como o jornal, a revista e a televisão, além de formadores de opinião, são transmissores de conhecimento, portanto, no primeiro e neste último caso, se a informação não é correta, está prestando um desserviço à cultura gaúcha.

Quando o apresentador disse: Hoje, 13.12.2008, quem respondeu corretamente que no linguajar gaúcho, Uruguay, significa “rio dos pássaros coloridos”, pode vir buscar a sua premiação: minha cuia rachou, a bomba ficou desbeijada, e o pelego do meu vizinho que também estava ouvindo o programa, ficou ouriçado, e de branco, ficou guariba.

Se ele tivesse dito, talvez, que Uruguay, significa, o rio dos Urús, até que eu relevaria, mas a que foi dada, embora não seja extravagante, e até tenha uma certa dose de verdade, não é a mais aceita de um modo geral.

Revedo meus alfarrábios, para não cometer injustiça, em 1619, o Padre Roque Gonzales, a mando do Governador do Prata, Dom Diogo de Gongora, iria percorrer cento e cinqüenta léguas do rio Uruay, mas foi demovido pelos guaranis, então, narra Southey, através de Teschauer, que neste rio "as conchas são tantas que não se sabe, se é a elas ou aos papagaios que o rio deve o nome".

Quanto ao seu mapeamento, no primeiro, ao poente se vê um rio Ybieniti que desemboca no rio Uruay. O segundo mapa dos jesuítas, é de 1722, do Padre Geral Michelangelo Tamburini, onde aparece a exploração do alto-Uruguay, com seus afluentes da esquerda, O Uruguay-mirim, o Uruguay-pitã e o grande Salto, cujo aparecimento pela primeira vez, foi decisivo na questão de limites com a Argentina.

Agora, Uruguay, é de indiscutível filiação guarani, mas, como ocorre com outros similares, tem, diversos significados e variações, como: Uruay, Huruai, Oroy, Urualt. Uruguay é a forma mais recente, pois data do ano de 1700. Rio dos Caracóis; de "uruguá", caracol, de água, gênero Ampullaria, e "I", água. Mais provável: de "Uru", uma ave, espécie de galinha selvagem, Odonthoporus capueira; "guá", procedência, lugar, e "I", água: rio da região dos Urus, ou ainda, o de Irugual, "rio do canal" (Batista Caetano), conforme NE'ENGUERIRÚ, CARAINE'E – AVANE'E (Dicionário Espanhol – Guarani), de Jover Peralta e T. Osuna – Assunción – Liticolor – 1984.

Para terminar a pendenga, a palavra Paraguay, é que está reservada para o rio dos Papagaios, entre outras traduções.

Dito o que ha muito tempo gostaria de ter dito, não deixo o dito, pelo não dito, para depois de não dizerem que eu não disse, o que eu gostaria de ter dito.

Odilon Garcez Ayres

R e H

Vulgo: Arapitú.

Data : 30/11/2013

Título : Plínio Mena Barreto do Amaral

Categoria: Artigos

Descrição: Filho do Capitão da Guarda Nacional, Felipe Olímpio Barreto do Amaral, e de dona Altiva Ferreira do Amaral e neto paterno de Sinfrônio Barreto do Amaral e da vovó Cândida Barreto do Amaral...

ODILON GARCEZ AYRES

Filho do Capitão da Guarda Nacional, Felipe Olímpio Barreto do Amaral, e de dona Altiva Ferreira do Amaral e neto paterno de Sinfrônio Barreto do Amaral e da vovó Cândida Barreto do Amaral, nasceu dia 8 de dezembro de 1924, no 1º Distrito de Lagoa Vermelha, hoje Município de Capão Bonito do Sul.

Sua numerosa família, além da irmã, Maria Cândida Tavares Barreto do Amaral, do primeiro casamento de seu pai, era integrada pelos irmãos Joaquim Francisco de Assis e Veridiano, e das irmãs, Carminha, Sílvia, Lourdes e Diunina Barreto do Amaral.

Como todo guri de estância, até os 19 anos morou com a família, ajudando na lides de campo, tendo sido bom pialador a pé e a cavalo, e portanto, profundo conhecedor das lides campeiras, até que por decisão da família foram morar em Caxias do Sul, durante 05 anos.

Na infância aprendeu as primeiras letras, até o “quinto Livro” e recorda com saudade da leitura do livro intitulado “O Manuscrito”, ao final de seus estudos.

Depois de ter servido o Exército Nacional, sob as ordens do Gal. Oscar Gomes do Amaral, e dado baixa como 3º Sargento do então 2º GACAV 75 da famosa Santiago do Boqueirão, voltou para Clemente Argolo, e em sociedade com seu irmão Veridiano, e o italiano Eugênio Nicoló, tiveram pela frente uma Serraria com 150 hectares de Pinheirais para beneficiar, tendo na época comprado um Chevrolet 1946 para transporte, que lhe custou 52 hectares de campo e mais um eito de contos de réis.

Nessa época chegou na região o filho do famoso Cel. Bicaco, Sr. Laudelino Luciano Rodrigues de Souza e sua esposa, Réa Sílvia Coimbra de Souza, e arremataram 7.500 hectares de Pinhais, e o nosso Plínio, puxando madeira, enamorou-se da bela Elza de Souza, tendo transferido residência a pedido dos sogros, em 1957 para Catuípe nas Missões.

(Hoje dia 4 de abril de 2013, completa um ano de falecimento de Elza de Souza do Amaral).

De Catuípe mudou-se para Santo Ângelo estabelecendo-se com Bar e Churrascaria, e formando o Conjunto Anay (bandoneon, gaita, cavaquinho, sax, violão, clarinete, violino e bateria), uma verdadeira Orquestra.

Em 1964 aportou em Passo Fundo, indo morar na Av. Rio Grande e logo integrou-se a grande família do CTG. Lalau Miranda, abrilhantando Bailes e programas Radiofônicos, com os companheiros Nelson Petry na rabeça, e Luíz Feldmann no violão, recebendo a denominação do famoso radialista e vereador Leopoldino (Dino) Rosa, de Trio Maravilhoso. Ali foi um peão completo, tendo exercido os mais variados cargos e funções, e participado de dezenas de atividades sociais e excursões do CTG, lembrando com saudade, de Júlio de Castilhos, Ilópolis, Encantado, André da Rocha, Xanxerê, Pato Branco, duas vezes à Volta Redonda no Rio de Janeiro, e mais duas na Exposição Agro Pecuária de Dourados e Maracaju, no MS, integrando a grande Invernada dos Músicos, juntamente com as Invernadas de Danças, Campeira e a Patronagem.

Nesse ínterim, em 1979, com seus dois FNM, foi residir em Amambaí – MS, dedicando-se ao transporte de grãos, regressando novamente à Passo Fundo.

Das suas firmes raízes arrinconadas em Passo Fundo, o casal Plínio e Elza, geraram duas filhas, Circe Maria, casada com Valdir Mozzini, e Zenilda (Kika) Barreto do Amaral, casada com José Goulart, que lhes geraram os netos e netas, Carolina Barreto Mozzini, Ricardo José Mozzini, e os gêmeos José Guilherme e Luiz Henrique Barreto Goulart.

Nessa longa trajetória, hoje aos 88 anos, Seu Plínio Mena Barreto, “o Rei do Bandoneon de Passo Fundo”, participou de inumeráveis comissões julgadoras de concursos artísticos e culturais das mais variadas entidades tradicionalistas, tendo arrematado nos Festivais do MTG – FEGART e ENART, sete troféus de primeiros lugares e um de segundo, nos concursos de Bandoneon, enfrentando eliminatórias, abaixo de geadas nos mais distantes rincões do Rio Grande e, além disso, integrou durante toda a sua existência o famoso Grupo de Danças Folclóricas “Os Farroupilhas” de Passo Fundo.

Desde o 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, até o 4º Rodeio Internacional de Passo Fundo, Plínio Mena Barreto e Oscar Pinto Vieira, formaram uma dupla imbatível – pedindo gado emprestado – para abrilhantar os Concursos de Tiro de Laço dos pioneiros Rodeios da Capital do Planalto, ambos integrando a Comissão Campeira e na qualidade de Assessores da Secretaria de Turismo do nosso Município, atuou ainda como Cônsul do Rodeio Internacional, na Argentina e no Paraguai, e culminando por formar uma Orquestra de Folclore com renomados músicos locais, apresentando-se durante dois anos em festividades da Municipalidade e no 5º Rodeio Internacional de Passo Fundo.

De espírito inquieto e empreendedor, Tio Mena, que já tinha sido Pecuarista, Madeireiro, Caminhoneiro, Comerciante, Ecônomo, Funcionário Público, Empresário Musical, e sempre tocando bandoneon, por dom de ofício, ajudou a fundar o Centro de Tradições Gaúchas Tropel de Caudilhos, e numa dessas volteadas, juntamente com seus familiares, idealizou e fez realizar o Primeiro Encontro de Bandoneon em Passo Fundo, no ano de 2003, nas dependências do Teatro Múcio de Castro, e hoje, já em sua XI edição, dia 16 de novembro de 2013, no auditório do Colégio Notre Dame, tocadores de Bandoneon, do RS, SC, PR, Argentina e Uruguai, estarão presentes mais uma vez, agora, na Capital Estadual do Bandoneon.

Mas, e a história do tocador de Bandoneon? É mais ou menos assim: O Tio Mena era um gurizote ainda, de mais ou menos quinze anos de idade, e uma fatalidade, levou prematuramente seu primo Olímpio, filho do seu tio Olivério Barreto do Amaral, e numa visita a estância dos parentes, o Plínio foi dormir no quarto do falecido, e a curiosidade o fez encontrar no armário uma bela gaita Somenzi, das primeiras, que foram fabricadas em Capoeiras, um vilarejo antes de Nova Prata. Pediu de regalo, a dita gaita, mas não levou, só meses depois, um próprio do seu tio, chegou na estância a cavalo, com a gaita a meia espalda, sendo-lhe presenteada... mas, embora o seu interesse daqueles foles não saiu nada que prestasse... só inhéco, inhéco.

Logo, logo, para embelezar aqueles 20 milhões de campos, o Capitão Felipe Mena Barreto, resolveu de fazer na fazenda um cemitério, onde toda a família descansaria, e para tal, contratou um especialista em feitura de taipas, o caboclo Eleodoro Pedra, que além de artífice em pedraria era um tocador de Bandoneon de mão cheia.

De certa feita, o guri Plínio encontra o seu Eleodoro, cortando pedra e chorando, e perguntado, se lamentou, da saudade da família... que a tempos não via, que andavam passando fome... e que precisava vender o seu Bandoneon... para atender as dificuldades da família que moravam lá pela Extrema, nos confins da Vacaria.

Condoído, pediu ao pai que ajudasse o peão, e lhe comprasse o seu Bandoneon, mas Dom Felipe relutou, argumentando que seu ouvido não era dos bons, pois não tocava nem gaita... que dirá Bandoneon, mas a insistência do piá e a promessa de arrancar música daquele instrumento, amoleceu o coração do Capitão, que pagou ao Eleodoro pelo tal bandoneon, a bagatela, de uma vaca de cria, um boi gordo, ambos no valor de 400 mil réis e ainda mais 200 mil réis em dinheiro.

Guri novo, com todo leite, bom de ouvido, de tino apurado, via, apreciava, e memorizava, os botões e os corcovos do fole, e em cinco dias, já estava tocando a sua primeira havaneira no seu bandoneon.

A notícia de que o filho do Dom Felipe, tocava uma havaneira, e mais cinco músicas, se espalhou na região, e logo foi contratado para tocar no salão do João Basílio, o Conjunto dos Barretos, bandoneon, dois violões, cavaquinho e pandeiro.

Naqueles tempos, nos Bailes de São João, do Divino Espírito Santo, os donos de Salão exigiam que cada um levasse um brinde para ser leiloado, então, os músicos tocavam uma moda, o povo dançava, e depois seguia-se o leilão de uma prenda, e assim por diante, *entonces, a meia dúzia de repertório musical, varava a noite e sobrava fole.

Por perdulário e pachola, o gaiteiro Félix Barbisan, num baile em Esmeralda, arrematou todos os brindes que foram oferecidos no leilão, desde uma torta até um gramofone estragado, tal era o gosto e as festanças daqueles tempos, onde lá pela metade da noite, era oferecido aos presentes, numa bandeja, café preto e pão caseiro, e o tocador de Bandoneon, a parte, era servido de galinha e porco assado, e recebia mais cinco contos de réis pela tocata.

Daí por diante tocar bandoneon foi e é a paixão da vida do Tio Mena, do seu Plínio Mena Barreto do Amaral, com justiça, aqui e agora, hoje homenageado.

NOTAS – As entrevistas foram realizadas no auditório da APL, nos dias 3 e 9 de abril de 2013, a pedido do tradicionalista Hilton Araldi, com vista à publicação na Revista Água da Fonte da APL e como homenagem ao biografado. Odilon Garcez Ayres, colega e amigo de Plínio Menna Barreto do I é testemunha dessa rica história de vida.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2012

Título : Portugueses em Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Quem não lembra do Bar dos Portugueses, ao lado do Altar da Pátria, na Av. Brasil? Diz a lenda...

ODILON GARCEZ AYRES

Quem não lembra do Bar dos Portugueses, ao lado do Altar da Pátria, na Av. Brasil? Diz a lenda, e é verdade, que o bar dos falecidos Walter e Bernardino Bento, era o Consulado dos Portugueses e dos Açorianos, pois era o único que tinha telefone para falar com os patrícios do mundo inteiro, e o endereço e a certeza de que as cartas chegariam às mãos dos destinatários.

Henrique herdou o negócio de seu irmão, e também continuou a cumprir o mesmo ritual de bem servir, e de ser uma nobre referência para o povo de além-mar.

O tempo passou, e a última vez que vi o Henrique foi em Porto Alegre. E eu pensava que lá ele fora morar, mas não, o seu barbeiro Paulo Rezende, me contou que ela tivera um AVC e morava ao lado do Altar da Pátria, no prédio rosado. de nº 566 (ex 531) da Av. Gal. Neto. E eu, hoje, 13 de fevereiro de 2012, fui visitá-lo, com a intenção de tirar uma dúvida e adquirir uma certeza quanto a uma determinada pessoa que fora sua inquilina.

À porta, me recebeu a sua esposa, que me levou à sua presença e de pronto me reconheceu, deu-me luzes em minha dúvida, e entabulamos uma hora de agradável reminiscência de sua vida.

Contou-me que seu pai, Henrique Almeida, chegou ao Rio de Janeiro, na depressão de 1929, e, como era imigrante, de profissão peixeiro, sem profissão definida e analfabeto, foi mandado pela aduana, para a Ilha de Viana, um estaleiro de construção de navios, onde o único trabalho disponível era descarregar carvão dos barcos que vinham da Inglaterra, trabalho miserável, sujo e poeirento, que o infelicitava até para dormir. Quando isso contava, chamava aquilo de inferno e chorava de arrependimento, por ter vindo embora da sua Vizeu, no querido Portugal.

Mais tarde, já quando o carioca João Henrique tinha quatro anos, colocou uma tenda, uma quitanda de frutas e verduras, numa rua comercial, onde, por causa da concorrência, desentendeu-se com um patrício, e foram às vias de fato, levando no ventre uma facada de seu oponente, vindo horas depois a falecer, sem assistência, não sem acertar um tiro em seu adversário, pois que era exímio atirador, matava andorinha no voo, com sua pistola automática.

Com essa desgraça, sua mãe, Celestina Alves Bento, e seus filhos, Walter (já falecido) e Henrique, juntamente com o padrasto Bernardino Bento, tomaram o rumo de Passo Fundo, pois aqui já estava residindo sua avó Angelina Alves. E

eles foram morar na Rua Independência, esquina com Capitão Eleutério, no prédio que ainda existe hoje, de propriedade de João Salton, sogro do Dr. Daniel Dipp, suscitando, a esse tempo, um fato que virou história divertida, naqueles tempos: Bernardino Bento, representante dos sorvetes Kibon, em seu estabelecimento comercial, como atrativo para os visitantes, tinha na gaiola, uma Araponga, popularmente conhecida por “Ferreiro”.

E o Dr. Daniel Dipp fez proposta de compra da dita ave. Para que todos saibam, ela tem o hábito dos pernaltas, de dormir encimados numa perna só, e o turco, que era bom turco, resolveu regatear no preço, alegando que a ave era aleijada, pois só ele via uma perna, ao que o Português respondeu, com seu sotaque:

Oh! Raios!

“Dotoire Daniel, o Sinhoire queire o ferreiro para cantaire ou para jogaire footebaal?”

E assim foram se formando a vida e as amizades em Passo Fundo, pois quando já estavam estabelecidos, em frente ao Hotel Avenida, do seu amigo Eduardo Barreiro, tal era a camaradagem entre os munícipes, que Bernardino emprestou 50 sacos de cimento para o seu Aparício Lângaro, a fim de concluir o antigo edifício da Casa Yankee, do finado Raul Lângaro.

Atingido por um acidente vascular cerebral, há mais de seis anos, João Henrique, nascido a 15-04-1929, na cidade do Rio de Janeiro, está com 83 anos de idade e, embora numa cadeira, ainda se movimento, pela casa, está lucido, fala com clareza e com orgulho da sua esposa, a passo-fundense

Dulce Maria Bigolin Almeida, e de seus filhos: Carlos Henrique Almeida, bancário, atuando no Banrisul; Eduardo Almeida, Bel. em Ciência da Computação, e a filha Dra. Lilian de Almeida, farmacêutica - bioquímica e tecnóloga em alimentos, pela UFSM.

Na segunda visita, rememorou sobre os comícios no altar da Pátria, construído na gestão do Prefeito Victor Graeff, por onde passaram figuras expressivas da República, como Getúlio Vargas, Adhemar de Barros, Jango Goulart e outros do nosso município, postulantes a vereador e Prefeito.

Henrique ainda curte música, poesia, literatura, televisão e jogos de tênis, e contou-me que trinta anos após sua vinda para Passo Fundo, juntamente com seus familiares, fizeram a viagem de volta a Portugal, onde visitaram Vizeu, Porto e a capital, bem como a Espanha.

Dos açoreanos de Passo Fundo, destacou a amizade e a camaradagem, com Manoel e João Henrique Bettencourt e seus familiares, bem como os ilustres causídicos, Drs. Alberi Falkemback Ribeiro e Luiz Juarez Nogueira de Azevedo.

A dúvida que me levou ao Henrique, ocorreu porque, em certa ocasião, ali no Altar da Pátria, Raul de Lima Lângaro apontou para duas senhoras, já idosas, de cabelos brancos, afirmando que aquela mais bonita e jovial fora namorada ou noiva do Presidente Vargas.

De fato, confirmou o entrevistado, que na Av. Brasil, no segundo andar, moravam suas inquilinas, as professoras, Maria Cunha, Martha Helm, Lucille Fragoso Albuquerque e Mathilde Mazon.

Esta última, muito bonita e distinta, verdadeiramente fora “noiva” do nosso ex-Presidente Getúlio Dornelles Vargas, e só desfez o noivado em razão da vida política do pretendente.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Primeiros, os últimos

Categoria: Artigos

Descrição: No dia 18 de agosto de 2010, aconteceu em Brasília a 41ª Caravana da Anistia, concomitante com o 4º Seminário Latino-Americano de Anistia e Direitos Humanos...

ODILON GARCEZ AYRES

No dia 18 de agosto de 2010, aconteceu em Brasília a 41ª Caravana da Anistia, concomitante com o 4º Seminário Latino-Americano de Anistia e Direitos Humanos, oportunidade em que foi dado o veredicto sobre a atuação do Coronel Jéfferson Cardim de Alencar Osório, no episódio denominado Levante de Três Passos, fato ocorrido nessa cidade, logo após a Revolução de 64, quando o ex-governador do RS, Leonel Brizola, em exílio no Uruguai, após ter recebido de Fidel Castro dois milhões de dólares, determinou ao aludido coronel, que pegasse em armas, para contra-atacar a Revolução.

É voz corrente que os convidados e os simpatizantes foram convocados para irem apenas a uma reunião política em Três Passos. Mas, durante o acontecimento, liderados pelo Coronel Jéfferson, a grande maioria dos ali presentes, até por uma questão de hombridade ou de convicções, consentiram ou foram obrigados a pegar em armas e atacar o quartel daquela cidade. E como todos sabem, foram rechaçados e presos.

Entre os revolucionários, encontrava-se um sobrinho do meu avô, de nome Alcindor Aires, bem como outros seus companheiros, todos oriundos de São Sepé, os quais honraram as nossas tradições guerreiras, participando do aludido levante. Conheci o Alcindor, na casa do meu avô, na Rua Cel. Chananeco, 723, sujeito de estatura média, bom porte, parecido com o tio Índio (irmão de meu pai), que se entretinha homiziado que estava na casa de seu tio avô, em largas conversas, mateadas, almoços e jantares. Ao menor sinal de perigo, embrenhava-se pelos fundos da casa, indo sair lá no Posto Cassol, e dali sabe-se lá para onde, levando consigo o trinta e oito, cano longo, niquelado, que

Nestor Aires lhe emprestara, e que ao ser preso em Porto Alegre, foi parar no SOPS ou no DOPS, como prova de crime.

Neste ato da Anistia, um anistiado de sobrenome Marques, deu interessante depoimento acerca do Coronel Jéfferson. Veio à tona, que ele era um brilhante oficial do Exército Brasileiro, detentor de várias medalhas, como exímio esgrimista, e campeão em outras modalidades esportivas. Além disso, que ele e sua família, então no Rio de Janeiro, eram amigos e vizinhos do General Ernesto Geisel, quando um irmão deste, que era míope e que entrara no Exército pela porta dos fundos, foi morto por uma composição ferroviária. Sua morte foi atribuída ao Coronel Jéfferson e por causa deste incidente involuntário, fez-se o General seu inimigo, privando-o de atingir o generalato, além de confiscar-lhe todas as medalhas e honrarias adquiridas em sua vida de caserna. (Outras fontes dizem que esse acidente ferroviário vitimou um filho do ex-Presidente Geisel, de apenas 16 anos de idade. Daí a vindita!)

A Presidência desse ato, depois da aprovação de todos os conselheiros pelo perdão e concedendo todos os benefícios da lei de anistia, homenageou a viúva do cel. Jéfferson Cardim de Alencar Osório, ali presente. Passou a mesa, em seguida, a outras leituras, de outro pedido de ressarcimento, por um guerrilheiro do Araguaia.

Infelizmente, não sei até agora se, Alcindor Aires, Odilon Brum, Índio Brum Vargas e outros Sepeenses, foram aquinhoados pelo atual governo da República.

Entretanto, fica aqui a máxima, de sempre: que os primeiros a pegar em armas serão os últimos a ter sua honra reparada, e vice-versa, ainda mais em se tratando de política.

(Odilon Garcez Ayres, pseudônimo Arapitu, é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 08/08/2011

Título : Reflexão Política

Categoria: Artigos

Descrição: O brasileiro não gosta de coisas definitivas, tão pouco chega a raiz dos problemas.

Reflexão Política

O brasileiro não gosta de coisas definitivas, tão pouco chega a raiz dos problemas.

Ele gosta do meio termo, ou seja, ordens, leis, decretos, mandamentos, posturas, etc., tudo pela metade, para que na hora do aperto possa encontrar uma rota de fuga, pois ele sabe, que não sabe... se conduzir bem, com lisura, com honra, com palavra, e com dignidade.

Começa pelos governantes, pois, o ex-Presidente perguntou à um *xará africano, como fazer para ficar no poder por vinte e cinco anos, já que era essa a sua intenção, por via indireta, pensando, eu me relejo, elejo um cabo de confiança, de preferência uma mulher que me ame, e depois eu volto por cima, me elejo e me reelejo, pronto, matei a charada, vou ficar governando mais que os Militares, os quais, apesar dos pesares, para quem falseia a história, em 21 anos nada fizeram (Itaipu, 200 milhas do pré-sal, Angra, etc.), tinham a dignidade de eleger um novo mandatário, a cada período (Castelo Branco, Costa e Silva, Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Figueiredo), cinco Presidentes, contra, Sarney (9 anos), Collor (2 anos), Fernando Henrique (8 anos), Ignácio (8 anos), e Dilma (4 anos). Somem!?

Corre na internet uma ideia, sugestiva, de o sujeito poder concorrer a cargo político, só de dez em dez anos, é uma boa, mas é paliativa, o ideal seria, o “fim da reeleição” em todos os níveis da sociedade brasileira, desde o presidente de clube até o presidente da República, aí sim, terminaríamos com os carreiristas, digo, políticos e politiquinhos de carteirinha, Ccs e outros apadrinhados.

Todo mundo fala em “demo...cracia”, mas até Obama quer se reeleger, e mais a Cristina, o Berlusconi, Chaves, traidor de Simon Bolívar, que era contra a reeleição.

Visto isso, ainda o povo tem a cara de falar mal das Monarquias, que ainda perduram no mundo, graças à Deus.

Pelo menos, não são mesquinhas, interesseiras e vergonhosas, estão cumprindo seu papel constitucional!

Comparem: Inglaterra, Espanha, Japão, Suécia, Holanda, Noruega, etc., com outros sistemas.

Nem Deus gosta de meio termo, ou o cristão é quente ou frio. Se você pecar vai para o inferno, mais ai chegou o deus papa terreno e disse...não!

Vai para o purgatório!

Pronto, terminou o cristão convicto de carteirinha, virou a casa da mãe Joana, do Lula, tudo é permitido, nada mais é pecado, tudo é moda, são outros tempos, e salve-se quem puder, perderam a vergonha total, desde o sexo até o dinheiro, pois pode ser da vizinha ou roubado, tanto faz!

Viva o purgatório!

Até os Muçulmanos, orando cinco vezes ao dia, inventaram um paraíso com 70 mulheres e saíram matando adoidados!

Os americanos do norte, há pouco (50 anos atrás), exemplo para os povos do mundo, tornou-se um vilão, decadente, que não enxerga mais seus erros, tão pouco seu próprio umbigo, como se diz: *desossorado, petulante, cochincho, degenerado, refinado, glutão, tornou-se uma vergonha ambulante, que amanhã

será julgado por crimes contra a humanidade, pelas atrocidades que cometeu e comete em (Guantanamo, El Salvador, Honduras, Guatemala, Panamá, México, Cuba, Haiti, Vietname, Coreia, Iraque, Afeganistão), isso sem contar as intervenções na América do Sul, na Europa, e na Ásia.

O Brasil, está a muitos anos (vinte pelo menos), caindo de podre!

A minha geração é que tem sofrido mais , pois passamos a vida inteira, quase setenta anos, excluídos do progresso material e espiritual, embora tenhamos assistido o advento do rádio, do telefone, da televisão do computador, da internet, das viagens espaciais, descobertas científicas, medicinais, atômicas, etc., vivemos todo esse tempo com o coração na mão, não sabendo o dia de amanhã, nem para nós, nem para nossos filhos, pois estamos endividados até o pescoço, com impostos (são dezenas inomináveis de cor), sem educação, sem saúde e com insegurança total.

A Nação cujos governantes se orgulham de fazer prisões de segurança máxima, em vez de escolas, colégios, hospitais, creches, praças esportivas, de contratar milhares de policiais em vez de Professores, que solta presos por pouco mais de nada, e que por cima, lhes alimenta de graça, sem trabalhar, e ainda dá sustento aos familiares de bandidos e assassinos, não são deste mundo, talvez sejam os tais de anjos caídos, os Lúcifer, ávidos de beleza, de riquezas, de poder, se pavoneando , perpetrando-se nos altos, achando-se a fina flor da civilização, quando na verdade, não encontro palavra adequada para defini-los, tal a baixeza com que se conduzem.

Me desculpem, mas isto fica sem exemplo, porque, como citar um, entre milhares, seria como citar Himler e deixar Hitler de fora, ou Lalau e Valério, e poupar

Os Mensalões, os Anões, as Empreiteiras, etc, etc,.

Desde o edil de cidadezinhas até os recônditos das esplanadas dos três maus poderes, lobo é um animal belo, e hienas é pouco para nominá-los.

Para um hiato, reflito, que falta muito pouco para uma reviravolta... para o bem... pois estamos ...cansados do mal, onde a própria justiça e seus justiceiros, talvez só se satisfaçam comendo ouro em pó!

18,00 horas do dia 08 de agosto de 2011.

Odilon Garcez Ayres

Membro da Academia Passo-fundense de Letras.

Data : 31/12/2008

Título : Resposta aos acadêmicos

Categoria: Artigos

Descrição: Por ocasião da entrevista que concedi aos ilustres Acadêmicos da APL..

Resposta aos acadêmicos

Por ocasião da entrevista que concedi aos ilustres Acadêmicos da APL, Paulo Domingos Monteiro e Gilberto R. Cunha, dia 15 de julho de 2006, na TV Câmara, de Passo Fundo, ao ser perguntado como adquiri o gosto pela literatura, dado à exigüidade de tempo de que dispúnhamos, cortei longo caminho, dizendo que era graças a minha atividade profissional, quando na verdade ela deve ter aparecido muito tempo antes. Senão, vejamos: A primeira leitura que marcou minha infância aconteceu já no primeiro ano primário, quando, numa disputa de leitura em sala de aula, deixei meu colega Nilson Bones empacado no “crucifixo”, enquanto eu disparava na frente com meu “crucifixo”.

Depois, minhas leituras passaram pelas revistas antigas que minha mãe guardava numa arca de madeira, vindo logo a seguir a influência de meu avô materno, Pacífico Dias Garcez, um homem viajado, acostumado a lidar com barcharéis e rábulas, de Passo Fundo a Santa Maria, e de lá pendendo para a fronteira oeste. Ele era, a bem da verdade, um grande contador de causos e histórias, com as quais nos deliciávamos, numa grande roda de chimarrão com pinhão, alumizados por um lampião alemão a querosene, nas gélidas noites de geada da Coxilha.

O causo que eu mais gostava de ouvir, contado pelo meu avô, era do caçador que atirou num tigre, pensando que fosse uma jaguatirica, pois meu avô, ao contar, ria tanto, que no fim, quando o caçador teve que subir numa “mamica de cadela” pra escapar da fera, dela resvalou, pois se borrara todo. Meu avô não conseguia terminar o causo, ficava num vermelhão só, coberto de lágrimas, e sua voz sumia da garganta. No fim também chorávamos de rir do causo e do avô.

Não sei como nem por que, mas meu padrasto foi guindado a capataz da madeireira do saudoso Mário Goelzer, mais ou menos no ano de 1952. E, por essas e por outras, José Pedro Schleder começou a aparecer lá em casa, todos os meses, com umas Seleções do Reader’s Digest, e eu me tornei seu leitor permanente, até poucos anos atrás.

Do Grupo Escolar de Vila Coxilha, hoje Visconde de Araguaia, vim para o Colégio Fagundes dos Reis, logo que “mataram” o GG, (Getúlio Vargas), concluir o 4º ano primário. Dali fui para o Conceição, onde os Maristas eram professores de primeiro mundo. Cabe aqui lembrar três fatos: A restrição feroz que faziam os Irmãos Maristas a tudo que escrevera Monteiro Lobato, ao Protestantismo e à Maçonaria. Como nos recomendavam que não passássemos pela frente desses

templos, raramente nos aventurávamos a passar pela Av. Brasil, entre a Cap. Eleutério e a Bento Gonçalves, pois dum lado ficava a Igreja Metodista e do outro, a Maçonaria.

Um fato, também, merece destaque, pois desmitifica muitos políticos como donos da criança. No ano de 1956, um Marista vindo da Alemanha, em sua palestra nos contava que, naquele país, as crianças iam de manhã para a escola, estudavam, almoçavam, praticavam esportes, lanchavam e só voltavam para casa às 16 horas, porque no inverno escurece muito cedo. Portanto, passavam o dia inteiro no colégio, e nós, ainda hoje, engatinhamos com um Ciep aqui e outro acolá.

Nesse tempo é que começamos a tomar contato com o Grêmio Literário, na primeira série ginásial, e aí fui marcado pelo apelido de “Pedro Calmon”, um lá não tão conhecido integrante da Academia Brasileira de Letras, o qual eu escolhera para meu Patrono e sobre o qual fiz o meu trabalho literário.

Depois, no Colégio Cristo Rei, fui o idealizador do Grêmio da 2ª série, do qual fui Secretário, e o Darcy Peruzzolo, o Presidente, vindo mais tarde este a ser Prefeito de Getúlio Vargas. No internato, além dos jogos, o meu melhor passatempo era a leitura, e lá, durante o ano de 1959, li mais de quarenta livros, dos quais destaco: Os Farrapos, Prisioneiro dos Pampas, Ubirajara, O Gaúcho, de José de Alencar, e o Filho do Gaúcho, que eu pensava ser do mesmo autor, no

entanto é de Franz Freller, um brasilianista. Todos esses livros direcionaram o meu gosto para o Regionalismo.

Nessas alturas, me pergunto: onde andava o meu crítico e interlocutor, Acadêmico Paulo Monteiro, já que não cruzáramos caminho na juventude? Respondo:

Conhecendo agora sua trajetória, ele estava na EENAV, no Grupo Nova Geração, e eu, levado pelo Bel. José Enio Serafini, enveredava por um caminho, promissor, mas que até servia de “deboche”, pela comunidade contemporânea. Tratava-se do Tradicionalismo. Imbuídos do ideal de que tradição não se resumia a danças, fandangos e gineteadas, fomos em busca de Simões Lopes Neto, Barbosa Lessa, Paixão Côrtes, Antônio Carlos Machado, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Diretor William Schissler Filho, Tenebro dos Santos Moura e outros tantos mais, escritores, poetas, declamadores e tradicionalistas, para a montagem do primeiro Informativo Folclórico do CTG Getúlio Vargas. E, embora o José Enio tenha ido embora, para o Fórum de Santa Maria, quando o Informativo se encontrava em sua terceira edição, consegui cumprir o contrato com os anunciantes, fazendo circular as doze edições de 500 exemplares. Uma delas, conjunta, e com mil exemplares, foi distribuída gratuitamente para todos os CTGs do Rio Grande do Sul, para autoridades municipais, estaduais e federais, e no 17º Rodeio Internacional de Vacaria. O material foi transportado

no “gordini” do Bel. Valdomiro Loch, da Rodoviária até o Parque de Rodeios, e ali distribuídos.

Aqui é que entra a resposta dada na entrevista na TV Câmara: Na CDL, por força da função, atas, ofícios, discursos, notícias para a imprensa e crônicas de minha autoria começaram a povoar os jornais. A primeira, intitulada “Minha Rua”, foi autorizada pelo próprio Múcio de Castro, abrindo-me as portas dali em diante para outras, entre as quais destaco “Turismo Sem Cascata”, que mereceu uma reunião especial para debatê-la, a maioria torceu o nariz, e Somente uma pessoa a apoiou. Mesmo assim, Passo Fundo tornou-se uma cidade alicerçada em eventos para desenvolver o seu potencial turístico.

Nesse período - para mim é de suma importância destacar e hoje estão aí os frutos daquela época – ocorreu a afirmação dos nossos CTGs no concerto dos demais; a vinda da 7a Coordenadoria; o Rodeio Internacional de Passo Fundo e o próprio Festival Internacional de Folclore, cuja base tinha sido construída, com capricho, na realização de quatro Festivais de Folclore, com as escolas de primeiro grau de Passo Fundo (1975 a 1978), sendo o terceiro e o quarto de âmbito regional. As atividades culminaram com a vinda da 2a fase do Projeto Cultur, do Governo do Estado, para nossa cidade, graças, à intervenção da CDL, da 7a Delegacia de Educação, da Secretaria Municipal de Educação, dos CTGs Getúlio Vargas e Lalau Miranda, escudados pelas escolas municipais, estaduais e articulares da Região da Produção.

Outras realizações, na área cultural, olvidei, olvidaram. Mas isso não vem ao caso, pois o que interessa hoje é o momento que estou vivendo: a realização de um pequeno sonho. Após escrever meu primeiro livro, “Oché y Sefé Tiarayú”, editei o segundo. E, isso se Deus quiser, amanhã ou depois farei o lançamento da pesquisa já concluída e intitulada “Caboclo Serrano, Em O Puchirão do Gé Picaço - Nas Revoluções de 1923, 30 e 32”. Ali será possível ver, até com certo espanto, quanto foi escondido de nosso passado histórico, por aqueles que nos transmitiram a história de Passo Fundo das Missões.

Muito obrigado, por aturarem a minha arenga, já que ela é simples e comum aos conterrâneos da minha época. Enfim, somos parte dessa história literária, à qual damos nossa vida.

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 03/05/2012

Título : TAVAROGA INDÍGENA

Categoria: Artigos

Descrição: Muitas vezes não nos damos conta de que, embora nossos olhos vejam e revejam a mesma cena e a mesma paisagem, gritante, degradante e que nos envergonha ...

TAVAROGA INDÍGENA

Odilon Garcez Ayres*

Muitas vezes não nos damos conta de que, embora nossos olhos vejam e revejam a mesma cena e a mesma paisagem, gritante, degradante e que nos envergonha, ainda assim, fazamos de conta de que nada temos a ver com isso.

Refiro-me aos índios acampados a beira do rio Passo Fundo. Para eles, em condições naturais, mas, vexatório para os Passo-Fundenses, que transmitem essa imagem chocante e de descaso para milhares de viajantes que diuturnamente transitam pela Estação Rodoviária .

Conversei com alguns deles, homens, mulheres e crianças, que pacientemente trançavam seus cestos, amaciavam as lascas de taquara e falquejavam pequenos arcos e flechas, inocentes, todos sentados na férrea calçada, dureza amenizada pela sombra do muro da Empresa Reunidas.

Duas quadras dali, um índiozinho, um guri, de mais ou menos dez anos de idade, me pede acanhado e gentilmente um dinheiro.

Primeiro me confirma sua origem Caingangue, depois pergunto seu nome, e antes de prosseguir a conversa digo ao “guri” que índio não deve pedir, fica feio, deve sim, trabalhar para ganhar a vida, pois segundo ele mesmo disse a Funai lhes dá roupa e comida, quem sabe até um salário, não sei.

Fica meio sem jeito e eu amenizo, enfim é uma criança, quer dois cruzeiros para um litrão de guaraná.

É quase meio-dia e ele na expectativa da doce bebida, pergunto-lhe se conhece uma Senhora de idade, a índia “Fulana” e o Pajé fulano de tal.

Meio desconfiado pergunta porque eu quero saber, e eu, lhe dou uma explicação satisfatória que o faz dizer que conhece ambas as pessoas, mas que elas não são daqui da beira do rio Passo Fundo, são de Cacique Doble.

Era o que eu queria saber, atravessamos a rua , no bar, comprei a guaraná, dei-lhe e ele disparou em direção ao rio, sem agradecer, apenas, disse-lhe de longe: Não esqueça meu nome, é fulano de tal.

Para ilustrar mais um pouco, num outro sábado, casualmente, encontrei o Senhor Augusto Cambí, um índio de terceira idade, a procura da Funai.

Bem apessoado, bem vestido, um relógio no pulso e uma pochete na cintura, meio desconfiado, contou-me, que veio a Passo Fundo de Florianópolis. Conte-lhe sobre meu livro e me disse que gostaria de conhecer a verdadeira história de Sepé Tiarayú, pois até agora só ouviu falar do seu nome.

Como podemos ver, eles adoram viajar. Vai daí, que eles não param e com seus artesanatos estão atentos aos acontecimentos turísticos e se deslocam incontinenti, para vendê-los como sói acontecer dias atrás em Santa Maria, após um evento, uma família de guaranis teve que se contentar com um banheiro para se abrigar, pois a “Casa de Passagem”

fora demolida.

Melhor sorte tiveram, neste verão, os guaranis na venda de artesanato na Praia de Imbé, onde o Prefeito mandou construir um aconchegante abrigo, onde pernoitam e trabalham. e para que os veranistas tenham uma boa impressão daquela praia.

Dona fulana de tal, vem de Cacique Doble nas quartas-feiras e vende seu trabalho na Gare, na Feira do Produtor e volta no mesmo dia para a sua terra, pois na beira do rio Passo Fundo não tem “Casa de Passagem” para abrigar-se.

Não só porque Passo Fundo, nossa Sesquicentenária cidade é a Sede Regional da Funai, que nossos índios Guaranis e Caingangues merecem, que o Poder Público Municipal e Federal e as pessoas de boa vontade, providenciem o mais rápido possível na feitura de uma “Tavaroga” (Casa do Povo).

Pode ser rústica, para rústicos que são, de moirão de eucaliptos, a moda nossos ranchos crioulos, porem circular ou ovalada, como se fosse uma autêntica “Tavaroga”, semi-rodada de costaneira, com banheiros e água corrente, uma

cozinha com refeitório e um fogo de chão, com bom pé direito para estenderem suas redes e um assoalho para fazerem seus trabalhos manuais, dito artesanato.

Penso: Engraçado, me criei ouvindo dizerem, que conforme a largura do rio, 30 ou 50 metros de suas margens, pertencem a União e que, quem administra é a Marinha do Brasil, entretanto, ali na beira do rio Passo Fundo, os proprietários brancos engoliram tudo, até o barranco do rio, pode, ou eu estou redondamente enganado ou mudou a lei e eu não sei?

Alguém me responda por favor!

Prossigo: O Senhor Prefeito Airton Dipp, manda de jipe a mão de obra, só carpinteiros e pedreiros; a RGE doa os eucaliptos de 5 a 8 metros de altura; os grandes da Acomac dão o telhado; as Madeireiras darão o assoalho e as costaneiras; e os pregos, tanques, vasos, pias, canos, chuveiros e torneiras, arrumamos de segunda mão, e por fim, a Corsan liga o líquido precioso e eu dou uma chapa de fogão e duas chaleiras de ferro, para aquecer a água para todos tomarmos chimarrão, brancos e índios, com a cara alegre, abrigados na Casa do Povo Indígena.

(*) Membro da Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 01/05/2007

Título : Tucanos em convenção

Categoria: Crônicas

Descrição: Eles apareceram na zona sul de Passo Fundo, no dia 19 de agosto de 2002.

Tucanos em convenção

Eles apareceram na zona sul de Passo Fundo, no dia 19 de agosto de 2002. Eram apenas três. No outro dia, uma manhã fria de inverno, mas ensolarada, trouxeram mais dois, perfazendo cinco.

Eu não sei o que eles vieram fazer aqui na minha casa, pois eu não sou tucano, sou do PMM (Partido do Mato ou Morro), mas, eles continuaram insistindo, me assediaram muitíssimas vezes, principalmente no inverno, talvez pensando que eu fosse fraquejar e me mudar para suas hostes.

Todos esses anos, eu tenho permanecido firme nas minhas convicções. Até a vizinhança, desconfiada, me perguntava, porque aqueles tucanos iam tanto lá em casa, será que estariam tramando alguma coisa mais séria? Quem sabe, pretendiam derrubar alguma rosa ou até alguma estrela.

Enfim, cansaram de me assediar e foram cantar não muito longe dali. Agora, há pouco, metade do mês de abril, resolveram os tucanos da zona sul de Passo Fundo fazer uma Convenção da pesada, para trocarem idéias estratégicas. Tal foi o que fizeram depois de muito deliberarem.

Reuniram-se, nos altos da Vila Reis, melhor dizendo, no início da vila Lucas Araújo.

Eu, de tocaia, de tanta convivência, pois já conhecia seus hábitos, os vi chegando no local da convenção, em pleno dia, cedo da tarde, quase uma hora. Chegou primeiro o chefão, depois mais um e mais outro, e eu contando, e não parava de chegar tucano, ao todo, contei dezessete.

A reunião foi agitadaíssima, pois passaram o tempo todo, como fazem deputados e senadores, se movimentando de um lado para outro, gesticulando, pulando e gritando, que, se eu não soubesse que era uma Convenção de Tucanos, juraria ser uma de macacos ou bugios.

A algazarra foi tanta, que juntou uma assistência de mais de cinqüenta admiradores dos tucanos, até que, de repente, se fez silêncio, e o chefão que foi o primeiro a chegar, também foi o primeiro a sair. Batendo as asas de quase um metro de envergadura, transferiu a dita reunião, do centenário louro, de mais de trinta metros de altura, para uma sapopema perto dali, de onde, após alguns minutos, puseram em ação a estratégia decidida na convenção.

Cada grupo de dois ou três tomou um rumo diferente, um para cada matinho das cercanias, pois nesses tempos de escassez para os tucanos, qualquer frutinha de cangerana é uma lauta refeição.

Eu também saí de volta para casa, feliz da vida com a Convenção dos Tucanos, pois, a bem dizer ontem eram três, e agora já são dezessete. Pretos, de papos vermelhos e amarelos, bicos verdes, dando gritos, de atalaia, no alto das árvores que ainda restam no sul de Passo Fundo.

Dizem os sabiás: Enquanto houver tucanos, haverá vida!

Ao meu avô, Pacífico. 1º de maio de 2007.

da revista Água da Fonte nº 06

Data : 30/11/2013

Título : Velha tapera getulista caída

Categoria: Artigos

Descrição: No século passado, no alvorecer dos anos 50, gaitero era um pássaro raro, apreciado, querido e admirado por todos.

ODILON GARCEZ AYRES

No século passado, no alvorecer dos anos 50, gaitero era um pássaro raro, apreciado, querido e admirado por todos. Não precisava ser lá um grande tocador, pois as gaititas eram de poucos recursos, de 4, de 8, de 16 e só com o passar dos anos, foram ficando rebuscadas. Hhéco, hhéco fum e lá se vinham uma rancheirita, uma havaneira antiga, marcada, um chotis, laranjeira, ou tanguiadito, la cumparsita, uma valsa, desde l'alma, limpa banco, bugio da fronteira, de levantá porvadeira, no fim do baile ou do fandango, para ficar um gosto de quero mais.

Seis e pico da manhã, clareando o dia, despontando a madrugada, vinha chegando um gaitero, o meu padrinho, para matar o café, e descansar da cansa, boleado da oito socos, mas antes... nos brindava com inesquecível serenata, numa, tocando o Picaço Velho...de sua autoria, porque vi, ouvi e revi muitas vezes, essa reiuna, marca borrada, e daí vinha a Velha Tapera, caída, triste, chorosa, recuerdo perene da minha geração, letra e música, cantada e decantada até hoje, pois..

Quando nos anos 70 fui levado pelas mãos e ideias do meu compadre, peão, posteiro, capataz, dançador e bandoleiro, porque tocava na banda, para conhecer o tal reduto dos grosso, onde se reunia a fina flor da grossura, que eu chamava de cetegéca, os meus ideais e os meus propósitos, se depararam, como eu sou hoje, com a velharada da Deretoria, como dizia, meu amigo José Antônio da Rosa, (que Deus o tenha), mas cujo patrão, era um índio de muita luz, irmão maior de outro luzeiro muito maior ainda.

Estavam reunidos, não sei nem como dizer, num canto, da Velha Tapera, que tinha caído, só restara a cozinha de abrigo do peão posteiro, dito caseiro, e nos ouviram com atenção e consideração, e como nosso negócio, era oferecido de graça, sem dinheiro ou caução, aprovaram e assinaram em baixo, que as nossas custas, fizéssemos o primeiro informativo folclórico.

Primeira tiragem de quinhentos, mandamos pros otros grossos do rio grande afora, pros daqui também, para acirrar a saudável competição, associados, comércio era nosso forte, e pras otoridades, e faculdades também, e a segunda e terceira uma dupla de mil exemplares, levamos pro Rodeio Internacional da Vacaria, e choveu de cartas dos grosso, e da fina flor que mandava até telegrama, parabenizando a tal de pioneira iniciativa cultural, e gauchesca.

Mas, a Velha Tapera Getulista, estava caída, de frente a fundos, de pé, só as laterais, mas nós, os piás e as gurias, fim de semana estávamos lá, servindo as mesas, jogando bocha, onde era a pista de danças, puxando terra, descarregando tijolo, espalhando brita, fazendo massa, carregando, ombreando barrotes, pregando soalho, pintando, cantando, assoviando, a hora de chegada

era marcada, de saída, nunca, faltava derrubar algumas que outras... a marretadas.

Durante a semana, cumprindo nossas obrigações, sempre sobrava aqui e ali uma palavra de motivação, de angariação, de doação, de garra, de vontade de ver a nossa casa de gaúcho novamente erguida, e chegaram a fuzél, cimento, zinco, janelões, portas e portões de ferro puro, e o Trombacha, desenhou bem grande, no frontispício, para o prefeito de plantão, de lá enxergar: CTG GV.

E convites foram feitos e despachados, por próprios e estafetas, entregues, desde o Alarico, peão campeiro, pro Lico posteiro, até a fina flor da sociedade foi convidada, compareceram, imaginem... o ilustre governador do Rio Grande do Sul, não pode vir... mandou sua mais bela flor, a primeira dama Ecléa Guazzelli, acompanhada do Deputado Romeu Martinelli, que gostaram, elogiaram, apertaram a mão, a minha, do patrão e do Sebastião.

Isso tudo aconteceu, no dia do baile de inauguração, um frio cavernoso, tempo emburrado, gelado, ventoso, fomos esperar o nosso padrinho o Porteira do Rio Grande e os Vacarianos, que vieram abrilhantar o acontecimento.

O galpão lotou, de peões, prendas e convidados, todos pilchaditos no mais, a gaúcho, a preceito, cola fina não entrava, e se não entrou... não dançava, veio caravana gaúcha até de São Gabriel, conferir, ser da balança, o fiel. Hiatos de histórias, feitos e acontecimentos, nomes e sobrenomes, não cabem numa folha de papel. Por longos anos foi recepcionista e anfitrião, da sociedade Passo-Fundense, cartão postal, referência, casamentos, aniversários, comícios, lançamentos e churrascadas, para todos os tipos e gostos, de petebistas, a cara e a casca, na verdade, brizolistas, governistas, angolistas, de difícil ponto de vista, todos iguais, ... era questão de honra, por duas vezes, disse... não nos serve mais, vamos, derrubar, arrasar, deixar plana aquela pista, estacionamento para motoristas da prefeitura, elitistas, pois no meu último mandato, mando e não dou quartel, pra quem não me conheceu... deixo meu nome na história, eu sou Coronel do Leonel.

Mas, já naqueles tempos, tinha carcará de plantão, aquela ave, mista de falconídeo com pernalta, pois anda aos pulos pelo chão, desajeitado, tem o bico adunco, garra, agarra, rasga, olha por cima, olhar escondido, encimado por grossas sobrelhas, sempre sério, não ri, talvez porque seus dentes sejam de ouro, moda árabe antiga, contrabandeada da península ibérica, e que nada lhe escapa, ainda mais quando encontra a sua vítima, nos estertores, por maus gestores, assim como já estava, quase caída, destripa, mata, e de sobremesa, saboreia a crista da velha tapera getulista.

NOTAS

Dedicado a pedido de Eurlí Mansueto Grando para os ex-sócios, fundadores e contribuintes e em especial para: José Enio Serafini, Zeferino e Pedro Ribeiro da Luz, Aldino Schmidt, Pité e Naco, Pulador, Capitão Bortolini, Velocindo Pinto de Lima, Brasileiro Aquino, Osvaldo Rodrigues, Alarico Batista, David, Osvaldo Mello e os piás de 70: Valdir Tamanho, José Grando, Ivaldo Trombetta, Valter Gonçalves Vieira, Carlos Bellin, Carlos Luiz Carvalho, e a lendária Invernada de Danças do CTG Getúlio Vargas. Primeiras Prendas: Alemoa e Preta. Os

Farroupilhas. Por fim, me ocorreu que posso ter recebido o apoio do espírito de Lacerda Almeida Junior, para escrever essa crônica.

(Odilon Garcez Ayres, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Visagem

Categoria: Artigos

Descrição: É este o termo que o gaúcho usa para definir aparições, fantasmas, espíritos e coisas de outros mundos.

ODILON GARCEZ AYRES

É este o termo que o gaúcho usa para definir aparições, fantasmas, espíritos e coisas de outros mundos.

Não quero parecer, nem sou, chulo, visionário, vidente, ou detentor de bolinha de cristal. Entretanto, sou bastante intuitivo e, às vezes, sonhador.

Sonhador, não no sentido de absorto, pensativo ou quimérico, mas aquele que sonha, com sonhos de outro mundo, daqueles que, em se contando, ninguém acredita.

Foram tantos e tantos, que já perdi a conta. Alguns anotei para relembra-los, outros contei por contar, a um ouvido amigo. Raros foram aqueles sobre os quais escrevi, pois é um assunto delicado, mui duvidoso, e “perigoso”, ainda mais que me rotulei e me aceitaram como escritor, modestíssimo, para não dizer inexpressivo. Mas escreba, sim, memorialista, regionalista ou, como somos conhecidos, contadores de causos, aqui no Rincão das Quinas ou no Cerrito do Ouro.

Antes de entrar no fato propriamente dito, eu poderia viajar sobre inúmeros assuntos do cotidiano, para parecer mais erudito ou, como se diz...para criar expectativa surreal, que é quase o caso que segue, isto é, irreal.

Sonho um sonho muito lindo, a construção de alvenaria é muito bela, moderna, totalmente branca, não muito alta, toda ela margeada de escadarias sem degraus, um aclave suave, tudo rodeando, para que o visitante possa apreciá-la de todos os ângulos. Mas, entrei pela frente, pelo lado direito da dita calçada, lisa, pintada de um branco leitoso, o mesmo da construção. E quando cheguei nos fundos, deparei-me com uma paisagem montanhosa como nunca vi: três escarpas, emparedando um vale, nem tão extenso, nem tão profundo.

Casa, vale e montanha se completavam, harmonicamente. Fiquei perplexo com a visagem: havia muitas pessoas ao redor, mas eu só tinha olhos para aquele panorama. Era só eu e aquela pintura, e pensei: Que bom gosto! Que tacada de mestre! A supervalorização que vai ter este imóvel, com esta paisagem deslumbrante ao fundo, é coisa de cinema. Que ideia fantástica! A pessoa que aqui vir, não vai mais querer sair daqui, é uma beleza sem par...Tudo isso me ocorreu naquele momento de verdadeiro êxtase, ainda mais que da frente não era visível esta paisagem. Ela escondida, parece-me que para impactar, ainda mais, a visão do visionário.

Pela manhã, lembrei-me do sonho e fui atrás do meu, esbodegado livro dos sonhos, já sabendo que “casa” é o nosso “eu” interior. Fui verificar o que significava aquela montanha, generalizando o que poderia ser um “canyon”, uma escarpa, a entrada dos aparados.

Porém, não vi nada igual materialmente, e me levanto e vou buscar o livro para copiar literalmente o que significa “montanha.”

Ainda bem que fui lá na estante, pois assim lembrei-me e recolhi da área a calopsita que iria passar frio na noite, se recolhida não fosse.

Montanha – símbolo de um homem majestoso, que ocupa cargos especiais. Subir a montanha e beber de suas águas: homem capaz de governar que chegará muito longe e ficará rico. Primeiro leio os jornais da terrinha e, só mais tarde, pois a primazia é da patroa, leio o da Capital. Isso lá num modesto cantinho, sem alarde ou muito destaque, sem foto, sem nada, pois já faz muitos dias (acho que tinha um mapinha da sua localização), a notícia que me chocou. Esse foi o alvo do meu sonho, premonição ou visagem antecipada, da inauguração da nova casa da RBS, na ilha de Yuruminin (em guarani antigo: boca ou mato pequeno), em Mbiaza (em guarani antigo: Santa Catarina).

Se é a casa do meu sonho, não sei, só vendo-a para crer na minha visagem. Já o seu significado é tão real que até o sobrenome está explícito. Quem viver, verá!

(Odilon Garcez Ayres , pseudônimo Arapitu, é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)